
Mestrado em Sociologia – Poder e Sistemas Políticos

Discente

Ana Luísa dos Santos Atanásio Bagina Alegria

Orientador

Professor Doutor Eduardo Esperança

Usos e Proveitos do Conhecimento Informático

Novas Tecnologias e Novas Sociabilidades

Universidade de Évora

2010

Mestrado em Sociologia - Poder e Sistemas Políticos

Discente

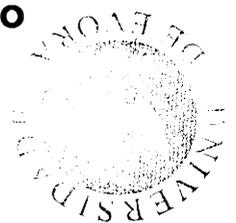
Ana Luísa dos Santos Atanásio Bagina Alegria

Orientador

Professor Doutor Eduardo Esperança

Usos e Proveitos do Conhecimento Informático

Novas Tecnologias e Novas Sociabilidades



186446

Dedicatória

A todos os que contribuíram, de uma forma ou de outra, para a realização deste trabalho.

Agradecimentos

Quero prestar os meus sinceros agradecimentos:

Ao Prof. Doutor Eduardo Esperança, pela disponibilidade sempre manifestada, pelo rigor, estímulo e seriedade demonstrados durante a orientação deste trabalho.

E a todos os que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho.

*“O futuro indeterminado que é o nosso, neste fim do século XX,
deve ser enfrentado de olhos abertos”*

Pierre Lévy

Usos e Proveitos do Conhecimento Informático

Resumo

O presente trabalho busca compreender a mediação e uso do conhecimento informático no contexto das redes sociais para a criação de novas formas de sociabilidade. Para tanto, apreende-se e constitui-se um corpo de conhecimentos teóricos e empíricos, que visa reflectir sobre os processos de interacção social tradicionais e mediados sob a óptica de vários autores, a definição das novas formas de sociabilidades, o espaço onde são institucionalizadas, a cultura emergente nas comunidades virtuais e nas respectivas redes sociais e virtuais. Assim sendo, elege-se como metodologia qualitativa a entrevista semi-dirigida e a respectiva análise de conteúdo e, quantitativa a aplicação de questionários e a sua análise em suporte informático

Dentro dessa perspectiva, acredita-se que as novas relações sociais, estabelecidas por intermédio das tecnologias, constituem-se numa rede de informação em que a interactividade e o uso do interface estão presente e, por conseguinte, o fluxo de informação cada vez mais intenso.

Uses and Benefits from Informatic Knowledge

Abstract

The aim of this work is to understand the use of informatics knowledge in social networks, in order to create new ways of socializing. To achieve that we've worked on theoretical and empirical knowledge so that we can reflect on the processes of traditional and informatics social interaction, according to different perspectives of several authors. Moreover, the definition of new ways of socializing, where they are institutionalized, and the emerging culture in the virtual communities and in the social and virtual networks are also the object of this study. Thus, the chosen methodology is both qualitative - the use of semi-directed interviews and their analysis - and quantitative, through the application of questionnaires and their analysis using SPSS.

In this perspective, we believe the new relationships through technology offer a strong interactivity and a more intense exchange of information.

Índice

Capítulo I – Introdução	14
Capítulo II – Definição do Objecto e Objectivos	16
1. Definição do Objecto de Estudo	16
2. Objectivos	16
Capítulo III – Leituras	17
Capítulo IV – Problema e Problematização	72
Capítulo V – Suporte Teórico	74
1. Globalização	74
2. Uma Nova Sociedade	77
2.1. Internet	77
2.2. Portugal na Sociedade da Informação	82
3. Sociabilidade	88
3.1. Definição	88
3.2. Formas de Interação Social	90
4. O Homem no contexto das Novas Tecnologias da Informação	101
4.1. Cultura de Massas	101
4.2. Era Digital	103
4.3. Interface entre o Homem e a Máquina	105
5. Novas Formas de Sociabilidade	108
5.1. Ciberespaço	108
5.2. Cibercultura	112
5.3. Virtual	114
5.3.1. Virtual Vs Possível	116
5.3.2. Virtual Vs Actual	116
5.3.3. Possível Vs Real	116
5.4. Rede	118
5.4.1 Rede Social	119
5.4.2. Rede Virtual	120

5.5. Comunidade	124
5.5.1. Comunidade Tradicional	125
5.5.2. Comunidades Virtuais	127
Capítulo VI – Metodologia Aplicada	129
Capítulo VII – Resultados	135
Capítulo VII – Discussão dos Resultados	175
Capítulo IX – Conclusão	178
Bibliografia	183
Anexos	195

Índice de Gráficos

Gráfico n.º 1 – Distribuição da Idade	135
Gráfico n.º 2 – Distribuição do Sexo	136
Gráfico n.º 3 – Distribuição do Estado Civil	136
Gráfico n.º 4 – Distribuição dos Distritos	137
Gráfico n.º 5 – Distribuição da Profissão	138
Gráfico n.º 6 – Distribuição das Habilitações Literárias	139
Gráfico n.º 7 – Distribuição da Ocupação dos Tempos-livres	140
Gráfico n.º 8 – Distribuição do Acesso à Internet	141
Gráfico n.º 9 – Distribuição da Periodicidade de Acesso à Internet	141
Gráfico n.º 10 – Distribuição do Local de Acesso À Internet	142
Gráfico n.º 11 – Distribuição da Finalidade na utilização da Internet	143
Gráfico n.º 12 – Distribuição do Tempo Online por dia	144
Gráfico n.º 13 – Distribuição das Desvantagens da Internet	145
Gráfico n.º 14 – Distribuição da Descrição das Desvantagens da Internet	145
Gráfico n.º 15 – Distribuição da Questão sobre a Internet como ferramenta de comunicação (à distância)	146
Gráfico n.º 16 – Distribuição da Questão sobre a Internet como forma de comunicar com os outros	146
Gráfico n.º 17 – Distribuição da classificação das Potencialidades dos Serviços da Internet	147
Gráfico n.º 18 – Distribuição da forma como o fenómeno da Internet como ferramenta de comunicação (à distância) é encarado	148
Gráfico n.º 19 – Distribuição dos motivos e vantagens para a utilização da Internet como ferramenta de comunicação à distância	149
Gráfico n.º 20 – Distribuição dos Contributos da Internet no dia-a-dia e no desempenho das actividades dos inquiridos	150
Gráfico n.º 21 – Distribuição da opinião dos inquiridos relativamente à afirmação de que a Internet influenciou a vida das pessoas	151

Gráfico n.º 22 – Distribuição da Influência que a Internet tem na vida das pessoas ... 152
Gráfico n.º 23 – Distribuição das limitações da Internet 153

Índice de Tabelas

Tabela n.º 1 – Resultados obtidos pela Comparação das variáveis Acesso à Internet e Navegar na Internet nos tempos-livres	156
Tabela n.º 2 – Resultados do Teste do Qui-Quadrado	157
Tabela n.º 3 - Resultados obtidos pela Comparação das variáveis Estado Civil e Internet como ferramenta de comunicação à distância	159
Tabela n.º 4 – Resultados do Teste do Qui-Quadrado	160
Tabela n.º 5 - Resultados obtidos pela Comparação das variáveis Escalão Etário e Navegar na Internet nos tempos-livres	161
Tabela n.º 6 – Resultados do Teste do Qui-Quadrado	162
Tabela n.º 7 - Resultados obtidos pela Comparação das variáveis Escalão Etário e Internet como formade comunicar com os outros	164
Tabela n.º 8 – Resultados do Teste do Qui-Quadrado	165
Tabela n.º 9 – Distribuição da Idade	207
Tabela n.º 10 – Distribuição do Sexo	207
Tabela n.º 11 - Distribuição do Estado Civil	207
Tabela n.º 12 – Distribuição das Habilitações Literárias	208
Tabela n.º 13 – Distribuição do Distrito	209
Tabela n.º 14 – Distribuição da Profissão	210
Tabela n.º 15 – Distribuição da Ocupação dos Tempos – livres	211
Tabela n.º 16 – Distribuição do Acesso à Internet	211
Tabela n.º 17 – Distribuição da Periodicidade de Acesso à Internet	212
Tabela n.º 18 – Distribuição de Tempo que fica Online por dia	212
Tabela n.º 19 – Distribuição do local onde acede à Internet	213
Tabela n.º 20 – Distribuição da Finalidade de utilização da Internet	213
Tabela n.º 21 – Distribuição das Desvantagens da Internet	214
Tabela n.º 22 – Distribuição da utilização da Internet como forma de comunicar com os outros	214
Tabela n.º 23 – Distribuição das Potencialidades da Internet	215

Tabela n.º 24 – Distribuição da forma como é encarado o fenómeno da Internet como ferramenta de comunicação à distância	216
Tabela n.º 25 – Distribuição dos motivos e vantagens da utilização da Internet como forma de comunicar com os outros	217
Tabela n.º 26 – Distribuição dos contributos da Internet no dia-a-dia e no desempenho das actividades dos inquiridos	218
Tabela n.º 27 – Distribuição das respostas à afirmação “a Internet influenciou a vida das pessoas”	218
Tabela n.º 28 – Distribuição da influência da Internet na vida das pessoas	219
Tabela n.º 29 – Distribuição das limitações da Internet	229

Índice de Anexos

Anexo n.º 1 – Guião da Entrevista	195
Anexo n.º 2 – Questionário	197
Anexo n.º 3 – Quadro Síntese da Análise de Conteúdo	204
Anexo n.º 4 – Apresentação dos Resultados	207

Capítulo I – Introdução

Hoje temos consciência que a humanidade foi alcançando vários níveis de organização social, até à forma actualmente estabelecida.

O primeiro nível remete-nos para a luta pela sobrevivência, na organização social das relações entre a natureza e a cultura.

Posteriormente, segue-se o nível número dois, onde se destaca o domínio da cultura, ou seja, o controlo do homem sobre o natural. Foi caracterizado pela Idade Moderna, com o advento da Revolução Industrial, o poder da razão, proporcionando melhores condições de vida e riqueza da sociedade. Com o desenvolvimento da técnica e a acção do homem sobre a natureza surgem as primeiras noções de progresso

Por último, o nível onde se substitui a natureza pela cultura. Este é marcado pelo início de uma nova existência, uma nova sociedade, marcada pela autonomia da cultura sobre o que sustenta, materialmente, a nossa existência. É, pois, um indicador da sociedade da informação, um padrão puramente cultural de interação e organização social, em que a informação é a peça-chave, na medida em que o fluir de imagens e mensagens entre redes constitui o elemento básico.

O fluxo de informação, presente na sociedade da informação, advém das tecnologias de informação e comunicação (TIC). As práticas sociais e culturais sofreram mudanças em decorrência desse processo, fazendo surgir, portanto, novas exigências e desafios para a sociedade.

Tal realidade coloca em discussão as novas relações sociais e o que é experienciado virtualmente. Como refere Cádima, o Homem prossegue, agora, “uma profunda revolução de procedimentos tecnológicos”¹.

É preciso compreender as especificidades dessas relações sociais e quais os seus modos de constituição. É esta temática que me proponho desenvolver com a este trabalho.

¹ Cádima, F. (1999). *Desafios dos Novos Media – a nova ordem política e comunicacional*. Lisboa: Editorial Notícias. (pág. 11)

O presente estudo está organizado em nove capítulos. No primeiro capítulo são apresentados o objecto e os objectivos, tanto gerais como específicos deste estudo. O capítulo segundo refere-se às leituras realizadas durante a investigação, onde se apresentam, para cada uma, uma ficha de leitura. O terceiro capítulo expõe o problema em estudo. De seguida, o capítulo IV refere-se ao suporte teórico, que se divide em cinco partes. A primeira prende-se com o fenómeno da globalização. A segunda pretende efectuar uma abordagem sobre a sociedade da informação, sobre o conceito de rede que suporta a internet e sobre a situação em que Portugal se encontra nesta nova sociedade. Em terceiro lugar aborda-se o conceito de sociabilidade, e apresentam-se algumas formas de interacção social segundo Goffman, Thompson, Rodrigues e Primo. Posteriormente, segue-se uma contextualização do Homem perante as Novas Tecnologias da Informação, onde se expõem as temáticas da Cultura de Massas, da Era Digital e o Interface entre o Homem e a máquina. Por último, a quinta parte, refere-se às Novas Formas de Sociabilidade, onde se definem conceitos como, Ciberespaço, Cibercultura, Virtual, Rede e Comunidade, fazendo alusão às concepções tradicionais e virtuais.

O capítulo que se segue é o da metodologia aplicada, onde se especificam quais as técnicas utilizadas, tanto na pesquisa quantitativa como na pesquisa qualitativa, refere-se a aplicação dos dados, o seu questionamento de campo e recolha de dados.

O sétimo capítulo diz respeito aos resultados, onde se efectua o tratamento dos dados, num trabalho quantitativo e qualitativo, e suas formas de agregação. O capítulo oitavo aborda a discussão dos resultados.

Por fim, o capítulo IX sistematiza um conjunto de conclusões.

São ainda apresentados, em anexo, alguns documentos, tais como, o guião da entrevista e o questionário.

Capítulo II – Definição do Objecto e Objectivos

1. Definição do Objecto de Estudo

Observação, levantamento e estudo das alterações localizadas ocorridas com a emergência do uso das novas tecnologias e consequências desse uso na experiência social quotidiana.

2. Objectivos

- Gerais:
 - Perceber as repercussões pessoais e sociais que um indivíduo “ligado” aos novos dispositivos e redes sociais tem no seu percurso de vida devido às suas escolhas;
 - Que “Novas formas de sociabilidade emergem com esta experiência;
 - Compreender e explicar os modelos de difusão destas novas experiências e como elas afectam o real quotidiano.

- Específicos:
 - Distinguir formas de experiência específicas com as Novas Tecnologias;
 - Caracterizar física e psicologicamente o tipo de indivíduos agregados, bem como a sua linguagem;
 - Explicitar as rotinas destes tipos de experiência;
 - Identificar o tipo de relação entre indivíduos com este mesmo tipo de experiência;
 - Saber quais as suas representações sociais e forma de modulação;

Capítulo III – Leituras

Internet e interactividade²

A Internet tem vindo a transformar-se num meio de comunicação bastante significativo. Apresente uma simbiose entre os meios de difusão e os meios de interacção, pelo facto de permitir que a mesma informação seja transmitida a um público diferenciado, permitindo também, que cada indivíduo interaja com a informação que lhe é enviada, com a sua fonte e os seus destinatários.

Características da Internet:

- Desintermediação no processo de comunicação;
- Baixos custos;
- Velocidade de comunicação;
- Ausência de limites físicos.

Ao nível da promoção na Internet (da publicidade à informação), esta torna-se importante na medida em que se pretende informação válida, orientada, específica e aprofundada e outras em contacto com os agentes e autores, ultrapassando assim, o senso comum.

Relativamente à sua arquitectura, um sítio da Internet desempenha uma função informativa. Para que isso aconteça, na sua plenitude, deve obedecer a princípios básicos na construção do mesmo.

1. Deve ser orientado para o utilizador;

² Paulo Serra, Universidade da Beira Interior. Acedido em 02 de Junho de 2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/490/serra-paulo-internet-interactividade.pdf>.

2. Procurar fornecer ao utilizador o máximo de informação que lhe satisfaça as suas necessidades, embora se tenha que evitar a sobrecarga de informação que possa ser remetida para outros sítios (economia);
3. A organização da informação deve ser perceptível ao utilizador (simplicidade lógica);
4. Deve dar-se prioridade às formas visuais na apresentação da informação (visualização).

Segundo os marxistas (Marx, Peirce e Heidegger) o homem é concebido como um ser interactivo, pela sua relação com as coisas e pela sua relação com o seu semelhante.

George Simmel “identifica a sociedade com interacção, com influência recíproca ou reciprocidade de efeitos entre as acções de cada homem e as dos outros”. Segundo este autor as formas de interacção são parte integrante da sociedade que emerge, “pois elas não são nem a causa nem a consequência da sociedade, mas são, elas próprias, a sociedade”³.

No geral, a interacção assume várias formas, correspondendo, a cada uma delas, um grau específico de interactividade (traça, conflito, dominação, sociabilidade, etc.).

Influenciados pelo pragmatismo, George Herbert Mead, Herbert Blumer e Ervin Goffman, no Interaccionismo Simbólico, encaram o processo de interacção como “a origem e o fim de todo o significado e, assim, de toda a humanidade do homem.”⁴

Ervin Goffman defende a hipótese de que “um estudo conveniente das interacções se interessa não pelo indivíduos e pela sua psicologia mas sobretudo pelas

³ Simmel, G. (1998). “The problem of sociology” In *Individuality and Social Forms* (Select Writings Edited and with an Introduction by Donald N. Levine), The University of Chicago Press, Chicago, London (pág. 27) In Paulo Serra. *Internet e interactividade*. Universidade da Beira Interior. Acedido em 02 de Junho de 2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/490/serra-paulo-internet-interactividade.pdf>.

⁴ Goffman, E. (1998). *Les Rites d' Interaction*. Paris: Les Éditions de Minuit. (pág. 8) In Paulo Serra. *Internet e interactividade*. Universidade da Beira Interior. Acedido em 02 de Junho de 2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/490/serra-paulo-internet-interactividade.pdf>.

relações sintácticas que unem as acções de diversas pessoas mutuamente em presença”⁵.

A interactividade começou a ser analisada pelos informáticos nos anos 50 para conceptualizar a relação que se estabelece entre o homem e a máquina.

Segundo Adriano Duarte Rodrigues “um dos principais objectivos da investigação actual no domínio da informação consiste no desenvolvimento dos processos de interactividade, visando uma cada vez maior convivibilidade dos dispositivos técnicos.”⁶.

O termo interactividade apresenta, como se verifica, alguma ambiguidade, pelo facto das teorias onde tem origem e os domínios em que é utilizados são dispares.

Em relação a interactividades como variável de comunicação, Sheizaf Rafaeli identificou três tipos / níveis de comunicação:

- Comunicação nos dois sentidos ou não interactiva;
- Comunicação reactiva ou quase – interactiva (a mensagem aparece como resposta a uma mensagem imediatamente anterior);
- Comunicação interactiva (a comunicação aparece como resposta a uma ou várias comunicações prévias; os papéis de emissor e receptor são assumidos alternadamente; a mensagem surge tendo em conta todas as mensagens anteriores de ambos os participantes, bem como a relação entre elas).

Num segundo modelo teórico de Rafaeli a interactividade expressa o grau de acordo com o qual a comunicação transcende a reacção.

⁵ Goffman, E. (1998). *Les Rites d' Interaction*. Paris: Les Éditions de Minuit. (pág. 8) In Paulo Serra. *Internet e interactividade*. Universidade da Beira Interior. Acedido em 02 de Junho de 2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/490/serra-paulo-internet-interactividade.pdf>.

⁶ Rodrigues, A. D. (2000). *Dicionário Breve da Informação e da Comunicação*. Lisboa: Presença (pág. 72) In Paulo Serra. *Internet e interactividade*. Universidade da Beira Interior. Acedido em 02 de Junho de 2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/490/serra-paulo-internet-interactividade.pdf>

A ideia de interactividade como variável de comunicação permite utilizar este termo ao nível das comunicações interpessoal, face a face e tecnologicamente mediada.

McMillan propôs um modelo aplicável ao estudo da interactividade na Internet, segundo o qual existem três tipos fundamentais e diferentes de interactividade:

1. Utilizador – para – utilizador (os indivíduos interagem um com os outros; comunicação interpessoal);
2. Utilizador – para – documentos (forma como o público activo interpreta e usa as mensagens dos media; pesquisa sobre os media)
3. Utilizados – para – sistema (interacção entre o indivíduo e o computador; pesquisa sobre interface entre o homem e a máquina)

Relacionando o modelo teórico de McMillan e a distinção de Rafaeli sobre as modalidades da interactividade torna-se possível distinguir seis modalidades de interactividade:

1. Reacção utilizador – para – utilizador;
2. Interacção utilizador – para – utilizador;
3. Reacção utilizador – para – documento;
4. Interacção utilizador – para – documento;
5. Reacção utilizador – para – sistema;
6. Interacção utilizador – para – sistema;

Este modelo pode ser aplicado para medir o grau de interactividade de qualquer médium, tendo em conta as suas estratégias de comunicação.

Sendo a Internet um meio de comunicação que tem como conteúdos todos os outros, possibilita mais interactividade (e formas desta).

A Internet constitui-se “como uma espécie de meta-medium que reúne, em si e a partir de si, todos os outros *media*.”⁷

⁷ Serra, P. Serra. *Internet e interactividade*. Universidade da Beira Interior. (pág. 11). Acedido em 02 de Junho de 2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/490/serra-paulo-internet-interactividade.pdf>

O aumento da interactividade permite que a informação que se obtém seja mais rica, objectiva, variada e adaptada às necessidades de cada usuário.

A interactividade é, pois, uma característica essencial ao ser humano e do seu agir. Ao nível da Internet, investir na interactividade é fomentar o envolvimento dos seus utilizadores.

As Novas Tecnologias da Informação numa Sociedade em Transição⁸

Actualmente a sociedade tem sofrido várias alterações em todas as áreas do conhecimento humano. Muitas foram também as mudanças profundas ao nível da conduta, atitudes, costumes e comportamentos das pessoas, devido aos meios de comunicação, provocados pelo avanço das novas tecnologias.

As novas tecnologias crescem, de forma, exponencial, em todas as partes do mundo, provocando, de um modo geral, um olhar diferente sobre o mundo.

Todas estas mudanças acarretam uma valorização do conhecimento cada vez maior, pois as Tecnologias da Informação e Comunicação tanto podem auxiliar na organização do conhecimento como auxiliar na sua disseminação.

A Sociedade da informação é um estágio de desenvolvimento social que se caracteriza pela forma como os seus membros adquirem e transmitem a informação. É também uma forma nova de organização da economia e da sociedade.

Ocorre uma mudança ao nível do comportamento que dá acesso à informação e, assim, desenvolve várias transformações sociais, pelo facto de se alterarem os valores, as atitudes e o comportamento e, por conseguinte, a cultura e os hábitos da sociedade.

A informação é entendida nesta sociedade como um meio que veicula as transformações sociais e culturais.

Na sociedade da informação podemos destacar quatro factores fundamentais:

- Os utilizadores (pessoas);
- As infra-estruturas (meios técnicos);
- Os conteúdos (produtos e serviços);
- O entorno (factores diversos de influência a sociedade).

⁸ Márcia Maria Palhares, Rachel Inês da Silva e Rosemar Rosa. Acedido em 02 de Junho de 2009, em URL: http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/MarciaPalhares.pdf.

Esta sociedade é baseada na relação que está e se estabelece entre estes factores.

Como contrapartida à explosão informacional existem sectores da população que resistem às novas tecnologias, não a introduzindo na sua cultura global.

Desde o seu aparecimento até aos dias de hoje, a sociedade da informação trouxe vantagens ao nível da qualidade de vida e da facilidade de acesso à informação, imprescindível na participação social e política.

As tecnologias da informação são encaradas como um meio de processar a informação. Por sua vez, a informação é entendida como matéria – prima das novas tecnologias.

Toda a informação que tem origem num sistema avançado de informação ultrapassa, em larga escala, os estereótipos de velocidade, armazenamento e flexibilidade no tratamento da informação.

A revolução tecnológica da informação está focada em promover a interacção entre tecnologia e sociedade.

As mudanças tecnológicas terminaram no século XIX, a partir daí surgiram outras inovações.

No passado o acesso à informação e ao conhecimento eram um aspecto importante na sociedade, hoje tudo isso se tornou numa necessidade.

Toda a mudança tecnológica serviu para melhorar, de forma muito significativa, as tecnologias da informação e comunicação. A globalização tecnológica deriva de todos esses avanços das tecnologias da informação e comunicação. Este aspecto é bem visível nos países mais desenvolvidos.

Com a revolução das tecnologias da informação e comunicação, onde informação e conhecimento são as peças – chave, só quem os detém consegue permanecer em sociedade e adaptar-se às mudanças económicas, políticas, sociais e psicológicas que serão provocadas pelas novas tecnologias.

Tecnologias da Informação e Comunicação: As Influências das Novas

Tecnologias perante a Sociedade⁹

As Tecnologias da Informação e da Comunicação proporcionaram o conhecimento de diversas culturas, uma melhoria dos meios de comunicação e uma maior rapidez.

Os meios de comunicação de massa influenciam a sociedade ao consumo, massificam hábitos, costumes e atitudes.

A partir dos anos 60 é formada a sociedade da informação, resultante de uma revolução tecnológica que dá fim à Segunda Grande Mundial. A computação e a comunicação determinam o seu surgimento.

Na década de 60 os EU, com a preocupação de um possível ataque da União Soviética, solicitaram a ARPA para desenvolverem uma rede de telecomunicações interoptável. Em 1970 a Arpanet estabelecem ligações entre comunidades académicas e a comunidade militar.

No fim da Guerra Fria houve uma expansão da tecnologia de comunicação. Foram conectados vários centros de pesquisa e através do intercâmbio de conhecimentos criou-se um browser. A Internet foi, assim, tornada uma realidade, um meio de informação para a sociedade.

Muitas foram as mudanças pelo uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, comportamentos em relação ao acesso à informação, dinamismo e rapidez na procura e nas formas de comunicação que causaram um impacto na vida quotidiana.

A sociedade da informação é uma nova forma de organização da economia e sociedade, um estágio de desenvolvimento social que acontece pela capacidade dos

⁹ Márcia Maria Livia Andrade e Fabiano Correa da Silva. Acedido em 16 de Dezembro de 2008, em URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-lidia-oliveira-globalizacao-Internet.pdf>.

indivíduos de partilhar e adquirir informações. A informação é a peça – chave que proporciona as transformações sociais e culturais.

Os *media* escravizam a sociedade, pondo em relevo tudo o que pode ser objecto de futuro lucro e publicidade. São idolatrados pela sociedade. Tornam a sociedade pouco consciente, limitando o uso da palavra e da imagem como objecto de persuasão.

A televisão atinge a conduta dos indivíduos, o cognitivo, valores e atitudes dos espectadores, independentemente da origem, cultura e local. Influencia os restantes meios de informação e comunicação. Por vezes é a única forma de lazer das pessoas, proporcionando o individualismo e a escravidão de uma tecnologia.

Funciona mediante a audiência que indica qual o interesse do indivíduo que assiste.

É uma forma de pôr fim à solidão e de analisar a vida em vários níveis (real e fictício).

Influencia a vida do indivíduo pela percepção do eu e da sociedade, pela aprendizagem na observação dos outros. É, assim, uma formadora de indivíduos num todo (atitudes, conduta a tomar em sociedade).

A tecnologia ultrapassou o homem, devido às características, capitalista e individualista, da sociedade de hoje.

A partir da tecnologia surge a capacidade de transformação da sociedade e a aplicação de conhecimentos e informações para gerar conhecimentos e dispositivos de processamento e de comunicação.

O tempo livre da sociedade capitalista é passado a consumir.

O trabalhador deve, a qualquer momento, estar atento para aprender e adaptar-se às mudanças tecnológicas. No mundo do trabalho a tecnologia pode ser considerada um factor de exclusão ou de inclusão, dependendo dos conhecimentos tecnológicos que apresente.



A tecnologia transforma, tem a capacidade de criar linguagens, mudar padrões de trabalho, consumo e de lazer.

Numa sociedade globalizada o saber é produzido para ser consumido.

As novas tecnologias dão muito valor ao factor económico, influenciando o consumo. Logo, o capitalismo instalou uma sociedade de consumo.

O consumo é, assim, um suporte de comunicação e, a partir dele, se estabelecem relações, o que aumenta a distância entre os indivíduos e as desigualdades sociais e económicas.

O capitalismo tem interesse nas novas tecnologias pelo lucro que estas lhes podem proporcionar.

As tecnologias da informação e comunicação modificam as relações interpessoais e influenciam a sociedade a nível social, cultural e psíquico.

Durkheim e Weber: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo¹⁰

Transformações profundas têm surgido a todos os níveis da sociedade, devido aos valores já ultrapassados da modernidade e ao advento das novas tecnologias da comunicação.

A ligação entre meios de comunicação de massa, microinformática e o desenvolvimento crescente das redes comunicacionais alteraram o quotidiano e a forma como o indivíduo compreende o mundo e os outros.

A partir de todas estas alterações, verificam-se novas formas de sociabilidade, que segue uma lógica mais individual, com papéis definidos segundo um determinado momento. Esta nova forma de sociabilidade é denominada por tribalismo. Acontece predominantemente a nível urbano e caracteriza-se pela vontade de estar perto e pela reunião segundo afinidade e interesses.

O paradigma da modernidade tem início no século XVII e termina em meados do século XX e apoiava-se na razão e no progresso, que serviam de motores para uma sociedade organizada (de forma racional).

Na modernidade acreditava-se no racionalismo e na vitória do homem sobre a natureza.

O positivismo foi uma corrente sociológica da modernidade que se baseava no progresso linear da sociedade, do poder exclusivo e absoluto e da razão humana em conhecer a realidade e traduzi-la em leis naturais.

Durkheim defendia que a sociedade poderia ser explicada da mesma forma que a natureza, utilizando os mesmos procedimentos que as ciências naturais. Utilizava a Sociologia para explicar a sociedade e distinguir a educação, a família e a religião para

¹⁰ Sílvia Jurema Quaresmo. Revista Electrónica dos Pós-Graduados em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 n.º 1 (3), Janeiro – Julho, p. 81 – 89, Acedido em 16 de Dezembro de 2008, em URL: http://www.emtese.ufsc.br/3_art6.pdf.

a organização social. Numa visão optimista Durkheim, encarava a divisão do trabalho como uma forma de aumentar a solidariedade entre os homens.

Para criticar esta corrente Edgar Morin refere que não existem verdades absolutas, mas sim verdades relativas e que acreditar na verdade absoluta, incapacita o conhecimento e a racionalização.

Na pós-modernidade prevalece o pensamento complexo e a transdisciplinaridade. O pensamento complexo une, contextualiza, globaliza, reconhece e singular, individual e concreto.

Max Weber foi o primeiro sociólogo da pós-modernidade a partir da compreensão da acção dos indivíduos, as suas intenções e motivações que vivenciam certas situações sociais. Fica, assim, estabelecida a abordagem subjectiva do sujeito que resulta sempre numa explicação parcial.

Weber criou um modelo de análise, o tipo-ideal, que é uma construção do pensamento, que auxilia na pesquisa das causas dos factos sociais e na sua percepção.

Maffesoli utiliza as ideias de Durkheim e de Weber para explicar as alterações ocorridas na pós-modernidade.

Neotribalismo: Durkheim e Weber e Maffesoli

Segundo Maffesoli a pós-modernidade vem substituir a Era Moderna, o individualismo social, pois houve a necessidade de solidariedade e protecção do conjunto social. A metáfora tribo é utilizada para ultrapassar isso, porque valoriza a unidade e se caracteriza pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e dispersão.

Na sociedade pós-moderna aconteceu vários tribalismos, são também chamados de neotribalismos. São, assim, definidos como comunidades emocionais, um conjunto que remete para a subjectividade partilhada, de adesão fugaz e sem uma finalidade concreta que garanta a continuidade.

Para Weber uma comunidade define-se por uma relação social, orientada para a acção baseada na solidariedade, num processo de integração, com sentimento de

pertença e motivados pela emoção e afecto. Para Weber a comunidade afectiva está mais ligada às instituições e depende da tradição, das atitudes e dos valores.

As comunidades emocionais por serem abertas e com ausência de uma organização e estrutura tornam-se atractiva, o que provoca uma multiplicidade de grupos, ou seja, de reagrupamentos de microtribos, que procuram novas formas de solidariedade, as quais não encontram nas instituições habituais.

Maffesoli associa a solidariedade orgânica, fomentada por Durkheim (o encontro de interesses cria um laço social), à cultura de sentimento que se fundamenta na vida em colectivo.

À semelhança das comunidades neotribalistas, a solidariedade orgânica tem como principais fundamentos a autonomia, a consciência individual, a diversidade de papéis sociais e o sentimento partilhado entre os membros da comunidade.

O neotribalismo é a resposta a uma sociedade fragmentada e individualista. A tribo funciona como uma forma de criação de possíveis laços afectivos e como um símbolo de identidade.

Apoiado em Weber, nas comunidades emocionais e, em Durkheim na solidariedade orgânica, Maffesoli acenta o Neotribalismo na pertença a um grupo com o objectivo de criar laços.

Sociabilidade e Rede¹¹

Em que medida e como as novas tecnologias transformam o que somos e o que podemos ser?

A internet permitiu que a troca de informação fosse instantânea e assíncrona, onde o indivíduo em qualquer lugar pode ter acesso a tudo o que há e pode estar em rede. O acesso é ilimitado na rede, pois o facto de estar conectado na rede está, simultaneamente, conectado em toda a rede. Há, portanto, uma concentração absoluta e uma descentralização no sistema.

A rede é um potencializador do indivíduo, por ser um modelo de apreensão individual do todo, pela crítica ao mediador do interesse geral.

É, assim, entendida como um lugar de experiência. É também, necessário compreender conceitos como interface, imersão, anonimato e interactividade.

Interface é o software que traduz e dá forma à interacção entre o usuário e o computador.

A tecnologia é vista como um espaço a ser explorado. Assim, é através do rato que o usuário entra e manipula o espaço de informação, conferindo à experiência a imediatez e a instantaneidade.

Imersão remete para a ideia de que o homem se projecta no mundo, entra nele e perde as suas fronteiras.

Nas comunidades virtuais interage-se, inicialmente, em função de interesses comuns, conhecem-se os indivíduos e só depois se conhecem fisicamente. As interacções sociais na rede não são feitas directamente entre os indivíduos, mas sim entre imagens, projecções.

É a partir disto que se incorporou, em todo o mundo, uma nova forma de comunicar e vivenciar a realidade das redes e, assim, criaram-se novas formas de sociabilidade e os respectivos efeitos sobre o quotidiano das pessoas.

¹¹Silva Souza. Acedido em 16 de Dezembro de 2008, em URL: <http://souzaesilva.com/Website/portfolio/webdesign/siteciberidea/fpizzi/textos/sociab.pdf>.

A cibercultura provoca novos olhares e abre novos caminhos. A mudança é consequência da tecnologia.

A mudança pode ser avaliada através do conceito de comunidade, na época pré-moderna e na época pós-moderna.

Nas sociedades pré-modernas e modernas o espaço e o tempo coincidiam, sendo a presença um aspecto importante na vida social.

Nas sociedade pós-modernas o espaço e o tempo são levados em função das influências sociais distantes, pela explosão comunicacional fomentadas através da ausência ou distância e relação entre ausentes.

O ciberespaço define uma sociabilidade de afastamento físico. O sentimento de pertença existe, embora à distância. O mesmo se pode dizer das relações, que são estabelecidas pela ausência de presença.

Nas comunidades pré-modernas os indivíduos não podiam seleccionar a comunidade a que pertenciam.

Nas sociedades pós-modernas o indivíduo tem a possibilidade de eleger a comunidade que quer pertencer, o que se deve à múltipla inscrição social.

Nas comunidades virtuais o sentimento de pertença é sempre selectivo, onde o indivíduo pertença se, quando e por quanto tempo estiver interessado a fazê-lo.

Nas comunidades virtuais a territorialidade é simbólica, pelo facto da rede ser considerado um não – local.

A permanência é relativa, com tendências efémeras. A múltipla inscrição dos indivíduos em agrupamentos e o imediatismo provocam um intenso processo de activação e desactivação de grupos.

As comunidades virtuais existem pela existência de comunicação. Há um centramento no presente, que conduz à criação da ideia de um projecto comum.

O ciberespaço é um projecto com rumo ao futuro, com influências de solidariedade e de sentimentos de cooperação e de entreaajuda com os membros da comunidade.

Ciberespaço e Virtualização¹²

As Tecnologias da Informação e Comunicação são muito importantes no processo de mudança social, são um pilar na sociedade da informação e do conhecimento.

As novas tecnologias são produtos sociais e os novos ambientes tecnológicos geram novas sociabilidades, que provocam novos valores que iram reforçar essas novas sociabilidades.

Através da Internet criou-se um novo espaço social, virtual, a-temporal, designado por ciberespaço.

Virtual é uma firma ilusória de criação, de abrir futuros.

O ciberespaço, segundo Pierre Lévy, é um novo meio de comunicação que emerge da interconexão mundial dos computadores. É uma infra-estrutura material de comunicação. Suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas do ser humano.

A partir do ciberespaço surge uma cibercultura, que resulta da junção de técnicas, práticas, atitudes, formas de pensar e valores que se adquirem e desenvolvem no espaço virtual.

As relações sócias também são influenciadas, ao nível dos seus contornos e características, em relação às interações sociais que se desenvolvem no mundo real. Assim, a “nova noção de espaço, onde físico e virtual são mutuamente influenciáveis, proporcionando um campo fértil para a emergência de novas formas de socialização, de modos de vida e de organização social”¹³.

¹² Prof. Doutor Carlos Silva, Dr.^a Noémia Marujo e Dr. José Saragoça, Universidade de Évora, Departamento de Sociologia. Pós-Graduação em Sociologia: Políticas e Práticas em Turismo, disciplina de Turismo e Tecnologias de Informação e Comunicação – Sessão 6. Acedido em 16 de Dezembro de 2008, em URL: www.ensino.uevora.pt/tmp/cursos/PPT/TIC/sessao5.../aula.doc.

¹³ Cardoso, G. s.d. *Contributos para uma sociologia do ciberespaço*. In <http://bocc.ubi.pt/pag/cardoso-gustavo-sociologia-ciberespaco.html> In Prof. Doutor Carlos Silva, Dr.^a Noémia Marujo e Dr. José

Com as Tecnologias da Informação e Comunicação podemos aceder, de forma fácil, a novas fontes de informação, criar empresas e serviços online, oferecer melhor qualificações na rede virtual, aderir, individual ou colectivamente, a páginas de informação na Internet, até mesmo criá-las.

Introdução do Design Digital, Tecnologias e novas formas de sociabilidade¹⁴

As redes de informação tornaram-se um lugar importante nas práticas sociais que acontecem no plano concreto e através da tecnologia.

As estruturas sociais foram metaforizadas a partir de redes e deram origem à comunidades virtuais.

Segundo Tönies, o conceito de comunidade está relacionado com o facto de o Homem estabelecer laços de pertença a uma região. Já na sociedade, as relações que se estabelecem são de ordem dinâmica, mais mecanicista e funcional.

Durkheim e Weber permeavam a relação social que se estabelecia a nível simbólico.

A Sociologia Clássica propõe pessoas na mesma área geográfica ou grupos de pessoas com interesses ou funções comuns.

Rheinghold refere-se às comunidades virtuais como agregados sociais que surgem na rede (Internet) quando existe uma quantidade suficiente de pessoas em conversa pública, num tempo suficiente. Estas pessoas desenvolvem sentimento e formam redes de relações pessoais no ciberespaço que, por sua vez, não constitui um território material.

As comunidades virtuais são criada a partir de interesses pessoais.

O espaço onde se desenvolvem é designado por Virtual Settlement, o ciberlugar, delineado por interesses e onde ocorre interactividade. Apresenta-se com vários comunicadores, tem um espaço público comum, onde a comunicação é feita através de computador.

14

Guilherme da Rosa.

Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo¹⁵

As tecnologias da comunicação promovam profundas mudanças na vida das pessoas, embora se alterem apenas a sua utilização.

As tecnologias e os serviços que proporcionam crescem dependendo da organização empresarial que está por traz e que as torna viáveis, logo, quanto maior a sua expansão no mercado mundial, mais baratas se tornam e mais acessíveis.

A internet proporcionou a criação de várias formas de comunicação.

A sociedade começou a utilizar a internet, não só para realizar pesquisas, para utilizações inovadoras, como comunicar, receber e enviar mensagens, procurar informações, divertir se e navegar pelo mundo.

Há, portanto, uma participação e interação mais intensa entre o real e o virtual. Trata-se de um re-encantamento novo, pelo facto de se assistir a uma reorganização de todas as dimensões da sociedade, onde os valores se transformam e onde o referencial teórico, a partir do qual avaliamos tudo, não é capaz de nos fornecer explicações como anteriormente.

As tecnologias modificam a inter-relação com o mundo, a percepção da realidade e a interação com o espaço e o tempo.

Assiste, cada vez mais, a uma miniaturização das tecnologias da comunicação o que permite maior maleabilidade, mobilidade, facilitando os processos de comunicação e a disponibilidade a qualquer hora e lugar. Designadas por tecnologias portáteis, são facilmente aceites a nível social.

As tecnologias de redes electrónicas suscitam novas ligações, situações, serviços e dependem da aceitação dos utilizadores para vingarem e funcionarem na

¹⁵ José Manuel Moran, especialista em projectos inovadores na educação presencial e à distância. Publicado na revista Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, vol. 23, n.º 126, Setembro – Outubro, p. 24 – 26. Acedido a 02 de Junho de 2009, em URL: <http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-edu-com-tec/artigos/novas%20tecnologias%20e%20re-encantamento%20do%20mundo.pdf>.

sua plenitude. Se assim acontecer, cada inovação tecnológica pode alterar padrões de realidade e aumentar as exigências e expectativa em relação á sua utilização, provocando, como consequência desse mecanismo, um aperfeiçoamento da tecnologia.

A comunicação que se faz através de sons, imagens, textos, mensagens ou de tecnologias multimédia, tornaram-na mais sensorial, multidimensional e não linear.

É possível, através do melhoramento da realidade virtual, simular todas as situações, com a capacidade de comunicar mos com os outros e alienarmo-nos mais facilmente.

Por tudo isto é necessário um re-encantamento connosco, tendo em conta os nossos sentidos, emoções e razão, desenvolvendo atitudes positivas, modos de percepção, sentir e comunicar que sejam mais livres, ricos e profundos. Para tal é imprescindível fazer um uso reflectido e coerente das novas tecnologias.

A nível pedagógico as tecnologias tanto reforçam uma ideia conservadora e individualista como uma visão de progresso.

As tecnologias da comunicação modificaram parte das funções do professor, passando a ser um estimulador da curiosidade do aluno, fazendo com que este tenha vontade de conhecer, de pesquisar e de procurar informação. Tem também o papel de coordenador dos processos de apresentação dos dados, de questioná-lo e contextualiza-los, bem como transformar a informação recolhida em conhecimento e conhecimento em saber.

O processo de ensino-aprendizagem recebe dinamismo, inovação e comunicação facilitada.

O re-encantamento é realizado individualmente, na capacidade de nos tornarmos pessoas plenas, num mundo em constante mutação.

***Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação e a Construção do
Conhecimento em Cursos Universitários: Reflexões Sobre Acesso, Conexões e
Virtualidade¹⁶***

Do lado dos Modelos Clássicos «Verticais» de Transmissão, o espaço reservado as salas de aulas é limitado e exclusivo, onde o fluxo de informação se faz de professor - aluno de forma vertical. O aluno tem um papel passivo e pouco participativo.

É necessária uma mutação ao nível dos papéis de professor e de aluno. Ao professor deve caber a função de estimulador de aprendizagens, de promover a interação entre o aluno e os meios e fontes necessárias á construção do conhecimento, que se pretende dinâmico, ágil, mutante e m constante reconstituição. Do aluno pretende se que seja um elemento activo, critico e autónomo, capaz de dirigir as suas aprendizagens, os seus interesses, habilidades, capacidades e realidades.

Do outro lado estão a Informação e a Comunicação, as Novas Tecnologias e as Comunidades Virtuais. As novas tecnologias da comunicação e da informação transformaram o conceito de conhecimento, em que a sua aquisição se tornou um processo incompleto e contínuo e diversificado no que diz respeito as suas fontes e acessibilidades. As NTCI permitem uma realidade em constante ligação entre o utilizador e a informação (conteúdo), entre pessoas e entre os membros das comunidades virtuais.

As relações de poder de aluno - professor foram alteradas, bem como os locais e tempos de aquisição de saberes e competências, que deixaram de se confinar na sala de aulas. Surge a necessidade de partilhar, reflectir em conjunto, expor dúvidas do que se aprendeu e do que se ensinou.

¹⁶ Gerson Pastre de Oliveira, Mestre em Educação e Professor da Faculdade Politécnica de Jundiaí. Acedido a 16 de Dezembro de 2008, em URL: <http://www.rioei.org/deloslectores/344Pastre.pdf>.

São palavras de ordem neste novo paradigma tecnológico, as comunicações, aquisição de novas informações, acesso e interação.

O ciberespaço permite que as pessoas se interliguem em prol de um pensar colectivo e flexível, desenvolvendo o pensamento e capacidade de reflexão. A partir deste espaço criou-se novas comunidades, denominadas comunidades virtuais, por se estabelecerem nos diversos espaços conectados virtualmente.

As comunidades virtuais cultivam a cibercultura, o mesmo se pode dizer das ligações estabelecidas individualmente e da própria inteligência colectiva. Ao nível do ensino, funcionam como estruturas de aprendizagem à distância.

Embora a adesão às NTCl seja voluntária e independente, ao nível educativo é essencial a elaboração de um plano de transição, para que professores e alunos sejam actores activos e interactivos nesse processo. É necessário um entendimento de todas as partes para chegar à caracterização. São prementes algumas prioridades e condições em relação à própria instituição, aos respectivos professores e alunos, para que possam desempenhar as suas funções no novo cenário tecnológico, onde se irá desenrolar o processo de ensino e aprendizagem.

Embora seja fundamental a presença da NTCl no processo de ensino e aprendizagem não se pode descartar o modelo tradicional, ambos se complementam com tempo e medida.

As NTCl podem ser introduzidas gradualmente como forma de auxiliar e processo de ensino-aprendizagem, para integrar alunos e professores nos ambientes novos de interação e virtualidade.

Espera-se que, tanto alunos como professores, tenham a percepção de quão importante é a sua actuação individual num ambiente mediado pelas NTCl, pois estimula a inteligência colectiva, o desenvolvimento da construção sólida de conhecimento que lhes é necessária, de forma contínua e integrada, para reconstruir novos saberes, tornando-os autónomos.

A compreensão da sociedade da informação¹⁷

A compreensão do mundo e a resolução de problemas que atingem o ser humano é pelo entendimento das ciências, da ciência da informação e da comunicação, das novas tecnologias, numa abordagem tradicional (macro) e sistémica.

A palavra de ordem, que estimula e inferioriza o homem, é a mudança, seja ela social, económica, cultural, política ou tecnológica, afecta todos os sectores da sociedade.

A transição é o reflexo de uma mudança de paradigma, que obriga a novas exigências, estratégias e acções.

Ao longo do século a ciência encarou o mundo sob forma de duas representações. A primeira, denominada pela Abordagem Tradicional Geral, em que a análise é feita isoladamente sobre cada caso, decompondo os vários aspectos e, a segunda é a Abordagem Sistémica que prima pela síntese, pelo global, pela complementaridade nas varias áreas do conhecimento.

A partir da última abordagem surge a Teoria Geral dos Sistemas (TGS), que se caracteriza por ser capaz de lidar com a complexidade organizada e os aspectos em comum as várias disciplinas ou ciências. É, pois, como refere Ackoff (1959) um esforço para chegar, a uma síntese do conhecimento científico.

Seguindo a lógica da TGS, Aurélio Peccei identifica a interdependência e a interação das diferentes áreas, como sendo uma visão simplificada da rede de factores que interagem entre si e com os factores humanos e sociais. Desta rede resultam pontos críticos que constituem a problemática do local para o global.

¹⁷ Maria Alice Guimarães Borges, Professora do Departamento de Ciências da Informação e Documentação da Universidade de Brasília; mestre em Ciência da Informação. Acedido a 02 de Junho de 2009, em URL: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a03v29n3.pdf>.

Características da TGS:

- Complexidade: Número de interações e interdependências entre os elementos de um sistema.
- Hierarquia dos Sistemas: Dependendo da complexidade dos diferentes sistemas estabelece-se uma hierarquia, partindo das estruturas mais simples para as mais complexas.
- Configurações principais: Podem ser macro ou microscópicas, biológicas ou mecânicas, sociais, ecológicas ou físicas, naturais ou artificiais.

A TGS verifica o global, o complexo e as interações entre partes.

Um sistema compreende reformulações das interações e transformações, o que prova que pode apresentar vários modos de existência, levando-o a ter novas propriedades ou a sua redução.

Assim sendo, um sistema é um conjunto de elementos com funções específicas que interagem e agem em conjunto para atingir um ou vários objectivos.

Compreender o mundo e as suas instituições sociais à luz dos sistemas é necessário alterar a conduta do homem perante os desafios actuais, como por exemplo, o mundo virtual que provocou alterações ao nível do espaço e do tempo, não havendo limite e onde tudo é partilhado.

A virtualização aumenta as potencialidades humanas, criando novas relações, novos conhecimentos, novas maneiras de aprender e pensar. Importante é fazer com que o virtual não interfira na identidade cultural de cada um.

A sociedade da informação e do conhecimento caracterizou-se por:

- O homem ser a peça-chave para o desenvolvimento;
- A informação é um bem comercial, onde o saber é factor económico;
- Distância e tempo são irrelevantes;
- Facilidade em encontrar respostas em situações inesperadas;
- As tecnologias da informação e comunicação influenciam o ciclo da informação, onde o homem pode ser produtor e consumidor desta, em simultâneo.

Embora sejamos capazes tecnologicamente, ainda não apresentamos as condições essenciais para a resolução dos problemas mundiais. É necessário um novo paradigma que abrange novos problemas.

Segundo Popper o conhecimento só prossegue através da crítica, com argumentos muito fortes, logo com grande poder de persuasão.

Popper na sua teoria de mente objectiva, identifica 3 mundos, o primeiro é o material, seguindo do mental e, por último, o mundo dos inteligíveis. O segundo funciona como elo indirecto com o 1º e o 3º.

O processo de compreensão de um problema é constituído pela sequência dos mundos precedentes. A actividade remete para o trabalho crítico de cada mundo.

É necessário mais do que uma análise do problema para a sua total compreensão.

A sociedade da informação e da comunicação é um facto, uma resposta à dinâmica da evolução, ao crescimento de experiencias e inovações que, de uma forma interdisciplinar (sistémica) se encontra em pleno desenvolvimento e renovação.

As tecnologias, os indivíduos da era da informação e do conhecimento transformaram o mundo numa grande sociedade, globalizada e globalizante, embora não tenham alterado a essência do ser humano que as criou, pois este é o único dotado de vontade, inteligência e conhecimentos capazes de compreender os desafios e definir estratégias e caminhos para o seu próprio futuro.

A Relação dos Jovens com a Internet: Algumas Evidências¹⁸

Nas sociedades ocidentais ocorreram mudanças significativas em consequência dos avanços tecnológicos. Estes avanços provocaram novos ritmos e dimensões ao nível das relações e interações sociais, bem como na difusão de ideias e informações. Assim sendo, alteram-se as formas de pensamento e os paradigmas culturais e científicos, exigindo-se uma inauguração renovada destes

As inovações tecnológicas impõem aos indivíduos uma realidade virtual, uma inteligência artificial, novos dispositivos, redes e comunidades virtuais, além de promoverem uma reavaliação do conceito de representação pelo facto de se assistir à digitalização da imagem e do corpo.

Breton, acerca da internet, classificou 3 discursos recorrentes:

1. Militantes “tudo internet” - As tecnologias criaram o ciberespaço que substitui o mundo real. Fornecem também a possibilidade de construção de uma tecnodemocracia (desenvolvimento de comunidades organizadas em função de interesses e preferências comuns dos indivíduos). A tecnodemocracia ocorre no ciberespaço, que tem a capacidade de realizar a “democracia electrónica”, prevendo-se instantânea, interactiva e directa e estruturada pela circulação de fluxos de informação.
2. Tecnofóbicos - Criam resistência passiva sobre a difusão das novas tecnologias. Acreditam que provocam desigualdades e exclusão.
3. Aqueles que pensam que o uso racional das tecnologias da comunicação pode trazer benefícios para a sociedade - É de difícil afirmação, visto que toda a opinião se rege ao a favor ou ao contra. Promovem uma utilização moderada.

¹⁸ Rita de Cássia Souza Leal, Doutoranda na PUC – Rio. Acedido 03 de Junho de 2009, em URL: <http://etic2008.files.wordpress.com/2008/11/pucritadecassia.pdf>.

É necessário um distanciamento das posturas “a favor e contra”, para se reflectir sobre as vantagens e desvantagens, sobre os usos, os processos de apropriação, as redes que se estabelecem e sobre as relações entre tecnologia e cultura.

Steinberg remete-nos para a necessidade de compreender a relação que se estabelece entre tecnologias sociais e os materiais que produzem e são produzidos pela rede de computadores. O autor defende também que ao usarmos a internet estamos a colaborar para que todas as transferências, programas e produtos se mantenham, sejam actualizados ou postos de parte.

A internet é encarada, de forma, apelativa, como a possibilidade de adesão e participação voluntária.

A pesquisa intitula-se por “ JOVENS EM REDE: representação e significado da internet pelo olhar de jovens universitários.”

Consideram necessário encarar a internet como um espaço com a capacidade de proporcionar várias utilizações, representações e apropriações por parte dos jovens.

Focam-se na compreensão do modo como os jovens se apropriam da vivência das várias culturas (escrita, visual e digital) e que valores atribuem aos diferentes media na sua formação, lazer e relações sociais.

Objectivo Geral: verificar as representações que os jovens fazem do computador e da internet, tendo como contraponto as representações do livro e da TV.

Objectivos Específicos: verificar as apropriações e interações dos jovens universitários no uso da internet, identificar as representações que os jovens universitários fazem da internet através de diferentes expressões e, analisar as possíveis articulações entre apropriações e interações desses jovens no uso da internet e os campos de representações que fazem dela.

Partiram do pressuposto que haviam muitas apropriações e interações sobre os jovens em relação à internet, consideraram-na como um objecto polissémico. Perspectivou-se quanto aos seus objectivos e frequência de uso, ao seu alcance, à sua influência no quotidiano e às suas apropriações no que se refere à sua complexidade e significado.

A pesquisa apoia-se numa investigação sobre o tema “Os jovens e a Internet” que teve início na Universidade de Sherbrooke e que foi ampliada para os países de língua francesa e, mais tarde, a alguns países latinos. Foi apresentada, em 2001, no Congresso Bogues – Glogalisme e pluralisme.

O objectivo desta investigação foi traçar o perfil dos jovens face ao desenvolvimento da internet.

- 1ª Questão: Saber qual a representação que os jovens tinham da internet – avaliavam a imagem da internet, medindo o impacto do discurso social, escolar ou familiar na representação que o jovem tivesse dela e os seus modos de utilização.
- 2ª Questão: Averiguar a utilização que os jovens faziam da internet – levantando as condições, modalidades e tipos de utilização
- 3ª Questão: Avaliar a apropriação da internet pelos jovens – precisando o grau e o tipo de integração nos hábitos de vida dos jovens.

O órgão responsável pela administração da vida escola na PUC-Rio fornecem os dados sobre os alunos matriculados no 1º semestre do ano lectivo antes do seu ingresso na cultura universitária, para a obtenção dos dados necessários á pesquisa e assim complementar a investigação referida.

Caminhos metodológicos

- Estudo teórico/conceitual apoiado em autores que investigam a internet
- Estudo de carácter exploratório para caracterizar os estudantes do PUC-Rio quanto ao seu perfil como a sua familiaridade com o uso das tecnologias digitais.
- Estudo de inspiração etnográfico sobre as representações e significados da internet dos jovens universitários.

Com base na estrutura do questionário de Milão, e após a sua análise, elaborou se um novo questionário com 36 questões dividido em 4 secções. Foi aplicado durante o processo de matrícula dos alunos do 1º semestre em 2006, a 998 alunos. Destes 998 questionários, foram retirados os incompletos, restando 981 questionários validos. As

respostas foram digitalizadas no programa Microsoft Office Excel. Para cada questão foi feita uma tabela e um gráfico.

Foi feita uma análise aprofundada da última questão (“*Qual a imagem, ou quais imagens, você associa imediatamente, quando pensa em... livros? Televisão? Computador? Internet?*”), pelo facto de melhor especificar as representações que os jovens fazem desse mecanismo.

As respostas a esta questão foram categorizadas, seguindo a metodologia qualitativa em relação á análise de conteúdo. Sendo possível encontrar as representações e significados mais relevantes, agruparam se as seguintes categorias:

- Adjectivação – Vínculo
- Descrição
- Finalidade de Uso
- Programa de Comunicação
- Programa que Executa uma Tarefa
- Sites
- Símbolo

As distribuições das respostas incidiram na maioria pela finalidade de uso para pesquisas, posteriormente pela adjectivação e em terceiro, finalidade de uso para comunicação.

Pelo facto dos resultados não serem possíveis de uma comparação com da pesquisa de Milão, optaram por uma classificação com categorias a priori determinadas, na qual as unidades de análise são o cruzamento entre a prevalência do sujeito e a prevalência dos *media*.

Quando comparadas as respostas, de entre os 4 itens, é a Internet que se considera como a mais relacional. Ao nível da categoria cognitivo, ainda é o livro que impera neste campo. A televisão cabe a categoria emotiva (diversão, entretenimento).

(In) Conclusões

A Internet constitui-se um meio de agregação e de socialização, ela influi na construção de valores e representações por parte dos jovens.

Cabe à educação problematizar a revolução tecnológica, as representações sociais, os vários espaços culturais, a democratização do conhecimento e as relações de poder desta sociedade, traçando estratégias que potencializam a construção do saber por meio de negociações e interações.

Concluiu-se que os jovens têm consciência crítica sobre os *media* e sabem delimitar as possibilidades de uso e as apropriações que estabelecem no interior do espaço de sociabilidade (ciberespaço).

A Comunidade Escolar deve formar produtores e utilizadores do ciberespaço, facultando-lhes locais, meios e condições de intervenção, garantindo, assim, a apropriação da nova linguagem a todos.

Recensão de “A Galáxia Internet – Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade” de Manuel Castells¹⁹

O livro mostra-nos a dimensão que a Internet tem vindo a adquirir ao longo da sua curta história, evidenciando tanto as suas vantagens como as suas desvantagens.

O desenvolvimento da Internet situa-se em dois aspectos, um que se refere à inovação, criatividade, produtividade e riqueza e, outro pela sua volatilidade, falta de segurança, desigualdade e exclusão sócia.

A Internet alterou as noções de espaço e de tempo.

A Internet apresenta-se como um fenómeno inexperienced, mas com bastante desenvolvimento a nível técnico, tecnológico, sociológico, económico e político.

A sua criação foi motivada pela necessidade de comunicação em rede pela situação política que se vivia na década de 60, no decorrer da Guerra Fria. Em 1990, rapidamente outras motivações se levantaram e alteraram a sua evolução, deixando de interessar apenas aos militares, para interessar a todos os civis, constituindo-se numa rede mundial de comunicação, onde a interação é o principal factor.

Os projectos de investigação após a criação da Internet permitiram uma maior inovação e uma actividade científica mais livre.

A concepção da Internet realizou-se de forma segura, com intenções, valores e atitudes em função do bem-estar das pessoas. Hoje a rede global desenvolve-se pelo prazer de comunicar e pela troca de recursos.

Ligada à criação da Internet prevalece a intenção libertadora contra a situação política e económica vigentes, no sentido de passar a palavra ao mero cidadão, facultando-lhe informação e o seu poder, fazendo dela consumidor e produtor.

¹⁹ Fátima Bessa, mestranda em Tecnologia Educativa da Universidade do Minho, em Abordagem Crítica à Tecnologia Educativa. Acedido a 08 de Setembro de 2009, em URL: http://www.e-profe.net/tecnologia/galaxia_internet.pdf.

A Internet renasce com base em valores de transferência e de cooperação, onde os seus utilizadores dão o seu contributo, quer ao nível das informações, das modificações técnicas, quer ao nível da forma como é utilizada. Tudo ocorre em tempo real, provocando uma adaptação por parte da tecnologia aos contextos e necessidades das pessoas.

Esta ferramenta é flexível, aberta, descentralizada e multidireccional, com a capacidade de auto-regulação de entre um caos mais ou menos desorganizado. É, portanto, como refere Castells, “uma criação cultura”.

A Internet provém de uma cultura, mas ela própria foi criando uma cultura. Castells faz uma comparação entre os utilizados e/ou produtores dos sistema tecnológico e os consumidores e/ou utilizadores.

A Internet, na sua essência é constituída por uma classe com níveis de instrução bastante elevados; pelos entusiastas da tecnologia, que fazem da Internet uma ferramenta de auto-aprendizagem; pelas comunidades virtuais, que induzem instintivamente a interacção social pela procura de valores e interesses em comum; pelos empreendedores que, na sua visão capitalista, se apercebem das potencialidades das tecnologias e desenvolvem projectos de produção de software e hardware.

É com a perspectiva de todos estes intervenientes que a Internet se tem desenvolvido, adquirido o seu estatuto de sistema altamente democrático e, construindo a sua própria cultura, tanto com intenções de melhoria de condição humana das interacções e do processo de comunicação, tanto para aspectos menos positivos da humanidade, como a manipulação política e social e o crime.

Assiste a uma nova economia, baseada na rede e que se designa por e-economia, que alterou afincadamente as concepções de capital e de trabalho.

A Internet é considerada a empresa-rede e o capital, o responsável pela nova economia, onde a tecnologia tem produzido grandes mudanças, quer ao nível das concepções da economia e do mercado.

Nesta concepção da empresa-rede, o fluxo de informação electrónica, em tempo real, provoca grandes oscilações financeiras, induzindo os actores económicos a agir em consonância com a realidade global do mercado.

O trabalho é, sem dúvida, a alavanca para atingir os objectivos da produtividade, da inovação e competitividade da e-economia. Contudo, acarreta uma série de novas exigências ao nível da qualificação.

O nível educativo é fundamental nesse processo, pois é necessária uma constante reciclagem do conhecimento.

A Educação deve caminhar ao lado da Tecnologia, com práticas e métodos de aprendizagens que suportem as mutações levadas a cabo pelo conhecimento. Deve, assim, seguir uma concepção o mais instrumental possível.

Um dos graves problemas desta nova Era é a substituição de algumas funções do homem pela máquina. Em contrapartida, as empresas proporcionam, aos seus mais qualificados funcionários, uma parte do seu capital financeiro, havendo uma partilha de rendimentos.

A chamada flexisegurança laboral também foi alterada, implantando-se esquemas de empregabilidade, a exemplo disso são o tempo parcial, o trabalho temporário e as consultorias no sector empresarial e o trabalho precário no sector público.

A produtividade do trabalho é gerada pela organização em rede das empresas e pelos negócios electrónicos baseados na tecnologia da informação. Tudo isto depende da inovação, que conduz à criação de novos conhecimentos.

É através dos processos de inovação e da internet que se constitui um novo paradigma, a rede. Em rede, cada descoberta é partilhada proporcionando novos avanços que beneficiam todos. Para além do trabalho cooperativo, a inovação acarreta investimentos com retorno financeiro imediato.

Comunidades Virtuais ou Sociedade em Rede?

As interações são o principal factor de existência da internet e, a partir delas, muitos estudos se têm feito com o objectivo de compreender o aparecimento de novas formas de sociabilidade. Uns mostram-se optimistas, referindo que a internet usada para fins de relação social não tem qualquer implicação nas vivências do ser humano, outros, os pessimistas, referem que induz à frustração e tendência depressiva para a fuga à sociabilidade.

A única diferença existente na comunicação tradicional e aquela que é mediada por um computador é o facto da distância e do tempo serem ultrapassados. As vantagens são um maior vínculo e densidade social, mais compromissos sociais, maior fluxo de informação e um acréscimo do conhecimento.

Em contrapartida, a utilização da internet proporciona um maior conhecimento electrónico, embora este seja superficial, provocando uma falsa literacia e um desconhecimento acerca dos caminhos que a tecnologia pode levar o homem e a sociedade em geral. Para alicerçar este aspecto, menos positivo, Castells aponta para que se estabeleça um limite, evitando que a sociabilidade on-line não se sobreponha à off-line.

Castells cria o conceito de privatização de sociabilidade, que designa a interação social realizada na internet, de forma individualista, provocando a perda de interação na família e no trabalho.

A internet veio alterar as tradicionais formas de interação social e nos modelos de sociabilidade, levando, necessariamente, a novas concepções de comunidade e comunicação. Este novo paradigma comunicacional é responsável pelo desaculturação.

A Política da Internet I

Redes Informáticas, Sociedade Civil e Estado

A internet é um excelente meio para se desenvolverem movimentos sociais nas mais diversas ordens. Através dos movimentos sociais modificam-se as formas de actuar, com características novas, com valores culturais renovados, com espaços de acção flexíveis e dinâmicos e uma atitude mais abrangente e globalizante. Castells define estes movimentos como emocionais.

Com a ligação que é feita entre vários movimentos constitui-se uma rede tecnológica com um potencial de transformação social.

A criação deste tipo de redes, onde a cidadania e a democracia local lhe são base, vem reforçar a intervenção, a autonomia, a identidade e a representatividade políticas, evitando o isolamento, já que no seio desta rede global ocorre um vasto fluxo de informação. Contudo, também são alvo da transmissão de informações, fidedignas ou não, de sistemas de controlo e invasão da privacidade por parte do governo e outras instituições, que se podem vir a ter comportamentos de dominação, dando origem a novas ditaduras.

O contributo da internet ao nível político é ainda inexperiente, pois apresenta-se pouco credível no que concerne à informação disponível que se encontra misturada com o rumor, a ficção e a conjectura. Para que este cenário seja alterado é necessário que os políticos sejam responsáveis por exercer uma cultura transparente, tornando a internet um espaço para propagar a sua informação, pondo de parte uma “política informacional” que gira em torno da imagem e não do conteúdo. Os civis também têm a sua cota parte de responsabilidade, na medida em que deveriam ser mais participativos e criteriosos na forma como exercem a sua cidadania e o seu dever de voto.

Em relação à segurança e à vulnerabilidade, sentidas pelo Estado na rede, levou os governos a uma possível instalação de um sistema de código digital.

A internet estimula a comunicação e mostra aquilo que nunca foi visto, permite a liberdade de expressão e a circulação de valores, transmitindo os ideais democráticos.

A Política da Internet II

Privacidade e Liberdade no Ciberespaço

Tudo aquilo que é feito na internet fica registado através de mecanismos criados pelos entusiastas da liberdade e, actualmente, estão ao serviço do quem detém o poder.

Para garantir a privacidade de cada um é necessário que haja, cada vez mais, mais utilizadores, pois assim a vigilância global estará mais dificultada pela diversidade de utilizações. É necessário alterar os modos de agir e pensar, para se adquirir a liberdade de expressão, dificultando a vontade de controlo dos sectores dominantes da sociedade.

Castells acredita numa “estratégia de desarmamento mútuo garantido”, uma estratégia onde a classe dominante e a dominada deveria criar regras de comportamento, de forma a controlar a rede, tendo por base valores com a confiança e transparência.

Multimédia e Internet

O Hipertexto para lá da Convergência

A internet e os seus produtores têm desenvolvido esforços para aproximar, o mais possível, a internet aos outros meios de comunicação, embora os seus utilizadores se sirvam dela para fins mais relacionados com a informação, guardando os conteúdos de infoentretenimento para os outros *media*, como a televisão.

Contudo, a internet tem-se apresentado uma grande vantagem para outros *media*, como por exemplo, na circulação de música, na indústria pornográfica, nos videojogos, na rádio, nos jornais, na indústria livreira e na arte.

Assim sendo, não se pode falar de convergência dos *media* com a internet e sim de uma apropriação de ambas as partes. A internet é um excelente meio de comunicação e entretenimento que abrange todos os sectores da cultura, dando

primazia a valores como, a liberdade, a espontaneidade, a interactividade, a autonomia e a colectivização da expressão.

Dada a característica abrangente da internet não é possível a criação de uma código geral, mas sim de um hipertexto individual, no sentido de cada um ter as suas preferências individuais da cultura global, seleccioná-las e poder recombina-las, constituindo novos modos de cultura.

O hipertexto funciona como o elo de ligação entre o indivíduo e a sociedade, enquanto sistema cultural. A cultura serve-se deste mecanismo para a sua disseminação.

A Geografia da Internet

Locais ligados em Rede

A internet encontra o seu vigor nos grandes centros metropolitanos, onde o desenvolvimento e o poder (económico, político ou científico-cultural) são mais acentuados. Segundo Castells, a geografia da economia da internet desenvolve-se consoante os espaços dos fornecedores dos conteúdos da mesma.

Verifica-se uma entre produtores e utilizadores dos conteúdos da internet, devido ao desequilíbrio de áreas geográficas entre eles, que vão contra os ideais de igualdade da rede global.

O fenómeno da migração da população para as grandes metrópoles, provoca o esquecimento, ao nível dos investimentos em infra-estruturas tecnológicas, e o empobrecimento das zonas rurais. Toda esta situação vem agravar os desequilíbrios verificados geograficamente, os quais a internet acompanha.

Assim cria-se uma nodalidade, ou seja, desenvolvem-se os grandes centros onde, o conhecimento, a informação e a inovação cultural prevalecem e “se repercutem pelos nós da rede digital electrónica”²⁰. Esta nodalidade pode ser constatada nos novos

²⁰ Bessa, F. (2007/2008). *Recensão de “A Galáxia Internet – Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade” de Manuel Castells*. Mestrado em Tecnologia Educativa da Universidade do Minho, em

esquemas de empregabilidade, onde os espaços de trabalho são menos definidos geograficamente.

A Infoexclusão Uma Perspectiva Global

Implicados com a posse da internet está a condição económica, o conhecimento, a zona geográfica e o domínio da língua inglesa. Todos estes pré-requisitos têm vindo a ser diminuídos pela redução do custo dos equipamentos e expansão da qualidade de acesso a várias zonas.

Embora o carácter do ambiente da internet seja livre e abrangente, fica presente a utilização da mesma por parte de uma elite cultural mais elevada, e que não se adequa aos novos utilizadores e aos seus níveis sócio-culturais. Assiste-se a uma aculturação, pelo facto da Internet ser já uma necessidade, mas ter como resultado uma exclusão cultural.

Verifica-se uma diferença significativa ao nível da qualidade e da velocidade do acesso, condições que melhoram quando custos e níveis sócio-culturais aumentam.

É necessário que haja uma modificação nos sistemas educativos, para que os novos utilizadores saibam aceder ao conhecimento e transformá-lo em acção, para tal é imprescindível que a escola altere os seus métodos.

Existe infoexclusão nos sistemas educativos ao nível da diferenciação das escolas dotadas de tecnologias, da qualidade dos professores de escola para escola, dos diferentes métodos pedagógicos das escolas e a formação dos professores sobre as tecnologias educativas e o nível sócio-económicos das famílias que podem proporcionar melhores aprendizagens, cultural e tecnológica.

Na tentativa de resolver esta infoexclusão as escolas devem capacitar-se de tecnologias adequadas e suficientes aos seus alunos e fomentar uma visão crítica do

uso que se deve da às tecnologias e à internet. Todas estas mudanças devem ser conduzidas em consonância com os sistemas políticos, económicos, social e culturais.

A internet e a sua utilização têm vindo a aumentar o fosso existente entre os mais, cultural e economicamente, favorecidos e os mais desfavorecidos. As desigualdades identificadas pelo autor do livro são: o vertiginoso desenvolvimento da nova economia em rede; a distribuição assimétrica do suporte tecnológico pelas escolas, bem como os sistemas de telecomunicação; as oscilações dos mercados financeiros e das moedas nacionais; o êxodo rural; o aumento do poder das instituições supranacionais; a corrupção e o crime; a fraca ou nenhuma legitimidade que a maioria dos governos possui.

Como se verifica, a internet é uma tecnologia que propicia o poder de determinadas zonas geográficas e o aumento do conhecimento que, tanto podem proporcionar a igualdade de economias mundiais e dos níveis sócio-culturais, como podem vincar significativamente as desigualdades dessas mesmas estruturas. Cabe ao ser humano criar mecanismos fiáveis de aprendizagem e gestão do conhecimento, sistemas políticos credíveis e transparentes que possibilitem o desenvolvimento de economias socialmente justas e integradoras.

Castells refere que o importante é caminharmos ao lado deste furacão, que é a tecnologia e a internet, aproveitando os seus pontos fortes e evitar os efeitos nocivos destas, sempre mantendo a noção de liberdade e a capacidade de agir presentes na sociedade.

Tecnologias de Informação e Comunicação: Interesses e Expectativas de Estudantes²¹

Este artigo tem como objectivo o levantamento empírico do impacto das tecnologias da informação e comunicação (TIC) sobre a realidade dos estudantes, os seus interesses e expectativas em relação à Sociedade da Informação.

As TIC e o seu desenvolvimento têm vindo a provocar um enorme fluxo de informação.

Uma possível 3ª revolução industrial será fruto das ondas de consumo feitas através de produtos feitos de informação e cultura.

Tecnologias:

- GED - tem a capacidade de gerir qualquer tipo de documento.
- Workflow - possibilita automatizar processos, racionalizando-os e potencializando-os através da organização e da tecnologia; possibilita também a poupança de tempo e material.

A Sociedade de informação pode ser vista como uma forma de poupar tempo em procurar informação, pois esta já se encontra aglomerada.

A invenção e comercialização do microprocessador e do computador pessoal provocaram a popularização do computador, tornando-se um importante instrumento de criação, organização, simulação, diversão, comunicação e negócios. A informática passa, assim, nos anos 80, a fundir-se às telecomunicações, ao cinema e à televisão.

No início dos anos 90 a rede de computadores foi ampliada e expandiu-se ao que hoje conhecemos por internet.

²¹ Humberto Celeste Innarelli e Vanda de Fátima Fulgêncio de Oliveira. Acedido a 02 de Junho de 2009, em URL: <http://www.fae.unicamp.br/etd/viewarticle.php?id=282&layout=abstract>.

Após o surgimento das tecnologias digitais, apareceu o ciberespaço, um espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização, de transacção e de troca de informação e conhecimento.

Castells²² identifica as características do paradigma da tecnologia, que são a base da Sociedade da Informação, como:

1. A informação é a matéria-prima;
2. Tudo o que nos rodeia é influenciado pelos novos recursos tecnológicos;
3. Podem ser criadas redes em qualquer conjunto de relações;
4. Capacidade de adaptação;
5. Crescente convergência de tecnologias específicas para sistemas integrados, onde as tecnologias antigas são impossíveis de se distinguir das actuais.

A pesquisa foi feita em 3 grupos (ensino superior, escola técnica de informática e escola em meio rural), para que se pudesse identificar as diferenças existentes entre eles ao nível da utilização das tecnologias da informação, por faixas etárias, grau de instrução, nível socioeconómico e sexo.

A técnica de recolha de dados utilizada foi o questionário, constituído por 17 questões. Foram distribuídos cerca de 148 exemplares pelas referidas instituições e aplicados em sala de aula pelos professores.

Após a aplicação dos questionários, analisaram-se, de uma forma global, todos os inquiridos em 4 aspectos: Urbano Vs Rural, Uso do computador Vs pesquisa, Optimistas Vs Pessimistas e Software Vs Utilização.

²² Castells, M. (2000). *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra. (pág. 78) In Humberto Celeste Innarelli e Vanda de Fátima Fulgêncio de Oliveira. (2003). *Tecnologias da Informação e Comunicação: Interesses e Expectativas de Estudantes*. Acedido a 16 de Dezembro de 2008, em URL: <http://www.fae.unicamp.br/etd/viewarticle.php?id=282&layout=abstract>.

Os estudantes técnicos estudam em período noturno, sendo majoritariamente trabalhadores, de sexo masculino e solteiro, com idades compreendidas entre os 17 e os 44 anos.

92% dos 50 inquiridos utilizam o computador, e 6% não utilizam. Dos entrevistados 36% utilizam o computador há 5 anos ou mais, 32% utilizam-no entre 2 a 4 anos e 0% utilizam-no há menos de 2 anos. A sua utilização é feita para pesquisa na internet, com maior frequência e, com menor frequência para programação. O sistema operacional mais utilizado foi o Windows.

74% utilizam a biblioteca e 26% não utilizam. Na visão destes estudantes, a biblioteca não é informatizada (88%)

Os estudantes de Ensino Fundamental da Área Rural estudam em período diurno. São majoritariamente não trabalhadores (92%) e do sexo feminino (58%), com idades que variam de 12 a 17 anos, solteiros e com ensino fundamental incompleto.

Dos 42 entrevistados, 42% utilizam computadores e 58% não utilizam. E 51% utilizam o computador há menos de 2 anos, 43% nunca utilizaram, 4% utilizam-no de 2 a 4 anos e apenas 2% há 5 anos ou mais. A sua maior frequência incide nos jogos, e redacção/edição de textos. O sistema operacional utilizado é o Windows.

Utilizam a biblioteca todos os entrevistados, os quais, 13% consideram-na informatizada.

Os estudantes Universitários estudam durante a noite, sendo 94% trabalhadores e majoritariamente do sexo masculino e solteiros, com grau de instrução superior incompleto (99%). A idade varia de 18 a 40 anos.

Utilizam 94% o computador e 6% não utilizam e 80% utilizam-no há 5 anos ou mais, os restantes 20% há de 2 a 4 anos. A maior frequência de utilização é para o correio electrónico e pesquisas na internet. O sistema operacional de eleição foi o Windows.

90% utilizam a biblioteca e 10% não utilizam e 88% consideram-na informatizada.

Ao nível do urbano vs rural a grande diferença reside na escolaridade dos pais, que influí no conhecimento e acesso às tecnologias da informação. O cinema, os

videojogos e o computador são menos conhecidos na área rural, bem como o fax, o CD/DVD e a internet.

32% da população rural utiliza computador e 30% a utilização é feita na escola em menos de 2h00 diárias. Enquanto que 93% da população urbana utilizam com frequência na escola, emprego e casa.

Em meio rural não tem qualquer valor utilizar o computador como uma tecnologia de comunicação, o mesmo não acontece em meio urbano.

Em relação ao uso do computador vs pesquisa, 50% dos alunos utiliza o computador para pesquisas académicas.

88% utilizam a biblioteca, na sua maioria para o empréstimo de livros, estudo de conteúdos indicados por professores e elaborar trabalhos.

A Biblioteca continua a ser a principal fonte de pesquisa.

Sobre o software vs utilização observou-se maior frequência de uso de softwares comerciais líderes do mercado, com o MS Office da Microsoft.

Os softwares utilizados para lazer foram pouco apontados. Softwares mais específicos são apontados apenas pelos alunos do ensino técnico e universitário.

Com maior frequência foram assinalados softwares como o Windows e a Internet Explorer.

A informação foi referenciada como significado de conhecimento, de poder, de cultura, de vida, de mundo globalizado, de informática, de dados, e voar.

Alguns entrevistados confundiram os conceitos de informatizados por informados.

Outros que relacionam informação com os media e os meios de comunicação. E, ainda, aqueles que a ligaram á velocidade e à rapidez de transformações no mundo das tecnologias, bem como a representação da urgência dos acontecimentos ligados à revolução das tecnologias da informação.

É impossível referir-nos à Sociedade de Informação e às TIC sem falarmos de educação e da democratização da democratização da Informação.

Verificámos que os estudantes encaram bem as mudanças sociais provocadas pelas TIC.

O acesso aos computadores e à Internet está restrito grupo de estudantes do meio rural.

Concluí-se que as TIC são parte da cultura, e devem ser democratizadas, e que a educação é fundamental para capacitar o uso criativo e autónomo das TIC.

Globalização das Redes de Comunicação: Uma Reflexão sobre as Implicações Cognitivas e Sociais²³

Através das redes sociais que se estabelecem entre as pessoas existe uma dialéctica entre comunicação e comunidade. Tudo na vida do ser humano está implicado com a comunicação, que se entende pelo processo através do qual se estabelecem relações humanas. Por comunidade compreende-se pela realidade onde se conjecturam as normas e os valores, pelos quais se rege e estruturam as relações humanas.

O fenómeno da globalização feito alterar os mecanismos de processamento das redes sociais, devido ao avanço tecnológico, ao nível da informática e das telecomunicações. Assim, a internet, considerada a rede das redes, passou a ser o suporte das interacções sociais, ultrapassando os constrangimentos de espaço e tempo dos intervenientes da interacção. Neste fenómeno, é necessário tem em conta qual o tipo de indivíduo se está a formar, indivíduo que opera num espaço novo em saberes e inteligência colectiva.

É na rede que estas alterações se verificam mais, pois é um instrumento que altera, reorganiza e constrói a subjectividade. O seu utilizador, para além de ser um consumidor é um produtor de representações cognitivas, afectivas e de relacionamento.

A internet provoca uma visão diferente das concepções de espaço, de tempo e da realidade política, económica, social e cultural. Gera novas formas de interacção com o conhecimento e com os outros e permita o anonimato e a adopção de pseudónimos que, por sua vez, alteram as noções de intimidade, privacidade, confiança, sexualidade, entre outras.

A Internet um lugar de hibridismo e de nomadismo.

A comunicação produzida nas redes sociais apresenta-se híbrida. Este aspecto verifica-se na concepção de local e global, pelo facto de haver uma apropriação do

²³ Lídia J. Oliveira Loureiro da Silva, Universidade de Aveiro. Acedido a 08 de Setembro de 2009, em URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-lidia-oliveira-globalizacao-Internet.pdf>.

global a partir do local, designando-se por globalização; de real e virtual, no sentido em que as interações são estabelecidas no real através do virtual, o homem passa a ter a designação de simbiótico.

As próprias redes são híbridas, pelo facto de suportarem, na sua estrutura de ligação e de interactividade (link), a escrita, a imagem, o som, o vídeo, por isso se define pela *hipermedia* que, por sua vez comportam as dimensões estética, tecnológica e sociais.

A tecnocultura é uma dinâmica cultural e cognitiva marcada pelo hibridismo e pela globalização.

O ciberespaço encontra os seus pontos atractivos na liberdade e na necessidade de adquirir informação, saberes e no sentimento de pertença. Ele próprio gera novos planos cognitivos e laços sociais. É considerado, por Lévy, como o “espaço do novo nomadismo não é o território geográfico nem o das instituições ou dos Estados, mas um espaço invisível dos conhecimentos, dos saberes, das forças de pensamento no seio do qual se manifestam e se alteram as qualidades do ser, os modos de fazer sociedade. Não os organismos do poder, nem as fronteiras disciplinares, nem as estratégias dos mercados, mas sim o espaço qualitativo, dinâmico, vivo, da humanidade que se inventa ao mesmo tempo que se produz o seu mundo”²⁴. É um lugar de partilha de si mesmo, de conhecimentos e de território. Os indivíduos que circulam no ciberespaço, os nómadas das tecnologias da inteligência, buscam a informação, o conhecimento, a relação e a pertença.

As redes sociais geram comunidades globais mediadas pela tecnologia, que se situam no real, pela interactividade entre os sujeitos e, no virtual pela ausência de presença.

²⁴ Lévy, P. (1997). *A Inteligência Colectiva – para uma antropologia do ciberespaço*. (trad.) Lisboa: Instituto Piaget (pág. 17) In Lídia J. Oliveira Loureiro da Silva. (1999). *Globalização das redes de comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais*. Universidade de Aveiro. (pág. 5). Acedido em 16 de Dezembro de 2008, em URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-lidia-oliveira-globalizacao-Internet.pdf>

Nas comunidades ditas tradicionais as pessoas partilham o mesmo espaço físico, a sua estrutura, história e cultura. Nas comunidades virtuais as pessoas organizam-se consoante os seus interesses, não havendo, obrigatoriamente partilha do mesmo espaço geográfico, ultrapassam os constrangimentos de tempo e espaço.

Na internet, os seus utilizadores, ao serem seres sociais, são movidos pelo sentimento de pertença a um determinado grupo e, a partir da ligação feita de todos os grupos forma-se uma rede de interacção social, onde se desenvolvem relações intersubjectivas. Como tal, as redes sociais estão na base do aparecimento das novas formas de sociabilidade e, a partir delas se produz conhecimento que está associado à inteligência colectiva, heterogénea, transdisciplinar e reflexiva. A heterogeneidade deriva da produção de conhecimento através da rede, onde convergem competências e experiências na resolução de problemas. Transdisciplinaridade pelo facto do conhecimento não se manter estanque desde a sua produção, ele é transferido de ligação em ligação. E, reflexividade porque é necessário um elo de ligação entre os indivíduos e os procedimentos da elaboração de conhecimento, é a união das inteligências individuais numa inteligência colectiva.

A internet e as suas redes sociais caracterizam-se por serem sistemas de comunicação, descentralizados, interactivos e onde o indivíduo tanto pode ser produtor como consumidor, emissor como receptor. O ciberespaço é o lugar onde tudo acontece, onde a informação é transformada, ampliada, apropriada e moldada conforme o seu utilizador. Quando este espaço corresponde às expectativas do utilizador, este apropria-se dele como “um espaço de interacção, social e cognitivo.

Através da informação adquirida o ser humano promove a sua socialização e sociabilidade. Nas redes sociais existe uma fusão entre a informação disponível e sociabilidade.

Na internet, a intersubjectividade na rede já é parte integrante nos processos de comunicação quotidianos da Comunidade Científica Universitária Portuguesa. A partir desta constatação a autora do artigo, propôs-se estudar as implicações cognitivas e sociais das Redes e Serviços Telemáticos nessa Comunidade, no seu projecto de investigação de doutoramento.

Com esse objectivo, foi necessário uma análise das tecnologias cognitivas e sociais nas suas dimensões, material, social e representacional e uma compreensão das alterações que a Internet tem provocado na produção de conhecimento da Comunidade, para tal elaborou uma tipologia de uso e estudou a representação social da Comunidade perante a rede.

A internet alterou o ambiente cognitivo e social a que estávamos habituados, provocando processos de adaptação e reestruturação da rede de relações sociais e cognitivas de cada. Veio modificar também, a perspectiva que se tinha da realidade

***Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais,
inteligência colectiva²⁵***

Actualmente encontramos-nos ligados, através de conexões, a vários pontos que aumentam a cada momento.

Permanecer em qualquer aglomerado significa uma constante tarefa de negociações entre preferências individuais que, não são mais do que uma construção colectiva de um jogo de sugestões e induções de que a sociedade e a sua dinâmica se constituem.

Ao estarmos interconectados À rede, com um sem-número de pessoas com as respectivas preferências, temos que saber respeitá-las.

Muitos teóricos referem que o conceito de comunidade tem vindo a perder sentido no mundo actual. Outros referem que tem resistido à sociedade capitalista e, outros, ainda, que simplesmente dizem que apenas mudou de sentido.

Bauman acredita na oposição entre os conceitos de comunidade e de liberdade, pois viver em sociedade, de forma individual, implica riscos e viver em liberdade deve significar viver em segurança. A comunidade remete-nos para um sentido mais tradicional, onde existem laços de proximidade local, parentesco e de solidariedade que são a base dos relacionamentos consistentes.

Barry Wellman e Stephen Barkowitz referem que nos encontramos associados em redes através de comunidade pessoais, pois cada indivíduos tem a sua perspectiva sobre a comunidade a que pertence, sem ser capaz de perceber qual ou quais as redes a que os outros pertencem. Para estes autores o conceito de comunidade vai

²⁵ Rogério Costa, professor, Programa de Pós – Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e acessor de Políticas Tecnológicas. In *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, vol. 9, n.º 17. (pág. 233 – 248). Acedido a 14 de Setembro de 2009, em URL: <http://www.scribd.com/doc/1022698/Por-um-novo-conceito-de-comunidade-redes-sociais-comunidades-pessoais-inteligencia-coletiva>.

desaparecer, devido à revolução industrial e às mudanças sociais a ela associadas que conduziram às novas formas de exploração, à ausência de laços sociais, à emergência de novas formas de patologias social e à perda da identidade pessoal.

Encontramo-nos perante uma transmutação do conceito de comunidade em rede social, onde solidariedade, vizinhança e parentesco são uns dos aspectos que pertencem aos padrões possíveis das redes sociais.

Capital social entende-se como a capacidade de interação dos indivíduos e a capacidade dos indivíduos produzirem as suas próprias redes, as suas comunidades pessoais.

James Coleman e Robert Putnam definem capital social como a “coerência cultural e social interna de uma sociedade, as normas e os valores que governam as interações entre as pessoas e as instituições com que se envolvem. As instituições são nos mediadores e reguladores da interação social, nos processos de sociabilidade, de cooperação, de reciprocidade, pró-actividade, confiança, respeito e simpatias.

Como indicadores básicos do capital social temos a necessidade de levantamento das implicações dos indivíduos em associações locais e rede (capital estrutural), a avaliação da confiança e aderência às normas (capital social cognitivo) e a análise da ocorrência de acções colectivas (coesão social).

O conceito de capital social tomou esta designação pois o processo de crescimento económico deixou de ser determinado apenas pelo recursos naturais produzido e pelos financiamento, passando a interessar também a forma como os actores económicos interagem e se organizam para gerar mais crescimento e desenvolvimento. Esta perspectiva foi criticada por Fukuyama e Granovetter, pois consideram-na insuficiente para explicar a vida política e todos os seus desdobramentos e muitos aspectos da vida económica, remetendo para uma natureza humana egoísta.

David Hume utiliza o conceito de egoísmo, de forma parcial, evocando-o na parcialidade da natureza humana. O ser humano ao ser parte integrante de uma comunidade tem interesses particulares e não pode ser considerado egoísta, mas

parcial. São os contratos sociais que limitam o egoísmo supostamente natural do Homem.

No que diz respeito às simpatias, o foco principal encontra-se na integração destas, com o objectivo de ultrapassar a sua parcialidade. Sentimentos como estima, respeito e confiança são a chave para empreender a integração de simpatias de forma a constituir um todo maior. As instituições têm um papel preponderante, neste processo de integração de simpatias, pois para além de governarem e regularem as relações entre indivíduos, também mobilizam as suas tendências, integrando-as num todo maior, através dos valores e das normas.

Para que se possa caminhar para uma consolidação plena das comunidades pessoais (ou redes sociais), é necessário que haja confiança mútua entre as pessoas, portanto, colectiva, que leva à atitude de reconhecer, no outro, as suas habilidade, competências, conhecimentos, hábitos, etc.

O capital social é um factor que aponta para o potencial de inter-relação das pessoas e para a capacidade de construção de confiança colectiva, é um indicador do nível de negociação das preferências individuais. A avaliação do capital social de um colectivo faz-se a partir da compreensão do patamar de negociação das pessoas num dado momento.

Hoje, as redes digitais são determinantes para compreender as novas redes sociais e a ampliação do capital social na sociedade. É no ciberespaço que se propagam as redes digitais.

Através do Sistemas de Intercâmbio de Informação Electrónica de Murray Turoff e da interconexão dos computadores, nasceu uma nova forma de actividade colectiva, que se baseia na troca de informação, conhecimento e interesses.

Rheingold refere que um dos grandes problemas da rede é o excesso de informação e a escassez de filtros que facilitem a pesquisa e que retivessem os dados essenciais, úteis e do interesse de cada um.

O mesmo autor, confirmou a existência de contratos sociais que levam a acções com agentes inteligentes no colectivo.

Assim, as comunidades virtuais serviam a rede, de forma benéfica, na medida em que funcionavam como uma espécie de filtros humanos inteligentes.

Stanley Milgram propôs uma descrição da rede de conexões interpessoais que ligam os indivíduos numa comunidade e a partir desse momento impulsionou vários teóricos, de diferentes áreas, a se debruçarem sobre esta temática, como por exemplo, Duncan Watt & Steven Strogatz, Albert-László Barabási, Rheingold e Mark Buchanan.

Para Lévy as Comunidades Virtuais funcionam como filtros inteligentes no combate ao excesso de informação, são um estímulo à formação de inteligências colectivas, funcionam como uma ferramenta de troca de informação e conhecimento, são também uma porta que abre caminhos alternativos para uma cultura. Lévy, tal como Rheingold, entende as comunidades virtuais como uma fonte de conhecimento distribuído, como uma capacidade de acção e como uma potência cooperativa.

Embora, no final do século XX a sociedade já não se organizasse dentro dos parâmetros tradicionais, a revolução nos meios de comunicação foi determinante para a mudança nas formas de interação entre os indivíduos. A partir deste processo surgiram as comunidades virtuais que, como refere Lévy, são uma “nova forma de fazer sociedade”²⁶, que se caracteriza por ser rizomática, desprendida de tempo e espaço e se baseia na cooperação e trocas objectivas.

Cada indivíduo constrói a sua própria rede de relações, se que haja necessidade de considerá-la uma comunidade. Assim tem-se a possibilidade de integrar simpatias dentro da cibercultura, pelo facto de mais facilmente se encontrar zonas de proximidade do que nas redes locais, por serem limitadas ao espaço e ao tempo.

²⁶ Lévy, P. (2002). *Cyberdemocratie*. Paris: Odile Jacob In Rogério Costa (2005). *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência colectiva*. Interface – Comunic., Saúde, Educ., vol. 9, n.º 17 (pág. 256). URL: <http://www.scribd.com/doc/1022698/Por-um-novo-conceito-de-comunidade-redes-sociais-comunidades-pessoais-inteligencia-coletiva>.

Comunicação e Transparência – A Comunicação Indirecta²⁷

A sociedade da comunicação rege-se pela transparência e onde o público é o seu alvo. O conceito de público tanto pode ser encarado como um substantivo como adjectivo. Substantivo pelo facto de ser individuo o seu substrato, adjectivo porque se trata daquilo que é produzido pelos *media*, ou massas que formam o substantivo.

Assiste-se a uma constante presença da publicidade e dos anúncios, como tal é necessário uma comunicação directa e imediata, com uma linguagem objectiva e informacional, para que a realidade seja perceptível a todos.

Muitas vezes não é possível dizer aquilo que é indizível, pois pode ser mais importante do que o que pode ser dito. A diferença entre o dizível e o indizível remete para a diferença entre o que é importante e o que não é importante. Portanto, o que se pode exprimir é apenas uma parte do que se queria, mas não se pode exprimir, pelo facto de nunca se conseguir exprimir o que se quer.

A maioria das tarefas do dia-a-dia envolvem intransparência e opacidade que perturbam a comunicação e sua interpretação.

Os actos falhados, como refere Freud ou os actos de comunicação como evidencia Austin, são situações da própria relação do sujeito consigo mesmo e correspondem à relação que este tem com os outros. Estes actos mostram uma comunicação deslocada, que é provocada por um recalçamento, no sentido em que aquilo que deveria ser comunicado não o é, e é substituído por algo que é comunicado na sua vez. Segundo Freud, esta forma de comunicação é, designadamente uma comunicação traída, onde o indivíduo inconscientemente diz aquilo que, conscientemente não pode dizer. Este facto é notório nos actos falhados, como por exemplo nos lapsos.

²⁷ Paulo Serra, Universidade da Beira Interior. Acedido a 06 de Junho de 2009, em URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-comunicacao-transparencia-comunicacao-indirecta.pdf>.

No processo comunicacional, toda a comunicação remete-nos para uma interpretação, tanto por parte do emissor como do receptor e, essa mesma interpretação pode ser afectada por falhas, deslocamento e traições de ambos os intervenientes.

É necessário averiguar se a incomunicação afecta o processo e comunicação, se positiva ou negativamente. Se comunicamos de forma clara, directa e objectiva podemos estar a comunicar menos e, se quando comunicamos de forma obscura, indirecta e subjectiva (incomunicação) comunicamos mais.

É necessário também saber se a incomunicação é utilizada conscientemente, para aumentar a comunicação.

Na tentativa de responder a estas necessidades, Kierkegaard definiu os conceitos de comunicação directa e comunicação indirecta.

A comunicação directa ocorre entre duas pessoas e exige certeza e imediatez, bem como a existência de acordos e compreensão entre os intervenientes. Acontece também uma dupla reflexão, que se inicia com a expressão verbal correcta do pensamento e, numa segunda reflexão, com a emissão de uma mensagem, recebida pelo receptor que a vai interiorizar, mediante a sua compreensão e, que depende da forma como foi comunicado.

A comunicação indirecta, no seu conteúdo, remete-se para o secretismo, podendo distinguir-se entre o segredo fortuito e o segredo essencial. No seu discurso pode fazer parte a contradição e o paradoxo, recorre, muitas vezes, a prefácios, pós-escritos, interlúdios, repetições, ironia, etc. Esta forma de comunicação pretende que o receptor desempenhe o papel de interpretar, descobrir e construir a própria comunicação.

Existem dois desígnios da comunicação.

O primeiro desígnio da comunicação reside no facto de esta ter como objectivo tornar comum, para que todos consigam perceber a mensagem. Assim sendo, é necessário um discurso directo, objectivo e imediato. Esta necessidade torna-se uma exigência, na medida em que desvaloriza o emissor e o receptor, evidenciando a

comunicação. Neste desígnio a comunicação é o principal factor no processo comunicacional.

O segundo desígnio remete para o reconhecimento, por parte do sujeito, que é ele próprio o objecto da comunicação, acarretando mais importância que a comunicação. Neste desígnio, o indivíduo constrói a comunicação a partir da comunicação, recusando o sistema mediático. Este processo é feito através do esquecimento que, por sua vez, é feito de todas as coisas que escapam ao sistema mediático.

Capítulo IV – Problema e Problematização

Transformações profundas surgiram em todos os sectores da sociedade. Ocorreu uma variedade de mudanças acarretadas pela crescente mediação tecnológica das relações sociais e do acesso aos objectos naturais, ou seja, da mediação tecnológica no acesso ao real.

A ligação entre meios de comunicação de massa, microinformática e o desenvolvimento crescente das redes comunicacionais alteraram o quotidiano e a forma como o indivíduo compreende o mundo e os outros.

A partir destas alterações surge uma panóplia de possibilidades que permitem pensar o papel da tecnologia, da relação que se estabelece entre o Homem e a técnica, no contexto das novas tecnologias da informação, das formas de interactividade e da participação do sujeito ao nível comunicacional.

As novas tecnologias estão ao serviço de uma modalidade de conhecimento e poder já não assente numa lógica de dominação mecânica, característica das sociedades industriais, responsável pela reprodução humana. Trata-se de uma modalidade de dominação baseada na produção da vida, na construção humana pelos aparatos tecnológicos.

Em que medida a globalização da comunicação em rede afecta as representações que os sujeitos constroem da realidade e as estruturas de sociabilidade, gerando novos laços e redesenhando os laços até aqui típicos e tradicionais?

Que metamorfoses individuais e colectivas estará o homem a sofrer com a progressiva afirmação da comunicação em rede?

Em que espécie de pessoas nos estamos a transformar? Uma vez que a tecnologia modifica a percepção que as pessoas têm de si mesmas, umas das outras, e da sua relação com o mundo, a que devemos estar atentos enquanto investigadores.

Através das técnicas de recolha de dados, como o questionário e a entrevista, tenta-se encontrar respostas para questões sobre se a internet influenciou a vida das pessoas, e em que medida, sobre o fenómeno da internet como ferramenta de

comunicação à distância. São estas as questões que nos propomos analisar ao longo deste estudo, e que permitirão confirmar se estão a surgir novas formas de sociabilidade, novas formas de interacção social, e qual a sua morfologia.

Capítulo V – Suporte Teórico

1. Globalização

O processo de globalização arrasta consigo profundas transformações para as sociedades contemporâneas.

O acelerado desenvolvimento tecnológico e cultural, principalmente na área da comunicação, caracteriza uma nova etapa do capitalismo, contraditória por excelência, que coloca novos desafios para o homem neste século. Cultura, Estado, mundo do trabalho, educação, etc. sofrem influências de um novo paradigma, devendo todos adaptar-se a ele.

Torna-se necessário haver autonomia numa sociedade reflexiva e sem tradição, para que o Homem possa actuar no mundo globalizado.

A globalização não é apenas uma concepção de integração económica, mas também um processo que envolve transformações nos significados de intensificação das comunicações, tempo - espaço, abandono do território, integração mundial, modernidade técnica e reflexividade social.

Para os teóricos da globalização, estamos a viver o reflexo ou contraste de mais uma modificação sistémica do capitalismo. Dentro de diversas análises expostas pela Política, Sociologia, História, Geografia, etc., podemos apreender a mudança geral, que mostra a diferença dessa fase do capitalismo em relação às anteriores. Definindo uma "sociedade globalizada", o capitalismo agora tem as bases solidificadas na acção dos *media*, no poder da tecnologia e na correspondente cultura da informatização.

As exigências desta sociedade não estão apontadas apenas em livros, Internet e técnicas, mas principalmente na pessoa que possui valores, desafia, pesquisa, cria formas de convivência solidária e decide no constante confronto de novas normas e novas responsabilidades. Esta é a nova sociedade, que deverá ser, cada vez mais,

marcada pela produtividade, pela participação e pela autogestão fundada no conhecimento.

Globalização é como um prisma que reflecte várias realidades complexas. Intensifica múltiplas ligações entre governos e sociedades, entre público e privado, entre mercado e cultura, conformando o sistema mundial. Aumenta o grau de interdependência da produção, das finanças e dos serviços, na rápida propagação das redes de comunicação, dos riscos e das ameaças ambientais, constituindo a dimensão planetária da vida.

É bom lembrar que, se no império da globalização tudo parece representar a união de todos num só mundo, isso não significa que vivemos todos harmoniosamente integrados, com respeito e entendimento humano, como se a felicidade tivesse batido a nossa porta.

Com as ideias de um só mundo, a globalização vem com grande impacto no nosso dia-a-dia. A palavra globalização produz, como mágica, uma sensação estranha de que, vivemos num todo ligado, Estados, sociedades, pessoas, culturas, mercados, meios de transportes, de comunicação e de informação. Assim, a globalização vai tomando os seus caminhos e trazendo mudanças na tecnologia, na economia, na política, na cultura.

A revolução nas comunicações promove a globalização e representa um avanço para a integração mundial. Apresenta, em contrapartida, um desafio e um risco. Quando o acesso à informação se torna um fim e não um meio, a pessoa pode ficar mais pobre tanto na aquisição de conhecimento, que só é possível adquirir pelo estudo, bem como na procura e conquista da sabedoria, que é um saber em profundidade, essencial, alcançado pela reflexão e longe da acumulação de informação.

Segundo os historiadores, no começo da humanidade, na sociedade primitiva, as relações entre os sectores da vida social estavam interligados. A cultura, a economia e a política existiam pelo território e só tinham emanações no seu interior. O território pertencia aos seus moradores e esses pertenciam àquele território. Criava-se, portanto, uma identidade entre as pessoas e seu espaço geográfico. Para manter essa identidade e os seus limites, era imprescindível ter consciência da ideia de domínio e poder. Formava-se, assim, um conjunto indissociável entre a política, a economia, a

cultura, a linguagem, criando-se, paralelamente, a ideia de comunidade, como a de um contexto limitado no espaço.

A globalização marca de forma cristalina a ruptura desse processo de identidade entre território e comunidade. Surge nesse momento o progresso através da tecno-ciência, cujo uso é condicionado pelo mercado e nem sempre está ao serviço da humanidade.

O mundo torna-se fluído, graças às novas tecnologias da informação e comunicação. As fronteiras tornam-se porosas, causando a perda ou enfraquecimento da própria identidade nacional.

Nesse processo, há uma intensificação das relações sociais em escala mundial, que, segundo Anthony Guiddens, vem aproximando os povos de diferentes localidades, de forma a que acontecimentos, que ocorrem num lugar distante, acabem influenciando outros a muitos milhares de quilómetros, provocando várias transformações.

Do ponto de vista cultural, a partilha de informação foi melhorada, no entanto a aldeia global teve um impacto negativo, pois verifica-se que tal poderá levar a uma massificação e standardização, e a um mundo cada vez uniformizado.

A globalização surge como condição fundamental das transformações estruturais em direcção a um mundo solidário, pacífico e de cooperação com outros povos, para superar antagonismos e conflitos decorrentes da competição entre economias nacionais.

Afectando todas as esferas da vida, os padrões de trabalho e de educação, as formas de lazer e de expressão artística e as tecnologias, os processos de organização e administração das empresas e instituições públicas, a globalização coloca na ordem do dia a necessidade inadiável de mudanças sociais e de reestruturação da ordem mundial.

Em suma, a globalização tanto pode promover o Homem, a sua dominação, o esgotamento da diferença e a uniformização cultural, como aproximar os Homens e as culturas entre si.

É imprescindível haver uma sensibilização e uma consciencialização da parte de toda a sociedade para que a globalização continue a ser implementada com qualidade, igualdade e justiça.

2. Uma Nova Sociedade

A sociedade da informação é uma nova forma de organização da economia e da sociedade, é um estágio de desenvolvimento social que acontece pela capacidade dos indivíduos de partilhar e adquirir informação.

Na sociedade da informação a informação é a peça-chave que proporciona todas as transformações sociais e culturais.

2.1. Internet

Nas sociedades ocidentais ocorreram mudanças significativas como consequência dos avanços tecnológicos. Estes avanços provocaram novos ritmos e dimensões ao nível das relações e interações sociais, bem como na difusão de ideias e informações. Assim sendo, alteram-se as formas de pensamento e os paradigmas culturais e científicos, exigindo-se uma inauguração renovada destes.

As inovações tecnológicas impõem aos indivíduos uma realidade virtual, uma inteligência artificial, novos dispositivos, redes e comunidades virtuais, além de promoverem uma reavaliação do conceito de representação pelo facto de se assistir à digitalização da imagem e do corpo. Há, portanto, uma participação e interação mais intensa entre o real e o virtual. Trata-se de um re-encantamento novo, pelo facto de se assistir a uma reorganização de todas as dimensões da sociedade, onde os valores se transformam e onde o referencial teórico, a partir do qual avaliamos tudo, não é capaz de nos fornecer explicações como anteriormente.

A Internet é, pois uma estrutura inexperiente, embora apresente um avançado desenvolvimento técnico, tecnológico, sociológico, económico e político.

A sua criação teve origem na necessidade de comunicação em rede pela situação política que se vivia na década de 60, no decorrer da Guerra Fria. Em 1990, rapidamente outras motivações se levantaram e alteraram a sua evolução, deixando apenas o seu foco de interessar ao nível militar, para atingir o interesse de toda a população, constituindo-se numa rede mundial de comunicação, onde a interação é o principal factor.

Inicialmente, a concepção da Internet realizou-se com o objectivo de manter a segurança, os valores e atitudes em prol do bem-estar da população. Actualmente, a rede global desenvolve-se pelo prazer de comunicar e pela troca de recursos. Como nos mostra Castells em “a internet desenvolveu-se em terreno seguro, graças aos fundos públicos e a um projecto de investigação orientado para o cumprimento de uma missão de interesse nacional. Mas foi um terreno que não sufocou a liberdade de pensamento e a inovação.”²⁸

Ligada à criação da Internet prevalece a intenção libertadora contra a situação política e económica vigente, no sentido de “entregar o poder da informação ao cidadão comum, fazendo dele, simultaneamente, consumidor e produtor”²⁹.

A Internet renasce com base em valores de transferência e de cooperação, onde os seus utilizadores dão o seu contributo, quer ao nível das informações, das modificações técnicas, quer ao nível da forma como é utilizada. Tudo ocorre em tempo real, provocando uma adaptação por parte da tecnologia aos contextos e necessidades das pessoas.

Esta ferramenta é flexível, aberta, descentralizada e multidireccional, com a capacidade de auto-regulação de entre um caos mais ou menos desorganizado. É, portanto, como refere Castells, “uma criação cultural”.

A Internet provém de uma cultura, mas ela própria foi criando uma cultura.

²⁸ Castells, M. (2001). *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. 2.ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (pág. 41) In Fátima Bessa (2007/2008). *Recensão: A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*, de Manuel Castells. URL: http://www.e-profe.net/tecnologia/galaxia_internet.pdf, (pág. 5)

²⁹ Bessa, F. (2007/2008). *Recensão: A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*, de Manuel Castells. URL: http://www.e-profe.net/tecnologia/galaxia_internet.pdf, (pág. 5)

Como refere Castells, “A cultura da Internet é uma cultura construída sobre a crença tecnocrática no progresso humano através da tecnologia, praticada por comunidades de hackers que prosperam num ambiente de criatividade tecnológica livre e aberta, assente em redes virtuais, dedicadas a reinventar a sociedade, e materializada por empreendedores capitalistas na maneira como a nova economia opera.”³⁰ Ou seja, a Internet, na sua essência, é constituída por uma classe com níveis académicos bastante elevados, que acreditam no progresso tecnológico para o bem-estar das pessoas; por uma comunidade de entusiastas da tecnologia (hacker), que fazem da Internet uma ferramenta de auto-aprendizagem; pelas comunidades virtuais, que induzem, instintivamente, à interacção social pela procura de valores e interesses em comum; pelos empreendedores que, na sua visão capitalista, se aproveitam das potencialidades das tecnologias e desenvolvem projectos de produção de software e hardware.

A partir das perspectivas de todos estes intervenientes, a Internet desenvolve-se, se transforma num sistema altamente democrático e constrói a sua própria cultura, fomentando melhorias na condição humana, nas interacções e no processo de comunicação, bem como aspectos menos positivos da humanidade, como a manipulação política e social e o crime.

Segundo o sociólogo Schmidt, “a velocidade das mudanças tende a ser confundida com a própria definição da etapa histórica em que vivemos. Existir é estar em mudança permanente. (...) Agora, mais do que nunca, as mudanças produtivas e as formas de organização social vão depender da agregação de conhecimentos e informações. As paredes, as máquinas e mesmo os homens tornam-se precários e obsoletos, rapidamente. O que importa é a quantidade e a qualidade do conhecimento e da informação disponível, crescentemente”³¹.

³⁰ Castells, M. (2001). *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. 2.ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (pág. 83) In Fátima Bessa (2007/2008). *Recensão: A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade, de Manuel Castells*. URL: http://www.e-profe.net/tecnologia/galaxia_internet.pdf, (pág. 7)

³¹ Schmidt, B. V. (2000). *Efeitos sociais da ciência*. Brasília: Correio Braziliense. (pág.14) In Adriano Bogliolo Sirihal Duarte (2005). *Informação, comunicação e sociabilidade via Internet: um estudo das*

É através dos processos de inovação e da internet que se constitui um novo paradigma, a rede. Aqui, cada descoberta é partilhada proporcionando novos avanços que beneficiam todos. Para além do trabalho cooperativo, a inovação acarreta investimentos com retorno financeiro imediato.

A internet tem sido "(...) o prático caminho para o ciberespaço e, além disso, o software que vai pegar carona em todas as faixas da nova auto-estrada da informação electrónica – sistema de telefonia, TV a cabo, televisão aberta e canais de satélite. Os meios de comunicação de massa constituem apenas uma pequena parte de uma indústria da informação que é cada vez mais dependente das ferramentas de distribuição da Internet para entregar seus produtos"³². Portanto, não se pode falar de convergência dos *media* com a internet e sim de uma apropriação de ambas as partes.

A internet é um excelente meio de comunicação e entretenimento que abrange todos os sectores da cultura, dando primazia a valores como, a liberdade, a espontaneidade, a interactividade, a autonomia e a colectivização da expressão.

Dada a característica abrangente da internet não é possível a criação de um código geral, mas sim de um hipertexto individual, no sentido de cada um ter as suas preferências individuais da cultura global, seleccioná-las e poder recombina-las, constituindo novos modos de cultura. O hipertexto funciona como o elo de ligação entre o indivíduo e a sociedade, enquanto sistema cultural. A cultura serve-se deste mecanismo para a sua disseminação.

O fenómeno da globalização alterou os mecanismos de processamento das redes sociais, devido ao avanço tecnológico, ao nível da informática e das telecomunicações. Assim, a internet, considerada a rede das redes, passou a ser o

interacções no ciberespaço entre membros do Movimento Escoteiro. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. (pág. 54) URL: <http://www.eci.ufmg.br/bogliolo/downloads/ABSD%20Tese.pdf>

³² Dizard, Jr. W. (2000). *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (pág. 25) In Adriano Bogliolo Sirihal Duarte (2005). *Informação, comunicação e sociabilidade via Internet: um estudo das interacções no ciberespaço entre membros do Movimento Escoteiro*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. (pág. 53) URL: <http://www.eci.ufmg.br/bogliolo/downloads/ABSD%20Tese.pdf>

suporte das interacções sociais, ultrapassando os constrangimentos de espaço e tempo dos intervenientes da interacção.

É na rede que estas alterações se verificam mais, por ser um instrumento que altera, reorganiza e constrói a subjectividade. O utilizador, para além de ser um consumidor é um produtor de representações cognitivas, afectivas e de relacionamento.

A internet provoca uma visão diferente das concepções de espaço, de tempo e da realidade política, económica, social e cultural. Gera novas formas de interacção com o conhecimento e com os outros.

Na internet, os seus seres sociais, são movidos pelo sentimento de pertença a um determinado grupo e, a partir da ligação feita de todos os grupos forma-se uma rede de interacção social, onde se desenvolvem relações intersubjectivas.

A internet e as suas redes sociais caracterizam-se por serem sistemas de comunicação, descentralizados, interactivos e onde o indivíduo tanto pode ser produtor como consumidor, emissor como receptor. O ciberespaço é o lugar onde tudo acontece, onde a informação é transformada, ampliada, apropriada e moldada conforme o seu utilizador. Portanto, permitir que a informação seja transmitida a um público diferenciado, permitindo também, que cada indivíduo interaja com a informação que lhe é enviada, com a sua fonte e os seus destinatários.

2.2. Portugal na Sociedade da Informação

Com a publicação, em 1993, de um Relatório da Comissão Europeia (Instituição Comunitária), que incluía um documento intitulado *Livro Branco*, sobre o “Crescimento, Competitividade e Emprego – Os Desafios e as Pistas para Entrar no Século XXI”, a União Europeia iniciou a sua integração na Sociedade da Informação. Portugal optou, também, por tomar algumas medidas, salientando-se a “atribuição de um lugar de destaque à emergência da Sociedade da Informação, no Programa do XIII Governo Português. O enquadramento político (...) passou por uma intensa actividade legislativa cujo início ficou marcado pelo Despacho do Conselho de Ministros, datado de 7 de Março de 1996, e no qual se expressa a convicção de que *«a modernização empresarial para a competição e a cooperação internacionais, a reforma da Administração, a formação das pessoas para o trabalho, o consumo, a saúde, a cultura, o ambiente, a cidadania ou o lazer, dependem hoje, e crescentemente, da qualidade das redes informativas disponíveis e da capacidade de uso efectivo da informação pelos cidadãos e pelas organizações»*»³³ A partir deste diploma, criou-se uma equipa técnica de trabalho, com uma Missão para a Sociedade da Informação, que tinha como função realizar o diagnóstico da situação de Portugal em relação à utilização das novas tecnologias da informação. A partir deste estudo, resultou o Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal, que foi aprovado em Conselho de Ministros a 17 de Abril de 1997.

A Sociedade da Informação foi, então, definida como “um modo de desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação, conducentes à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas, desempenham um papel central na actividade económica, na criação

³³ Despacho do Conselho de Ministros de 07 de Março de 1996. URL: <http://www.missao-si.mct.pt/despacho.html> In Ana Sofia Marcelo (2001). *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. pág. 32. URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais”³⁴.

O Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal criou uma série de medidas para que o saber fosse difundido, contribuindo para o desenvolvimento do cidadão como ser humano e para a melhoria da qualidade de vida da população. Foi patente neste livro, o fenómeno da info-exclusão e o respectivo combate. Foram também referenciadas algumas estratégias “em que o Governo, no intuito de estimular a massificação do uso doméstico dos computadores ligados à Internet, regulamentou uma iniciativa denominada Computador para Todos, que se traduz na dedução à colecta do IRS de 20% dos montantes despendidos com a aquisição de computadores, modems e placas RDIS para uso pessoal.”³⁵

O desenvolvimento tecnológico ao serviço de uma sociedade moderna e de progresso exige uma sociedade da informação, onde o conhecimento é sinónimo de valor social, cultural, económico e é essencial para se produzir riqueza, mais empregabilidade, qualidade de vida e desenvolvimento social.

O Programa de Acção Ligar Portugal, desenvolve projectos nas áreas de Inclusão e Acessibilidade, Educação e Formação, Sociedade e Cidadania, Conteúdos Digitais, e Infraestruturas.

“De acordo com o EUROSTAT, a penetração da Internet na população em Portugal, no 1º trimestre de 2007 era 40%, correspondente ao 20º lugar na UE27, apenas acima de Itália, Chipre, Grécia, Bulgária e Roménia”³⁶.

Os projectos de inclusão e acessibilidade visam promover a inclusão social, de forma a que seja assegurada a utilização das Tecnologias da Informação e Conhecimento nos grupos sociais info-excluídos, a inclusão social de imigrantes e grupos sociais excluídos ou em risco de exclusão, a acessibilidade de pessoas com

³⁴ Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal (1997) (pág. 1). URL: <http://www.missao-si.mct.pt/livro-verde/introducao.html> In Ana Sofia Marcelo (2001). *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. (pág. 33) URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

³⁵ Marcelo, A. S. (2001). *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. Portugal na Sociedade da Informação. (pág. 36) URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

³⁶ Citado em http://www.unic.pt/images/stories/osic/SIP_2008_apresentacao_sintese.pdf

necessidades especiais, a densificação da rede de centros comunitários de acesso à internet e a minimização das barreiras digitais criadas na concepção dos conteúdos (disponibilizados pela Administração Pública). Os projectos de inclusão e acessibilidade desenvolvidos são a Rede de Espaços Internet³⁷, o Programa Acesso³⁸ e a Rede Solidária³⁹.

Ao nível da Educação e Formação, o Programa Ligar Portugal visam modernizar e abrir o ambiente escolar, formar e desenvolver competências. Assim, pretende garantir a integração das Tecnologias da Informação e Comunicação em todo

³⁷ Os espaços internet são locais onde todos podem ter acesso gratuito a computadores e à internet, com técnicos especializados para facilitar o uso das tecnologias por parte das pessoas. Os primeiros Espaços Internet em Portugal foram criados entre 1998 e 1999, no âmbito de projectos – piloto de Cidades Digitais, financiado pela Intervenção Operacional Telecomunicações (OIT) pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). “A partir do ano 2000, o POSI – Programa Operacional Sociedade da Informação apoiou a criação de Espaços Internet como equipamentos públicos específicos a disponibilizar nos municípios, através de um protocolo celebrado com a Associação Nacional de Municípios. De 2000 a 2003 foram criados neste âmbito 257 Espaços Internet. Este número manteve-se até Julho de 2005, altura em que se previu no programa Ligar Portugal a sua duplicação até 2010. Em Novembro de 2007 o número destes espaços chegou a 294.” (Citado em http://www.unic.pt/images/stories/osic/SIP_2008_apresentacao_sintese.pdf)

³⁸ O Programa Acesso tem como finalidade “promover o desenvolvimento, disponibilização e divulgação de instrumentos de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) que permitam ultrapassar dificuldades sentidas por cidadãos com necessidades especiais, nomeadamente pessoas com deficiência, idosos e acamados” e “reduzir dificuldades que a disseminação das TIC nos mais variados aspectos das actividades humanas podem gerar quando a sua utilização é impossível ou difícil para pessoas com deficiência” (Citado em http://www.unic.pt/images/stories/osic/SIP_2008_apresentacao_sintese.pdf)

³⁹ “A Rede Solidária é constituída por mais de 248 Organizações Não Governamentais de e para pessoas com deficiência, idosas ou em risco de exclusão e teve as suas raízes na ligação de instituições de solidariedade social à RCTS – Rede Ciência, Tecnologia e Sociedade. (...) A Rede Solidária funciona desde Agosto de 2001. Ao longo dos anos, a Rede Solidária tem expandido os seus pontos de acesso e, introduzido novas funcionalidades, por iniciativa e com o financiamento da UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP. No final de 2008, a Rede Solidária contava com 280 pontos de acesso”. (Citado em http://www.unic.pt/images/stories/osic/SIP_2008_apresentacao_sintese.pdf)

o sistema educativo, o aproveitamento do poder de motivação do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, o reconhecimento e a acreditação de competências adquiridas e o alargamento da formação a novos públicos. Os projectos que se desenvolvem nesta área são, TIC nas Escolas⁴⁰, Competências em TIC⁴¹, e-U: Campus Virtual⁴² e Academias TIC⁴³.

⁴⁰ “Em Janeiro de 2006 todas as escolas públicas do 1º ao 12º ano ficaram ligadas em banda larga à Internet, com excepção de um pequeno número das que iam deixar funcionar no verão de 2006. Um ano antes apenas 18% estavam ligadas em banda larga. Foi, assim, possível recuperar o atraso acumulado depois de Portugal ter sido um dos primeiros países a ligar todas as escolas à Internet por RDIS em 2001 e ter assegurado a ligação de todas as escolas do 5º ao 12º ano durante 1997. Nesse mesmo ano, Portugal tornou-se num dos primeiros países a integrar as escolas na rede computacional de investigação e do ensino superior, ao constituir a RCTS – Rede Ciência Tecnologia e Sociedade com o objectivo de assegurar uma rede integrada de investigação e educação.” (Citado em http://www.unic.pt/images/stories/osic/SIP_2008_apresentacao_sintese.pdf).

⁴¹ “A UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP assegura coordenação do sistema de reconhecimento e promoção de competências básicas em Tecnologias da Informação (TI), nomeadamente através da concessão do Diploma de Competências Básicas em Tecnologias da Informação (TI), criado pelo Decreto-Lei n.º 140/2001, de 24 de Abril, como instrumento de combate à info-exclusão, reforço da cidadania e promoção da coesão social no contexto da Sociedade da Informação. Estão presentemente registados na UMIC cerca de 800 centros de atribuição de Diploma de Competências Básicas em TI, de acordo com os procedimentos de credenciação estabelecidos na Portaria n.º 1013/2001, de 21 de Agosto” (Citado em http://www.unic.pt/images/stories/osic/SIP_2008_apresentacao_sintese.pdf).

⁴² “O projecto e-U Campus Virtual foi concebido e é coordenado pela UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP, com o apoio técnico da FCCN – Fundação para a Computação Científica Nacional. O projecto criou uma extensa rede sem fios integrando as universidades e os institutos politécnicos do país num único campus virtual com mais de 5.000 pontos de acesso, através de *roaming* interinstitucional, e incluindo também serviços, conteúdos e aplicações disponibilizadas a todas as instituições.” (Citado em http://www.unic.pt/images/stories/osic/SIP_2008_apresentacao_sintese.pdf).

⁴³ “As Academias TIC no Ensino Superior privilegiam a formação profissionalizante em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e a correspondente certificação internacionalmente reconhecida com base em programas de formação amplamente reconhecidos e preparados por empresas de relevância internacional em áreas das TIC. A iniciativa Academias TIC no Ensino Superior foi lançada em 2006 pela UMIC - Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP com trabalho preparatório inicial com a *Ciisco Systems Inc.* e a *Microsoft*, com o objectivo de promover a oferta de formação do tipo acima referido em

Na área da Sociedade e Cidadania, o Programa Ligar Portugal tem como objectivo mobilizar a sociedade e estimular redes de colaboração, de forma a promover a afirmação de uma cidadania moderna, informada, consciente e actuante, o alargamento da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação, a comunicação entre pessoas e organizações, o reconhecimento e a acreditação de competências, o trabalho de colaboração em rede e a partilha de tarefas e conhecimentos e a valorização do conhecimento como valor ético, social, cultural e económico. Os projectos que se desenvolvem neste âmbito são Cidades e Regiões Digitais⁴⁴ e Participação Pública⁴⁵.

Em relação aos Conteúdos Digitais o Programa Ligar Portugal procura desenvolver e disponibilizar conteúdos educativos e culturais disseminar informação de interesse público generalizado, com o objectivo de criar conteúdos inovadores que requerem banda larga e disponibilizar na internet informação.

Sobre os projectos das infraestruturas tem a dizer-se, sobre o Programa Ligar Portugal, que visam melhorar o acesso e infraestruturas e assegurar a segurança e a privacidade na utilização da internet, garantindo o acesso de todos os cidadãos às TIC, reduzindo o custo das comunicações e facilitando melhores meios de acesso, a

instituições do Ensino Superior, com particular relevância nos institutos politécnicos.” (Citado em http://www.unic.pt/images/stories/osic/SIP_2008_apresentacao_sintese.pdf).

⁴⁴ “Os projectos de Cidades e Regiões Digitais são uma componente fundamental da mobilização da sociedade para a utilização das TIC, ao diversificarem actores e envolverem pessoas e entidades dos vários pontos do país em acções concretas e dirigidas para a realidade local. Estimulam o desenvolvimento de novas capacidades de realização, criam oportunidades de trabalho em cooperação e promovem a apropriação social das TIC e o uso da Internet por segmentos da população distribuída no território. São por isso um agente importante de desenvolvimento económico e social das cidades e regiões do país e de combate aos desequilíbrios regionais tradicionais, pela boa utilização das novas tecnologias.” (Citado em http://www.unic.pt/images/stories/osic/SIP_2008_apresentacao_sintese.pdf).

⁴⁵ “A primeira condição para a participação pública é a disponibilização pública e transparente de informação. O Portal do Cidadão disponibiliza (em Julho de 2009) mais de 969 serviços (aproximadamente 1/2 informativos, 1/4 interactivos e 1/6 transaccionais) fornecidos por mais de 167 organismos públicos. O Portal da Empresa disponibiliza cerca de 518 serviços para empresas.” (Citado em http://www.unic.pt/images/stories/osic/SIP_2008_apresentacao_sintese.pdf).

competitividade do mercado nacional de telecomunicações, a concorrência ao nível das melhores práticas europeias, a disponibilização generalizada de serviços avançados de qualidade, a divulgação de informação pública sobre as características e a qualidade dos serviços oferecidos no mercado, o acesso, em particular das famílias, a instrumentos para protecção de riscos, a confiança nas relações electrónicas e a melhoria da utilização de sistemas de combate a vírus e outras formas de intrusão electrónica.

A Sociedade da Informação, entendida como o âmbito de um conjunto de preocupações que atravessa, de forma transversal, a nossa sociedade, quer pela discussão pública e política de acções que envolvam o seu desenvolvimento, quer pelas consequências sociais e económicas que implicam, torna o assunto recorrente desde os anos 90 até aos dias de hoje.

A crescente omnipresença das Tecnologias da Informação e Comunicação são causa directa de profundas alterações no nosso modo de viver, aprender e divertir, o que conduz a novas formas de estar e de operar dos actores sociais.

Nos dias de hoje, a nossa ligação à Auto-Estrada da Informação é uma forma de diminuir a periferia de Portugal em relação ao Centro da Europa. Contudo, faltam-nos recursos humanos especializados, pragmatismo, dinamismo, inovação para embarcarmos no novo modelo da Sociedade da Informação.

3. Sociabilidade

3.1. Definição

Segundo Georges Gurvitch a sociabilidade consiste nas “múltiplas maneiras de estar ligado pelo todo e no todo ou por manifestações da sociabilidade, trata-se de um fenómeno social total que define a intensidade de fusão no nós, (...) comporta igualmente as regras de oposição aos outros, estabelecendo as estratégias de aproximação, de afastamento e mistas que regem nomeadamente os contractos, com as suas componentes ambíguas e ambivalentes”⁴⁶

Indo ao encontro deste conceito, Baechler, refere a sociabilidade à “capacidade humana de estabelecer redes através das quais as unidades de actividade individuais ou colectivas fazem circular as informações que exprimem os seus interesses, gostos, paixões, opiniões”⁴⁷.

Para Simmel, a sociabilidade é “uma forma específica de interacção social, como por exemplo, o conflito, a competição e a dominação”⁴⁸.

Simmel procurou através da noção de sociabilidade conceituar uma estrutura sociológica peculiar, quando os propósitos e objectivos práticos são suspensos de forma que os participantes dessa situação não procurem outra coisa senão desfrutar do

⁴⁶ Gurvitch, G. (1977). *Tratado de Sociologia*. Vol. 1 Lisboa: Iniciativas Editoriais (pág. 248 – 282) In Ministério da Educação e Ciência, Secretaria de Estado da Educação. *Sociologia* - 10.º Ano de Escolaridade. Direcção – Geral do Ensino Secundário (pág. 121).

⁴⁷ Baechler, J. (1995). *Grupos e Sociabilidade*. In Boudon (Ed.). *Tratado de Sociologia*. Lisboa: Edições Asa (pág. 57 – 95) (pág. 57) In Ana Sofia Marcelo (2001). *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. (pág. 39). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

⁴⁸ Silva, A. M. A. C. (2000). *Reconectando a Sociabilidade on-line e off-line: trajectórias, poder e formação de grupos em canais geográficos no Internet Relay Chat*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Doutor Thomas Patrick Dwyer. Campinas. (pág. 23). URL: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000214682>

próprio momento de encontro e conversa. Para atingir tal situação de “faz-de-conta”, os participantes devem abandonar tanto suas identidades sérias, os propósitos e conteúdos objectivos, quanto seus aspectos subjectivos. Se alguém se recusa a praticar esse jogo, o momento de sociabilidade desfaz-se”⁴⁹.

Na realidade, em cada grupo combinam-se várias manifestações da sociabilidade “cuja relações e as diferentes intensidades variam, não só em função do tipo de sociedade global e das estruturas globais ou parciais em presença, mas ainda segundo conjunturas concretas”⁵⁰.

⁴⁹ Berger, P. L. (1983). *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes (pág. 155) In Ana Maria Alves Carneiro da Silva (2000). *Reconectando a Sociabilidade on-line e off-line: trajectórias, poder e formação de grupos em canais geográficos no Internet Relay Chat*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Doutor Thomas Patrick Dwyer. Campinas. (pág. 23). URL: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000214682>

⁵⁰ Gurvitch, G. (s.d.). *A Vocação Actual da Sociologia*. Lisboa: Edições Cosmos. Vol. 1 (pág. 156) In Ana Sofia Marcelo (2001). *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. (pág. 40). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

3.2. Formas de Interação Social

A interação social é o processo através do qual agimos e reagimos relativamente ao que nos rodeia. Muitos são os autores que abordam as formas de interação social.

O Contexto da Co-Presença na “Interação Face-a-Face” segundo Goffman

Erving Goffman, foi o responsável pela introdução da temática da “interação face a face”, designada por ele como de “interaction order”.

Segundo este autor, a interação social surge em determinados lugares ou contextos, quando indivíduos estão na presença de outros e procuram frequentemente adquirir ou confirmar informações à sua volta. Esta ajuda a definir a situação, permitindo que se saiba antecipadamente o que os outros estão à espera e vice-versa.

Tendo em conta este pressuposto, o estudo de Goffman incide no contexto de co-presença, destacando-se dois conceitos, a interação desfocalizada (“unfocused interaction”) e a interação focalizada (“focused interaction”).

A interação desfocalizada tem lugar sempre, que em determinado contexto, os indivíduos mostrem ter conhecimento da presença dos outros. Mesmo que não falem directamente entre si, mantêm uma comunicação não verbal através da sua postura corporal, facial ou gestual.

A interação focalizada ocorre quando os indivíduos se interessam directamente ao que o outro faz ou diz. Excepto quando se encontram sozinhos, pois toda a interação implica trocas focalizadas e não focalizadas.

Este autor define o conceito de encontro como a unidade de interação focalizada. Tendo como base a interação desfocalizada, ocorrem frequentemente diversos encontros com pessoas que estão no plano da interação e, ao mesmo tempo que se desenrolam encontros contínuos focalizados. Os encontros necessitam que uma

abertura que mostre a exclusão ou não da desatenção civil. “O momento de suspender a desatenção civil é sempre arriscado, na medida em que podem facilmente ocorrer mal-entendidos acerca da natureza do encontro que está a ser estabelecido”⁵¹.

Nas interações focalizadas, os indivíduos comunicam através de expressões (faciais, gestos ou palavras), que podem ser oferecidas ou reveladas. Nas expressões oferecidas, são as impressões que as outras pessoas tentam produzir através de palavras e expressões faciais. As expressões reveladas são os sinais que servem para averiguar quanto à sinceridade ou honestidades das pessoas.

Assim, analisando o contexto de co-presença, o corpo é um elemento fundamental na teoria goffmaniana. A interação face-a-face está inteiramente ligada às formas de percepção e à comunicação corporal. Na interação focalizada, os indivíduos representam para um determinado público, como também é susceptível de ser avaliado, ao nível das suas *performances*, pela respectiva audiência.

Como forma de separar os encontros das interações focalizadas que decorrerem ao longo do dia, Goffman introduziu o conceito de marcadores (*parênteses*), que serve para distinguir “cada episódio de interação focalizada do anterior e das interações não focalizadas que têm lugar no mesmo contexto”⁵².

Os marcadores são importantes na medida em que se pretende distinguir um encontro formal de um informal ou quando não se tem o controlo da situação e se pretende recomeçar outra fase do encontro.

Destaca-se, na perspectiva de Goffman, outro elemento fundamental, a face. Sendo um aspecto físico do ser humano, é a partir dele que discursa, é, pois, um elemento de comunicação e expressão.

O espaço e o tempo são, também, elementos fundamentais da interação social, pois toda a interação é situada num determinado espaço e com uma duração específica no tempo. Há medida que avançamos de zonas temporais, estamos a deslocamo-nos também no espaço. Ao analisar a interação social é sempre

⁵¹ Goffman, E. (1971) In Anthony Giddens (2004). *Sociologia. Interação Social e Vida Quotidiana*. 4.ª Edição. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian (pág. 94)

⁵² Goffman, E. (1974) In Anthony Giddens (2004). *Sociologia. Interação Social e Vida Quotidiana*. 4.ª Edição. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian (pág. 94)

imprescindível reconhecer a convergência do espaço e do tempo. O conceito de regionalização é um pilar nesta análise, pois mostra-nos que cada “região” está delimitada por divisões de tempo e de espaço.

Portanto, as relações que se estabelecem em co-presença, no espaço e no tempo, o corpo é-lhes útil, na medida em que ajuda a concretizar determinados objectivos, através que de gestos, expressões e impressões que se podem realizar e adquirir em determinado momento.

Embora Goffman considere que haja interacção social, em contexto de co-presença, se houver a presença física dos indivíduos, também é passível de haver formas de interacção mediada, através da comunicação electrónica. E foi nesta ideia que Miller baseou a sua análise, fazendo referência às teorias de Goffman na Era Electrónica. Miller refere que a interacção mediada não necessita do factor co-presença para se realizar.

Tipologia de Thompson

Thompson identificou três formas de interacção social.

A forma de interacção social mais elementar, o autor definiu como, “interacção face a face”, que se caracteriza pela presença dos intervenientes, pela existência de um diálogo, o que implica um fluxo de informação em ambos os sentidos, ou seja, emissor e receptor, de forma alternada. Neste tipo de interacção, pelo contexto de co-presença dos intervenientes, destacam-se uma série de indicadores que facilitam a comunicação, reduzindo a ambiguidade e a compreensão da mensagem. Pode, mesmo dizer-se que, a interacção face a face depende dos indicadores, pois estes fornecem ao emissor o feed-back em relação à forma como o receptor recebe a mensagem.

Com a emergência das novas tecnologias na sociedade em geral, surgem novas formas de interacção, principalmente, devido aos impactos que os meios de comunicação de massas produziram no contexto social.

A partir deste novo paradigma de comunicação e de acesso à informação, Thompson definiu mais duas novas formas de interacção social, a “interacção mediada” e a “interacção quase-mediada”.

A “interacção mediada” a relação que se estabelece entre os intervenientes é mediada por um meio técnico. Nesta forma de interacção o contexto de co-presença no mesmo espaço é inexistente. Contudo, é natural que, pela ausência de indicadores simbólicos, ocorram ambiguidades na situação comunicacional.

Na “interacção quase-mediada” o autor refere-a como o processo de relação que se estabelece entre os indivíduos através dos meios de comunicação de massas. Aqui, o processo comunicacional ocorre apenas num sentido, não permitindo feed-back entre emissor e receptor e o envolvimento dos intervenientes.

Nesta forma de interacção destaca-se a presença de indicadores simbólicos por parte de quem recebe a mensagem. Ao emissor/produtor é-lhe impossível monitorar essas respostas, o que provoca uma alguma incerteza ao nível dos conteúdos e da forma como transmitem a mensagem; por outro lado, também lhes permite uma livre selecção dos conteúdos que pretendem transmitir. O receptor tem a possibilidade de

gerir a sua atenção para os conteúdos que os despertam, sem os constrangimentos da presença do outro, podem também controlar a sua participação ao nível da interacção.

A “interacção quase-mediada” é uma “combinação distinta da presença e da ausência é parte constituinte desta relação deveras peculiar: os receptores são anónimos e invisíveis espectadores de uma performance para a qual eles não podem contribuir directamente, mas que, sem eles, não poderia existir. A relação estabelecida entre produtores e receptores é definida como uma ligação de mútua dependência (...)”⁵³.

Thompson faz referência aos conceitos de região de frente e região de retaguarda definidos por Goffman. Segundo Goffman, a região de frente refere-se a situações sociais ou encontros em que os indivíduos desempenham papéis formais e a região de retaguarda são aquelas em que os indivíduos preparam as interacções que irão desenvolver em contextos mais formais. Thompson faz alusão a estes conceitos, porque qualquer forma de interacção é passada num determinado contexto interactivo, onde os intervenientes agem consoante o seu enquadramento.

Na região de frente de Thompson, os indivíduos adaptam as suas interacções, para que a imagem projectada agrade o receptor. A região de retaguarda são todas aquelas situações que o emissor pretende esconder perante o receptor.

Ao contrário do modelo interactivo quase-mediado, a interacção mediada possui duas ou mais regiões de frente, correspondendo, a cada uma, uma região de retaguarda. Exige, portanto, um esforço para delimitar cada uma das regiões, por se encontrarem em espaços diferentes.

No caso da “interacção quase-mediada”, os contextos interactivos são fragmentados. Existe um enquadramento interactivo de produção e um de recepção, visto que o fluxo de informação só circula em apenas um sentido, havendo, portanto, só regiões de frente. Estas regiões de frente referidas, funcionam como regiões de frente e de retaguarda, em relação ao seu contexto.

⁵³ Marcelo, A. S. (2001). *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. (pág. 43). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

Adriano Rodrigues e os Modelos de Interação Social

Rodrigues ao analisar as relações que se estabelecem entre os processos de comunicação e as formas de sociabilidade apresentou três modelos de comunicação, o modelo informal de comunicação tradicional, o modelo de comunicação moderna e o modelo reticular de comunicação informatizada.

O primeiro modelo, o modelo informal de comunicação tradicional corresponde à interação face a face. Neste modelo, o contexto social é composto por dois grupos, o de referência e o de pertença, com os quais há plena identificação. Ocorre num determinado espaço e circunscrito a ele. Aqui, a comunicação apenas se efectua com os membros do grupo e esse limite só pode ser ultrapassado pelos elementos que ocupem uma posição privilegiada.

O modelo de comunicação moderna introduz mudanças significativas na forma como as pessoas se relacionam. Estas alterações devem-se à “segmentação ou divisão da estrutura social numa multiplicidade de domínios funcionais autónomos, diferenciados e até divergentes, apresentando cada um os seus valores, normas, projectos, interesses, prioridade”⁵⁴.

Actualmente, os grupos de pertença já não sentem qualquer sentimento de identificação em relação aos grupos de referência. O espaço de comunicação oferece várias possibilidades de realização. Esse espaço é definido como aquele “que pertence, ao mesmo tempo, a todos e a ninguém, susceptível de assegurar a livre circulação dos percursos e das trajectórias individuais, mantendo-os ao abrigo do controlo que os grupos de pertença exercem sobre a livre circulação das pessoas”.⁵⁵

⁵⁴ Rodrigues, A. (1994). *Comunicação e Cultura*. In Marcelo, A. S. *Internet e Novas Formas de Sociabilidades*, A Formas Tradicionais de Sociabilidade, (pág. 39). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

⁵⁵ Rodrigues, A. (1994). *Comunicação e Cultura*. (pág. 132 – 133) In Marcelo, A. S. *Internet e Novas Formas de Sociabilidades*, A Formas Tradicionais de Sociabilidade, (pág. 51). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

A partir da década de 70, surge uma nova modalidade de comunicação, que corresponde ao modelo reticular de comunicação informatizada. Segundo Rodrigues, este modelo corresponde a uma “dupla rede: uma rede de circulação de mensagens, conservadas numa espécie de memória central, a que os utentes estão conectados por circuitos electrónicos, e uma rede aleatória e transversal à primeira, interconectando os utentes entre si, independentemente da distância geográfica, social ou cultural que os separe”⁵⁶.

Este último modelo corresponde à interacção mediada pelo computador. Aqui, a informação circula rapidamente através de redes que ligam o ser humano ao mundo.

O espaço de interacção é tanto maior quanto maior for a rede de informação a que se está ligado.

Rodrigues, preocupado com o fenómeno da info-exclusão, sugere vários dispositivos, para que todos tenham acesso à informação através das redes, como por exemplo, “a extensão ao conjunto da estrutura social do sistema reticular informativo (...), a polivalência expressiva (...), a polivalência funcional (...), a criação de corpos altamente especializados de criadores nos mais diversos domínios da experiência (...), a constituição de instâncias supranacionais de gestão do conjunto do sistema integrado de informação”.⁵⁷

Segundo Rodrigues, a comunicação que permanecerá na Era Digital passa pela utilização dos vários modelos de comunicação, sejam eles tradicionais ou mediatizados, pois embora conectados a redes mediáticas, necessitamos de relações intersubjectivas, familiares e de vizinhança.

⁵⁶ Rodrigues, A. (1994). *Comunicação e Cultura*. (pág. 133) In Marcelo, A. S. *Internet e Novas Formas de Sociabilidades, A Formas Tradicionais de Sociabilidade*, (pág. 51). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

⁵⁷ Rodrigues, A. (1994). *Comunicação e Cultura*. (pág. 133 – 134). In Marcelo, A. S. *Internet e Novas Formas de Sociabilidades, A Formas Tradicionais de Sociabilidade*, pág. 52, Url: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

Interacção Mútua e Interacção Reactiva de Alex Primo

Alex Primo foi buscar inspiração a vários autores que abordaram o tema da interactividade, como foi Raymond Williams e Fischer.

Primo sugere duas formas de interacção, mútua e reactiva. Estes dois tipos de interacção são analisados segundo várias dimensões, como são, o sistema, o processo, a operação, o fluxo, o throughput, a relação e a interface.

A **Interacção Mútua** caracteriza-se por ser um sistema aberto, onde ocorre um fluxo significativo de trocas entre os seus elementos. Os elementos formam um todo global, mas são, cada um, interdependentes uns dos outros. Assumem uma perspectiva de evolução e de desenvolvimento, podendo, a partir desta visão, conquistar várias formas de interacção num mesmo sistema.

O processo da interacção mútua é estabelecido por negociações constantes que desenvolvem o próprio relacionamento. Esta relação é redefinida constantemente e o resultado, que se baseia na negociação, é sempre imprevisto.

Ao nível da operação, é feita mediante acções interdependentes. Assim cada indivíduo influencia o comportamento do outro e, tem também, o seu comportamento influenciado. Esta influência ocorre entre os intervenientes e o próprio enquadramento social. Através da comunicação as relações são modificadas.

Fazer referência ao processo de throughput é tratar o que se passa entre uma acção e outra, ou uma acção e uma reacção. Nos sistemas reactivos, cada mensagem (de um indivíduo ou do enquadramento) recebida é decodificada e interpretada, dependendo da capacidade intelectual de cada um, podendo criar novas codificações. Portanto o throughput afecta o input, não se podendo prever, a partir deste, o output.

O fluxo do movimentos de informação são dinâmicos e em desenvolvimento.

Nestes sistemas, as relações são construídas tendo por base a negociação e onde a relação é constantemente reformuladas pelos seus intervenientes através da comunicação e da interpretação. A interacção mútua é um processo emergente, pois

vai sendo definida ao longo do processo. Não é passível de se pré-definir um efeito ou uma causa.

Os sistemas interactivos mútuos são estabelecidos, quanto à interface, virtualmente, pois existe uma interface entre dois ou mais actores criativos e inteligentes. Cada interacção motiva as virtualizações que podem dar origem a várias actualizações. A interface virtual baseia-se na liberdade, onde cada indivíduo pode seleccionar os passos que pretende realizar, fazendo alterações a qualquer momento. As relações são, automaticamente, definidas e redefinidas através do virtual. “Uma interface de interacção mútua cria o cenário para a problematização, um ambiente virtual onde acontecerão diversas actualizações. Portanto, a interactividade plena depende do virtual.”⁵⁸

A Interacção Reactiva caracteriza-se por ser um sistema fechado, com relações lineares e unilaterais. Não possuem qualquer influência sobre os outros, pelo facto de não desenvolverem trocas com o contexto, não sendo capazes de evoluir. Não conseguem agir em situação não planeadas, não produzindo qualquer resultado.

O processo de interacção baseia-se ao par estímulo – resposta. O estímulo, cada vez que é repetido numa interacção, tenderá sempre para à mesma resposta.

Os sistemas reactivos operam através da acção e reacção dos intervenientes. Surge uma hierarquia que é repetida sistematicamente a cada interacção, onde o indivíduo só interfere com antecedência.

O processo de throughput dos sistemas reactivos baseia-se em reflexos ou automatismos. A descodificação e a codificação das mensagens resumem-se a programas que pré-determinam as respostas aos sinais emitidos. Se o programa não reconhece uma relação bloqueia, gerando erros.

Pode-se referir que o fluxo de informação é linear pré-determinado em acções individuais. As mensagens são enviadas e recebidas num conjunto de mecanismos sucessivos já definidos. A acção do utilizador é realizada consoante os limites que o

⁵⁸ Primo, A. (2000). Interacção mútua e reactiva: uma proposta de estudo. Revista da Famecos, n.º 12, p. 81 – 92 (11) In http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf.

autor do programa estabeleceu, ou seja, o utilizador embora aparente uma atitude de comando, é comandado pelas possibilidades pré-estabelecidas.

As relações que se estabelecem no seio dos sistemas de interacção reactiva são construídas mediante uma causa, onde o vínculo existente entre a acção e a reacção são sinónimo de uma causa e de um efeito. Pelo facto de serem sistemas fechados, com relações pré-estabelecidas são processos onde a premissa casualidade prevalece.

O interface dos sistemas reactivos apresenta-se como um potencial. Aqui, cada estímulo é programado com antecedência para se estabelecerem um sem-número de respostas possíveis e que, só estas, podem ser apresentadas aos intervenientes. Caso isso não aconteça, acontece um erro. Neste tipo de sistema só o programador, o agente activo, tem a liberdade de alterar certas potencialidades e, qualquer intenção que se afaste do potencial dá origem a um erro. Ao agente passivo ou reactivo compete o processo de adaptação ao pré-determinado.

“Uma interacção mútua, por sua vez, vai além da acção de um e da reacção de outro. Tal automatismo dá lugar ao complexo de relações que ocorrem entre os interagentes (onde os comportamentos de um afecta os do outro). Vai além do input determinado e único, já que a interacção mútua leva em conta uma complexidade global de comportamentos (intencionais ou não e verbais ou não), além de contextos sociais, físicos, culturais, temporais, etc. Por outro lado, os sistemas reactivos, por trabalharem no automatismo, não podem perceber (ou o fazem com grandes limitações) a maioria das informações dessa complexidade, nem tampouco elementos meta-comunicacionais. Por dependerem da programação em sua génese, a comunicação tem poucas chances de trilhar por processos como resignificação e contextualização. Portanto, novos caminhos não podem ser trilhados pelas dificuldades do sistema reactivo de possibilitar uma construção emergente da interacção, de constantes actualizações.”⁵⁹

⁵⁹ Primo, A. (2000). Interacção mútua e reactiva: uma proposta de estudo. Revista da Famecos, n.º 12, (pág. 81 – 92 (12)) URL: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf.

Para que os sistemas reactivos ampliem a sua interactividade é necessário que se encare o conceito de envolvimento como um “tomar parte”, onde o sujeito passivo possa intervir no processo de construção do processo. É, também, necessário fomentar a participação activa e recíproca sistemáticas.

4. O Homem no contexto das Novas Tecnologias da Informação

4.1. Cultura de Massas

A cultura de massas até meados do século XIX e o século XX estava relacionada com a perda do nível cultural, dos baixos gostos das pessoas consumidoras dessa cultura.

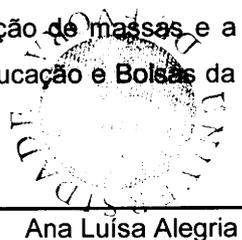
A partir desse momento, o conceito de cultura de massas começou a ser analisado de forma crítica, abandonando sua concepção original.

Foi no Instituto de Investigação Social Aplicada de Frankfurt, de influência marxista, que, o conceito de cultura de massas foi analisado à luz da teoria crítica. Os membros mais importantes da Escola foram Max Horkheimer, Theodor Adorno, Leo Lowental, Herbert Marcuse e Walter Benjamin.

Baseando-se na teoria crítica, foram buscar a história da mudança económica, para referir que a classe dominante promoveu uma falsa consciência das massas, condicionando a base económica. Assim, a “cultura de massas universal e comercializada foi vista como um meio importante pelo qual foi conseguido este sucesso pelo capitalismo monopolista.”⁶⁰. Tudo o que foi produzido em massa proporcionou ao sistema capitalista e à sua entrega à racionalidade tecnológica se elevassem. Assim, arte e cultura são encaradas como mercadoria e utilizadas para a obtenção de lucro, perdendo o seu poder crítico.

Marcuse identificou a sociedade de consumo de massas como unidimensional, pois funda-se no comércio, na publicidade e na desigualdade.

⁶⁰ McQuail, D. (s.d.) *Teoria da Comunicação de Massas*. Capítulo 5 - A comunicação de massas e a cultura. Os começos: a Escola de Frankfurt e a Teoria Crítica. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian (pág. 97).



Adorno e Horkheimer criticaram, de forma pessimista, o carácter uniforme e monótono, o louvor à técnica, a produção de falsas necessidades, a redução de indivíduos a clientes e a eliminação das opções ideológicas.

A cultura de massas “é fruto da aplicação da técnica da indústria cultural, também designada por indústria de diversão, que implica a produção industrial dos bens culturais (...)”⁶¹.

A cultura industrial é estandardizada, dirigida por um grupo de indivíduos economicamente privilegiados e que lhe conferem determinada marca, adquirindo o, já referido, carácter de mercadoria. Assim, a cultura perde o seu aspecto, importante, de bem cultural para bem material, com valor de troca.

Os indivíduos aos poucos perdem a sua capacidade crítica e deixam-se influenciar pela indústria cultural. Perdem “toda a espontaneidade e imaginação e todo o esforço intelectual é sacrificado. A passividade regula definitivamente o relacionamento entre os sujeitos e os *media*, caracterizado pela unidireccionalidade: os indivíduos limitam-se a receber a informação, a consumi-la numa atitude passiva, não lhes sendo concedido o direito de reflexão e resposta.”⁶².

A estandardização cultural não distingue as massas em níveis sócio-culturais, mas compromete a relação do indivíduo com a tecnologia, pois este perde o seu poder crítico perante a cultura e a indústria cultural.

⁶¹ Marcelo, A. S. (2001), *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. (pág. 53). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

⁶² Marcelo, A. S. (2001), *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. (pág. 54). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

4.2. Era Digital

“Vivemos um ponto de inflexão na história da humanidade. Não satisfeita em transformar nossos modos de trabalhar, aprender e amar, a informática alterou até a própria noção de tempo”⁶³.

No início da Internet fizeram-se muitas previsões sobre o impacto que esta viria a ter na sociedade. À medida que as previsões passavam a ser realidade, foram surgindo várias denominações para o que estava a acontecer e para o que se previa, como por exemplo: Revolução das comunicações, Auto-estrada da informação, Revolução da Informação e Revolução Digital. O que poucos conseguiram prever, pois desta vez não nos encontramos a entrar num novo ciclo, mas sim a iniciar uma nova Era, a Era Digital.

Em menos de cinquenta anos, os computadores tornaram-se um instrumento de pesquisa e entretenimento para todos. Produziu-se uma revolução silenciosa, onde se alterou a dinâmica da sociedade, tanto a nível político, económico, cultural e social, das relações interpessoais.

Os avanços tecnológicos estão por todo o lado, na medicina, na economia, na cultura, enfim... no quotidiano de todos nós!

Segundo Rodrigues “as fronteiras geográficas, culturais, sociais e políticas, que até aos nossos dias definiam os espaços de influência da ordem informativa, parecem, por conseguinte, ruir com a permeabilidade da informática”⁶⁴. Concordando com o autor, pode-se afirmar que a internet aproximou as pessoas, eliminando fronteiras e abolindo o fuso horário, porque tudo ocorre em tempo real, no aqui e no agora. Tudo parece mais rápido no mundo da competição globalizada.

“A era da informação é uma combinação de factores. A tecnologia traz a possibilidade, a ciência vem com a verdade e a arte, com a beleza e o apuro estético”⁶⁵.

⁶³ Merconi, D. *Bem-vindo à Era Digital*. URL: <http://www.terra.com.br/istoe/digital/vidadigital.htm>

⁶⁴ Rodrigues, A. (1994). *Comunicação e Cultura*. Lisboa: Editorial Presença (pág. 26) In Custódia Pais (s.d.). *Internet: O Milagre da Era Digital ou a Ameaça da Bomba Informática?* URL: http://www.ipv.pt/millennium25/25_30.htm

⁶⁵ Meira, S. In Merconi, D. (s.d.) *Bem-vindo à Era Digital*. URL: <http://www.terra.com.br/istoe/digital/vidadigital.htm>

À medida que avançamos na era da informação, a máquina vai substituindo o Homem, como resultado surge uma sociedade que se baseia em trocas de serviços, onde a informação é uma ferramenta de aquisição de poder. Segundo Manuel Castells “nos últimos 25 anos deste século que se encerra, uma revolução tecnológica com base na informação transformou nosso modo de pensar, produzir, consumir, negociar, administrar, comunicar, viver, morrer, fazer guerra e fazer amor”⁶⁶.

As novas tecnologias permitem uma revolução no conhecimento e no contacto entre as pessoas, o que conduz a uma mudança social.

Segundo Paulo Virilio "pela primeira vez, a história vai acontecer em um tempo único: o tempo mundial. A história se desenrola no presente, no tempo local, no espaço local, nas regiões, nas nações. Ou, de uma certa maneira, a globalização e a virtualização instauram um tempo mundial que prefigura um novo tipo de tirania"⁶⁷

A definição da Era Digital apresenta alguma ambiguidade, foi denominada de Sociedade do Capitalismo Avançado, por Jonh Kenneth Galbraith, de Terceira Onda, por Alvin Toffler, de Era da Descontinuidade, por Peter Drucker e de Infólítico Superior, por José Terceiro.

Sherry Turke, refere que “à medida que os seres humanos se confundem cada vez mais com a tecnologia e uns com os outros através da tecnologia, as velhas distinções entre o que é especificamente humano e o que é especificamente tecnológico tornam-se mais complexas. Estaremos a viver uma vida no ecrã ou dentro do ecrã?”⁶⁸.

⁶⁶ Castells, M. (s.d.). *O fim do milénio*. Ed. Paz e Terra In Merconi, D. (s.d.) *Bem-vindo à Era Digital*. URL: <http://www.terra.com.br/istoe/digital/vidadigital.htm>

⁶⁷ Virilio, P. In Merconi, D. (s.d.) *Bem-vindo à Era Digital*. URL: <http://www.terra.com.br/istoe/digital/vidadigital.htm>

⁶⁸ Turkle, S. (1995). *A Vida no Ecrã*. Lisboa: Relógio D' Água. In Custódia Pais. (s.d.). *Internet: O Milagre da Era Digital ou a Ameaça da Bomba Informática?* URL: http://www.ipv.pt/millennium25/25_30.htm

4.3. Interface entre o Homem e a Máquina

“Sempre que nos aventuramos pelo ciberespaço, intermediado pelo computador, entramos numa nova dimensão recente, ainda em rápido processo de constituição, e que se vai organizando segundo tecnologias e factores de poder de presença que estão agora a desenvolver-se (...)”⁶⁹

Analisar a interface entre o Homem e a Máquina remete-nos para o modelo tridimensional proposto por McMillan, que é aplicável ao estudo da interactividade na Internet, segundo o qual existem três tipos fundamentais e diferentes de interactividade. O de utilizador – para – utilizador (os indivíduos interagem um com os outros; comunicação interpessoal); o de utilizador – para – documentos (forma como o público activo interpreta e usa as mensagens dos media; pesquisa sobre os media) e o de utilizador – para – sistema (interacção entre o indivíduo e o computador; pesquisa sobre interface entre o homem e a máquina).

Para que a relação homem - máquina ocorra, é indispensável o uso da interface e da interactividade. Sem estes dois fundamentos, é impossível haver qualquer tipo de relação entre o homem e a máquina dentro da Internet ou mesmo fora dela.

A realidade virtual tornou todas as relações do homem com o computador mais fáceis, agradáveis, funcionais e/ou eficientes. Como refere Esperança, a “atenção do investigador orienta-se agora para a paisagem cibernética que lhe chega aos sentidos pelo computador (...)”⁷⁰

Por máquinas entende-se tudo aquilo que ajuda ao homem a desempenhar as suas funções mais facilmente.

A partir da Revolução Industrial, a máquina passou a integrar a vida do ser humano. Actualmente, a máquina mais utilizada e que faz parte da nossa realidade é o computador.

⁶⁹ Esperança, E. (2008). *Novas Mediações, Novas Redes Sociais, Novas Formas de Investimento Afectivo*. Economia e Sociologia, n.º 86. Évora (pág. 24)

⁷⁰ Esperança, E. (2008). *Novas Mediações, Novas Redes Sociais, Novas Formas de Investimento Afectivo*. Economia e Sociologia, n.º 86. Évora (pág. 24)

Os estudos realizados sobre as implicações que os computadores acarretam na vida das pessoas mostram que, tem a capacidade de exclusão e de inibir a concretização de relações sociais. A primeira implicação é evidenciada nos indivíduos que não possuem computador e que se encontram tecnologicamente desactualizados. A outra implicação refere-se ao facto de os indivíduos perderem a capacidade de se relacionarem com os outros, por passarem demasiado tempo ao computador, conseguindo, apenas relacionar-se com pessoas que estejam conectados à internet.

A Internet influenciou a comunicação humana e os processos de interacção social.

Através da rede global o homem estabelece uma espécie de relação com o computador e, automaticamente, com outras pessoas que se encontrem conectadas.

É necessária uma re-conceptualização do Homem – Máquina para Homem – Máquina - Homem, porque muitas vezes quando um usuário se conecta a Internet, não procura uma relação com o computador, mas sim com uma pessoa através do computador.

A necessidade de comunicação imediata, de rapidez e eficácia e tecnologia, fez do computador o melhor amigo do homem. Contudo, este cenário trouxe várias consequências como tornar as pessoas mais solitárias e cada vez mais dependentes do computador, tornando-se a-sociais na vida real.

A internet, como evoca Esperança, “é um princípio de trabalho. E a memória da sociedade está à nossa completa disposição”⁷¹, permitindo ao homem “a criação de um ambiente social, onde os “novos dispositivos comunicacionais induzem quem os utiliza a estabelecerem relações sociais, baseadas numa aproximação emocional entre quem se envolve nesta forma de interacção”⁷².

Turkle (1997) refere que as interacções realizadas on-line são mais intensas que as que são realizados fora da rede, portanto, off-line. O mesmo autor refere que este aspecto se deve ao facto das interacções mediadas pelo computador privilegia o

⁷¹ Esperança, E. (2008). *Novas Mediações, Novas Redes Sociais, Novas Formas de Investimento Afectivo*. Economia e Sociologia, n.º 86. Évora (pág. 25)

⁷² Marcelo, A. S. (2001). *Internet e Novas Formas de Sociabilidades, A Era Digital e as Novas Formas de Sociabilidade*, (pág. 115). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

anonimato, a imaginação e a fantasia, o que leva à criação de múltiplas identidades por parte dos sujeitos. Concordando com este ponto, Esperança refere que “cada um na sua «montra» mostra o que tem e o que não tem, nalguns casos podendo até desdobrar-se em vários personagens (...)”⁷³

A interacção que se realiza no interior das redes digitais é feita, não entre indivíduos, mas sim de imagens construídas por eles e projectadas no écran do computador.

Será este o futuro das relações humanas? Será que para poder conversar com as pessoas é necessária a presença de um computador como mediador? Como resposta a estas questões, Negroponte diz-nos que “no próximo milénio, encontrar-nos-emos a falar tanto ou mais com as máquinas do que falamos com as pessoas. Aquilo que parece perturbar mais as pessoas é a nossa própria consciência de estar a falar com objectos inanimados”⁷⁴.

À luz de Esperança, o “sociólogo que há muito perscruta a tecnologia como agenciadora de certos fenómenos, começa agora a questionar, mesmo modelar heurísticamente estes novos dispositivos que alteram a morfologia e o alcance das relações como antes o automóvel e o avião alteraram o alcance no espaço. Mais do que a simples aferição das quantidades e qualidades de relação, interessa recortar o modelo ou modelos que emergem com a nova possibilidade. O que vai acontecer ao modelo romântico que fala em príncipes e princesas, no arrebatamento do amor único e irrepetível; desaparece?! Estilhaça-se?!, coabita com outras morfologias de relação? Outras formas de relação afectiva ou não?”⁷⁵

⁷³ Esperança, E. (2008). *Novas Mediações, Novas Redes Sociais, Novas Formas de Investimento Afectivo*. Economia e Sociologia, n.º 86. Évora (pág. 28)

⁷⁴ Negroponte, N. (1997). *Ser Digital*. Editorial Caminho. (pág. 157) In Ana Sofia Marcelo (2001). *Internet e Novas Formas de Sociabilidades*, A Era Digital e as Novas Formas de Sociabilidade, (pág. 66). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

⁷⁵ Esperança, E. (2008). *Novas Mediações, Novas Redes Sociais, Novas Formas de Investimento Afectivo*. Economia e Sociologia, n.º 86. Évora (pág. 31).

5. Novas Formas de Sociabilidade

Ocorreram mudanças significativas devido aos avanços tecnológicos que, por sua vez, provocaram novos ritmos e dimensões ao nível das relações e interações sociais, bem como na difusão de ideias e informações. Como consequência, alteram-se as formas de pensamento e os paradigmas culturais e científicos. Todas estas inovações exigem uma renovação conceptual.

As inovações tecnológicas impõem aos indivíduos uma realidade virtual, uma inteligência artificial, novos dispositivos, redes e comunidades virtuais, além de promoverem uma reavaliação do conceito de representação pelo facto de se assistir à digitalização da imagem e do corpo.

A partir de todas estas alterações, verificam-se novas formas de sociabilidade, que seguem uma lógica mais individual, com papéis definidos segundo um determinado momento.

5.1. Ciberespaço

Os estudos realizados sobre a internet identificam-na como um fenómeno total e/ ou como um artefacto tecnológico inovados que estabeleceu um novo espaço e tempo de interacção social, dentro dos quais emergem novas formas de sociabilidade.

“A palavra cyberspace foi criada, por volta de 1984, pelo escritor de ficção científica William Gibson, e utilizada nos seus romances *Neuromancer* (de 1984) e *Count Zero* (de 1987)”⁷⁶.

No seu romance Gibson designou o ciberespaço como uma alucinação conceptual.

⁷⁶ Serra, P. (1996 / 96). *O problema da técnica e o ciberespaço*. Universidade da Beira Interior. Pág. 21.
Url: http://thesis.ubi.pt/upload/95/513/jpserra_problema.pdf

Para Ivan Sutherland refere-se ao ciberespaço como “uma forma de exibição que fornecia informação a todos os órgãos dos sentidos, numa espécie de imersão total”⁷⁷.

Segundo Benedikt⁷⁸ o ciberespaço é “(...)un acontecimiento nuevo y irresistible en la elaboración de la cultura y el quehacer humano bajo el signo de la tecnologia”.

Etimologicamente, cyberspace é formado “a partir de cyber (que significa homem do leme, piloto, e que também integra o termo Cibernética, que designa o estudo dos mecanismos de controlo no animal e na máquina) e de espaço - o que dá, desde logo, a ideia do cyberspace como espaço do controlo”.⁷⁹

Na perspectiva dos realistas virtuais, o ciberespaço é “uma nova fronteira, um novo mundo que está aberto à acção dos novos exploradores e colonizadores”⁸⁰.

O ciberespaço é um “universos de informação telemática, assente no suporte técnico das redes telemáticas”⁸¹ da Internet.

“Benedikt atribui, ao Ciberespaço, as seguintes características:

- Ilimitado (entra-se no ciberespaço através de qualquer computador ligado ao sistema; a partir de todo e qualquer lugar do mundo e mesmo de fora do planeta);
- Virtual (existe em toda a parte e em lugar nenhum, é um lugar em que nada se esquece e no entanto tudo muda);
- Mental (é uma geografia mental, construída simultaneamente por "consenso e revolução, canon e experimentação...);

⁷⁷ Serra, P. (1996 / 96). *O problema da técnica e o ciberespaço*. Universidade da Beira Interior. Pág. 22. Url: http://thesis.ubi.pt/upload/95/513/jpserra_problema.pdf

⁷⁸ Benedikt, M. (1991). *Ciberespacio: Los Primeros Passos* (Introduccion, pág. 9 – 29) (tradução de Cyberspace: First Steps. Cambridge: MIT Press) In Paulo Serra (1995/96). *O problema da técnica e o ciberespaço*, O termo Cyberspace. Pág. 22. Url: http://thesis.ubi.pt/upload/95/513/jpserra_problema.pdf

⁷⁹ Serra, P. (1996 / 96). *O problema da técnica e o ciberespaço*. Universidade da Beira Interior. Pág. 22. Url: http://thesis.ubi.pt/upload/95/513/jpserra_problema.pdf

⁸⁰ Serra, P. (1996 / 96). *O problema da técnica e o ciberespaço*. Universidade da Beira Interior. Pág. 22. Url: http://thesis.ubi.pt/upload/95/513/jpserra_problema.pdf

⁸¹ Serra, P. (1996 / 96). *O problema da técnica e o ciberespaço*. Universidade da Beira Interior. Pág. 26. Url: http://thesis.ubi.pt/upload/95/513/jpserra_problema.pdf

- Eléctrico (os seus "corredores" formam-se em qualquer lugar onde haja electricidade);
- Intemporal (a partir das bases de dados que o constituem, é possível presentificar o passado e o longínquo);
- Informacional (é o reino da informação pura, sem qualquer ineficiência, contaminação ou corrupção derivada da materialidade).⁸²

O ciberespaço não pode ser entendido desta forma, pois é o resultado de uma rede tecnológica, com interrelação entre os sujeitos. É uma construção científico-tecnológica. Apresenta "uma dialéctica de presença – ausência"⁸³.

É, pois, uma virtualização da realidade. "O ciberespaço constitui um ambiente virtual que pode ser utilizado com diferentes objectivos, entre eles: espaço de sociabilidade, canal de comunicação, fonte de informação"⁸⁴.

O espaço da Internet ao ser utilizado como um espaço novo de sociabilidade gera novas formas de relações sociais, com códigos e estruturas específicas, que não passam de meras reformulações das formas tradicionais de sociabilidade, "adaptadas às novas condições, tanto de espaço / tempo virtuais, quanto de agentes sociais dinâmicos, cuja capacidade de metamorfose"⁸⁵ são significativas.

⁸² Benedikt, M. (1991). *Ciberespacio: Los Primeros Passos* (Introducción, pág. 9 – 29) (tradução de Cyberspace: First Steps. Cambridge: MIT Press) In Paulo Serra (1995/96). *O problema da técnica e o ciberespaço*, O termo Cyberspace. Pág. 22. Url: http://thesis.ubi.pt/upload/95/513/jpserra_problema.pdf

⁸³ Serra, P. (1996 / 96). *O problema da técnica e o ciberespaço*. Universidade da Beira Interior. Pág. 26 - 27. Url: http://thesis.ubi.pt/upload/95/513/jpserra_problema.pdf

⁸⁴ Duarte, A. B. S. (2005). *Informação, comunicação e sociabilidade via Internet: Um estudo das interações no ciberespaço entre membros do Movimento Escoteiro*, Informação e Internet. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. (pág. 68.) Url: <http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/317/120>

⁸⁵ Velho, G. (1994). *Projecto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar In Maria José Lopes Guimarães Jr, (1997). *A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade*, Trabalho apresentado no GT "nuevos mapas culturales: Cyber espacio y tecnologia de la vitalidad", na II Reunión de Antropologia del Mercosur, Piriápolis de 11 a 14 de Novembro de 1997. pág. 6. <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>

Mesmo não sendo uma entidade física concreta, o espaço da internet é um espaço intermédio, que se situa no real, mas integra a cultura contemporânea. É, em si, um complexificador da realidade.

O ciberespaço é descentralizado, não apresenta qualquer organização ou hierarquia estabelecida; auto-organizante, pela sua capacidade de auto-regulação de entre um caos mais ou menos desorganizado; multidireccional, pois apresenta uma multiplicidade de possibilidades de actividades, de informação e da sua forma peculiar de circulação, de símbolos e interconexões: selectivo, pelo facto do indivíduo ter a possibilidade de eleger a comunidade que quer pertencer, o que se deve à múltipla inscrição social, onde o sentimento de pertença é sempre selectivo; é um espaço que se encontra em constante renovação, por ser mutante, tanto a nível tecnológico, simbólico como interactivo, nas suas transformações que ocorrem a uma velocidade extrema; um espaço de elite, por acarretar custo e dispositivos tecnológicos que, nem sempre são acessíveis a todos os sectores da população, fomentando o fenómeno da infoexclusão; democrático, pois é um espaço onde todos têm acesso e podem interagir e participar em todas as potencialidade que se encontram disponíveis; um espaço de fuga, pelo facto dos indivíduos procurarem alternativas sociais e individuais, assim, manipulam o espaço de informação, conferindo, à experiência, a imediatez e a instantaneidade; um espaço de construção de identidades, o que remete para a ideia de que o homem se projecta no mundo, entra nele e perde as suas fronteiras; um espaço de distância, pois o ciberespaço define uma sociabilidade de afastamento físico; onde o sentimento de pertença existe, embora à distância, o mesmo se pode dizer das relações, que são estabelecidas pela ausência de presença; um espaço de escrita, pois tudo o que acontece no ciberespaço é transmitido, tanto por produtores como de consumidores, através da escrita; e um espaço de invisibilidade, pois existe a possibilidade de se manter distante, invisível em relação aos outros intervenientes.

5.2. Cibercultura

Como já foi referido no capítulo das leituras, as Tecnologias da Informação e Comunicação são essenciais no processo de mudança social, são um pilar na sociedade da informação e do conhecimento. São produtos sociais e podem ser consideradas como os novos ambientes tecnológicos geradores de novas sociabilidades, que provocam novos valores que iram reforçar essas novas sociabilidades.

Através da Internet criou-se um novo espaço social, virtual, a-temporal, designado por ciberespaço.

Pierre Lévy refere-se ao ciberespaço, como um novo meio de comunicação que emerge da interconexão mundial dos computadores. Uma infra-estrutura material de comunicação, que suporta tecnologias intelectuais amplificadoras, exteriorizadoras e modificadoras de numerosas funções cognitivas do ser humano.

A partir do ciberespaço surge uma cibercultura, resultante da junção de técnicas, práticas, atitudes, formas de pensar e valores que se adquirem e se desenvolvem no espaço virtual.

Definir cibercultura implica relacionar os conceitos das novas tecnologias, nomeadamente a comunicação digital e a realidade virtual. Portanto, exige que a sua definição seja considerada mediante uma perspectiva de análise das novas tecnologias.

O surgimento da cibercultura tem provocado uma alteração do imaginário humano, transformando a originalidade das relações sociais entre o ser humano com a tecnologia. Existe uma interrelação próxima entre subjectividade e tecnologia, pelo facto da tecnologia influenciar a subjectividade. A tecnologia faculta ao indivíduo novas referências que influenciam as formas de representar e interagir com o que o rodeia.

As tecnologias intelectuais são o instrumento, por excelência, que afecta o colectivo social, nomeadamente as noções de espaço e de tempo. Vão criar, por conseguinte, novas formas de sociabilidade, que se caracterizam pela desterritorialização e pela mudança do paradigma sócio-comunicacional.

Segundo Lévy, "(...) vivemos hoje em dia uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados"⁸⁶

"A cibercultura é um campo privilegiado para o estudo das relações entre mídia/consumidor, ao estabelecer uma nova relação dos sujeitos com a tecnologia e com um meio cujo nível de interactividade é, até então, inédito."⁸⁷

Fazendo referência à leitura feita sobre a recensão de *A Galáxia Internet* de Manuel Castells, elaborada por Fátima Bessa, considera-se que a Internet provém de uma cultura, mas ela própria foi criando uma cultura, denominada por cibercultura.

⁸⁶ Lévy, P. (1995). *As tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34. (pág. 17) In Maria José Lopes Guimarães. *A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade*, pág. 4, <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>

⁸⁷ Guimarães, M. J. L. *A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade*. Trabalho apresentado no GT "nuevos mapas culturales: Cyber espacio y tecnologia de la virtualidad", na II Reunión de Antropologia del Mercosur, Piriápolis de 11 a 14 de Novembro de 1997. (pág. 6). <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>

5.3. Virtual

À luz da perspectiva de Pierre Lévy⁸⁸, “etimologicamente, virtual tem a sua origem no baixo latim como *virtualis*, derivado do substantivo comum, do latim vulgar, *virtus*, que significa força, potência”.

Segundo este autor, o virtual é uma nova modalidade de ser, cuja compreensão é facilitada por considerarmos o processo de virtualização.

O virtual faz com que “as imagens já não captem o real, fragmentos da percepção da realidade, mas realizem aquilo que não pode ser percebido imediatamente”.⁸⁹

Para “Pierre Lévy o virtual equivale, não à ausência de existência (como se pode pensar comumente), ou seja, a uma desrealização, mas sim a uma mutação de identidade, a «um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a plenitude da presença física imediata»”⁹⁰.

O ser humano associou sempre a sua realidade a uma realidade virtual, tanto biológica como psicológica, pelo facto do sistema nervoso e dos sentidos serem coordenados pelo cérebro. Através destes produzem-se uma série de percepções

⁸⁸ Lévy, P (1999). *Qué es lo virtual?* Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S. A. In Ana Sofia Bentes Marcelo, *Novos media: inauguração de novas formas de sociabilidade*. pág. 2. <http://bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-andre-bentes-novos-media-inauguracao-novas-formas-solidariedade.pdf>

⁸⁹ Rodrigues, A. (1999). *Contributos para a Genealogia do Virtual*. In J. B. de Miranda (Org.) *Real vs. Virtual*. Lisboa: Edições Cosmo. (pág. 87 – 95) In Ana Sofia Marcelo. *Internet e Novas Formas de Sociabilidades, A Era Digital e as Novas Formas de Sociabilidade*, (pág. 115). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

⁹⁰ Lévy, P. (1996) *O que é o virtual?* São Paulo: Edit. 34 (pág. 12) In Carlos Silva, Noémia Marujo e José Saragoça (s.d.). *Ciberespaço e Virtualização*. Universidade de Évora, Departamento de Sociologia. Pós-Graduação em Sociologia: Políticas e Práticas em Turismo, disciplina de Turismo e Tecnologias de Informação e Comunicação – Sessão 6. URL: www.ensino.uevora.pt/tmp/cursos/PPT/TIC/sessao5.../aula.doc.

sobre o real circundante, às respectivas interpretações. Assim, constrói-se uma realidade inquestionável.

Através da interacção entre o Homem e as novas tecnologias digitais, os indivíduos emergem em realidades virtuais, abandonando o mundo real. A partir do virtual existe a possibilidade de re-criar realidades.

Segundo Miranda “o virtual é o espaço de mediação imediata que tende a envolver todo o mundo, virtualizando-o”⁹¹ e “o espaço do imaginário (determinado metafisicamente, mas também teologicamente ou politicamente) onde se instituía, ou se construía, as possibilidades”.⁹²

O sucesso, cada vez mais significativo, do virtual assenta na possibilidade de, enganando os sentidos, acreditar que o virtual é, em si mesmo, o real.

De uma forma simplificada, poderia dizer-se que o virtual é tudo o que está por vir, ou o possível, e o real é a actualização dessa virtualidade.

Segundo Pierre Lévy são várias as possibilidades de entender o virtual. Pode ser visto como um nova forma de interacção social e uma nova forma de espaço que não é antónimo de real. A realidade das interações é estabelecida no interior desse espaço virtual. As possíveis actualizações desse virtual são as várias novas formas de interacção.

Portanto, o virtual existe, enquanto o actual acontece. Logo o virtual não substitui o real, multiplicando as possíveis oportunidades, para o actualizar.

⁹¹ Miranda, J. (1996). *O Controle do Virtual*. In Ana Sofia Marcelo. *Internet e Novas Formas de Sociabilidades*, A Era Digital e as Novas Formas de Sociabilidade, (pág. 113). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

⁹² Miranda, J. (1996). *O Controle do Virtual* In Ana Sofia Bentes Marcelo, *Novos media: inauguração de novas formas de sociabilidade*. (pág. 2). URL: <http://bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-andre-bentes-novos-media-inauguracao-novas-formas-solidariedade.pdf>

5.3.1. Virtual Vs Possível

Virtual não pode ser compreendido como o possível, pois é em si um complexo problemático que se estabelece através de interações com o actual e se transforma consoante o enquadramento em que se encontra.

5.3.2. Virtual Vs Actual

O virtual distingue-se do actual na medida em que não contém em si o real, mas sim um complexo de possibilidades que, consoante as condições e o enquadramento, se irão actualizar de diversas formas.

Segundo Levy⁹³ “o real assemelha-se ao possível; em troca o actual em nada se assemelha ao virtual: *responde-lhe.*”

5.3.3. Possível Vs Real

Levy utiliza a distinção de Deleuze entre o possível e o real. Aqui, o possível está associado ao real, na medida em que o possível é o real sem a sua existência. A passagem do possível ao real, ou seja, a realização, não implica qualquer acção criativa.

O que difere o possível do real é, simplesmente, um quantificador existencial.

⁹³ Levy, P. (1996). *O que é o Virtual?* (pág. 17) In Maria. José Lopes Guimarães Jr. *A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade*, pág. 3, <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>

Segundo Baudrillard⁹⁴ “é paradoxalmente o real que se tornou a nossa verdadeira utopia, mas uma utopia que já não é da ordem do possível, aquela com que já não pode senão sonhar-se, como um objecto perdido.”

⁹⁴ Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d' Água Editores Lda. (pág. 153). In Marcelo, A. S. *Internet e Novas Formas de Sociabilidades, A Era Digital e as Novas Formas de Sociabilidade*, (pág. 114). URL: <http://bocc.ubi.pt/paq/marcelo-ana-sofia-andre-bentes-novos-media-inauguracao-novas-formas-solidariedade.pdf>

5.4. Rede

As redes são consideradas “uma abstracção e um dado da realidade actual”.⁹⁵ São frequentadas por pessoas, símbolos, mensagens e valores, como tal, têm uma componente social e política.

Segundo Passy⁹⁶ as “redes têm múltiplas funções no processo que resulta na participação em acções colectivas. Redes socializam e constroem identidades individuais (função socializadora), oferecem aos indivíduos que são culturalmente sensíveis a questões políticas mais específicas oportunidades para participarem (função de recrutamento), e moldam preferências individuais antes de os indivíduos decidirem juntar-se a um movimento (função de moldar decisões de actores)”.

A sua constituição é baseada num conjunto de linhas que se entrelaçam, tendo a sua origem em interacções estabelecidas entre os participantes

Após o galopante desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação, especialmente com a internet, constata-se que os “serviços tradicionais de informação”⁹⁷ foram facilitados, na medida em que, as redes alteraram os processos

⁹⁵ Ribas, S. C. R. e Ziviani, P. (2008). *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1 Janeiro – Abril. (pág. 3) URL: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>

⁹⁶ Passy, F. Socialization, recruitment, and the structure/agency gap. *A specification of the impact of networks on participation in social movements*. Paper prepared for “social movement analysis: The network perspective”, a workshop held at Ross Priory, Loch Lomond, Scotland, (pág. 22-25) In Breno Augusto Souto Maior Fontes e Sabina Stelzig. *Sobre Trajectórias de Sociabilidade: a Ideia de Relé Social enquanto mecanismo criador de novas redes sociais*. (pág. 11). Url: http://revista-redes.rediris.es/webredes/novedades/breno_sabina.pdf

⁹⁷ Ribas, S. C. R. e Ziviani, P. (2008). *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1 Janeiro – Abril. (pág. 3) URL: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>

de “aquisição, armazenagem e disseminação da informação e do conhecimento”⁹⁸. Estas mudanças devem-se às conexões existentes através de interacções estabelecidas no interior de cada rede social. Assim, a informação e as respectivas fontes aumentam, o mesmo se pode dizer da sua circulação e disseminação, fruto da evolução tecnológica.

É através dos processos de inovação e da internet que se constitui um novo paradigma, a rede. Em rede, cada descoberta é partilhada proporcionando novos avanços que beneficiam todos

5.4.1. Rede Social

Entende-se por rede social um ou mais conjuntos finitos de actores, ou eventos, e das relações estabelecidas entre eles. Ou seja, as redes sociais designam o conjunto de indivíduos independentes, unidos por interesses e valores comuns. Surgem como um instrumento face aos determinismos das instituições. Actualmente são encaradas como uma forma de organização global com participação individual. São estabelecidas de forma informal, com valorização das relações.

São caracterizadas pela partilha de objectivos, criados no colectivo, pela dinâmica e intenção dos indivíduos, pelos mecanismos de produção, reedição e circulação da informação pelas relações não hierárquicas, pela descentralização do poder, pelo ambiente que propicia a ligações fora da rede (relações multilaterais) e pela sua constituição dinâmica e mutante.

A formação de redes sociais acontece pela tomada de consciência de interesses e valores comuns. A respectiva participação implica direitos, responsabilidade e tomada de decisões. Embora não tenha, obrigatoriamente uma

⁹⁸ Ribas, S. C. R. e Ziviani, P. (2008). *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1 Janeiro – Abril. (pág. 3). URL: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>

hierarquia de poderes, a sua estrutura horizontal apresenta relações de poder e dependência nas associações internas e nas relações exteriores à rede.

“As redes sociais emergem de processos culturais e políticos e manifestam um desejo colectivo em inovar como um padrão organizacional capaz de expressar, em seu arranjo de relações, ideias inovadoras, nascidas da vontade de resolver problemas actuais. Cada rede tem uma configuração particular: depende do ambiente onde se forma e actua, da cultura política dos membros e, em especial, da cultura política dos facilitadores, dos objectivos partilhados”.⁹⁹

“As relações são não-hierárquicas e, quando ocorre algum tipo de hierarquia, se dá com o intuito de facilitar a disseminação e o partilhamento de informações. O uso da tecnologia e a descentralização dinamizam o processo, o que permite um maior fluxo de informação, instrumento de mobilização importante nas lutas por melhores condições de vida na sociedade.”¹⁰⁰

Como tal as redes sociais são utilizadas como um precioso instrumento que permite analisar os processos de interacção social e os processos de circulação e percepção da informação na sociedade em geral.

⁹⁹ Ribas, S. C. R. e Ziviani, P. (2008). *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1 Janeiro – Abril. (pág. 5) URL: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>

¹⁰⁰ Ribas, S. C. R. e Ziviani, P. (2008). *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1 Janeiro – Abril. (pág. 5) URL: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>

5.4.2. Rede Virtual

Matos define “redes virtuais ou organizações virtuais como uma rede (temporária) de organismos independentes, ligados através das tecnologias de informação, com vista a partilharem competências, recursos, custos e os espaços de intervenção de cada um”.¹⁰¹

O fenómeno da globalização veio alterar os mecanismos de processamento das redes sociais, devido ao avanço tecnológico, ao nível da informática e das telecomunicações. Assim, a internet, considerada a rede das redes, passou a ser o suporte das interacções sociais, ultrapassando os constrangimentos de espaço e tempo dos intervenientes da interacção.

Actualmente encontramos-nos ligados, através de conexões, a vários pontos, que aumentam a cada momento.

Permanecer em qualquer aglomerado significa uma constante tarefa de negociações entre preferências individuais que, não são mais do que uma construção colectiva de um jogo de sugestões e induções de que a sociedade e a sua dinâmica se constituem.

Como foi referido anteriormente no capítulo das leituras, hoje, as redes virtuais são determinantes para compreender as novas redes sociais e a ampliação do capital social na sociedade. É no ciberespaço que se propagam as redes virtuais.

As redes sociais geram comunidades globais mediadas pela tecnologia, que se situam no real, pela interactividade entre os sujeitos e, no virtual pela ausência de presença.

Na internet, os seus utilizadores, ao serem seres sociais, são movidos pelo sentimento de pertença a um determinado grupo e, a partir da ligação feita de todos os

¹⁰¹ Matos, L. M. C. (1997). *Organizações Virtuais*. Lisboa: Mimeo, Universidade Nova de Lisboa In Cláudia S. da Cunha Ribas. e Paula Ziviani. (2008). *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1 Janeiro – Abril. (pág. 6) URL: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>

grupos forma-se uma rede de interacção social, onde se desenvolvem relações intersubjectivas. Como tal, as redes virtuais estão na base do aparecimento das novas formas de sociabilidade e, a partir delas se produz conhecimento associado à inteligência colectiva, heterogénea, transdisciplinar e reflexiva.

“A produção do conhecimento em e na rede promove a heterogeneidade fazendo convergir uma multiplicidade de competências e de experiências para a resolução de um problema envolvendo ligações (linkages) a múltiplos lugares (sites) de produção de conhecimento diferenciado, o que faz com que os conhecimentos não fiquem residentes/ aprisionados no seu contexto de produção, o que gera a transdisciplinaridade. Contudo a reflexibilidade será o elo de coerência aglutinadora porque apesar de no processo de elaboração de conhecimento intervirem sujeitos individuais estes devem adequar os seus procedimentos ao ponto de vista de todos os actores envolvidos, o que faz deles uma comunidade, e aos valores subjacentes aos projectos e aspirações humanas. A reflexibilidade gera o salto qualitativo do somatório de inteligências para a inteligência colectiva.”¹⁰²

O ciberespaço é o lugar onde tudo acontece, onde a informação é transformada, ampliada, apropriada e moldada conforme o seu utilizador. Quando este espaço corresponde às expectativas do utilizador, este apropria-se dele como um “espaço usual de interacção social e cognitiva. As Redes e Serviços Telemáticos são, portanto, tecnologias sociais e cognitivas.”¹⁰³

Segundo Cardoso¹⁰⁴ “uma tecnologia combina artefactos e procedimentos de forma a potenciar o saber para a obtenção de fins práticos. Uma tecnologia social utiliza os mesmos métodos de forma a permitir que indivíduos com interesses similares se

¹⁰² Silva, L. J. O. (1999). *Globalização das redes de comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais*. pág. 7 – 8. Url: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-lidia-oliveira-globalizacao-Internet.pdf>

¹⁰³ Silva, L. J. O. (1999). *Globalização das redes de comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais*. (pág. 8). Url: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-lidia-oliveira-globalizacao-Internet.pdf>

¹⁰⁴ Cardoso, G. (1997). *Para uma sociologia do ciberespaço – comunidades virtuais em português*. Lisboa: Celta In Lúcia J. Oliveira Loureiro da Silva. *Globalização das redes de comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais*, Internet comunidade e conhecimento. (pág. 8). Url: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-lidia-oliveira-globalizacao-Internet.pdf>

encontrem, falem, ouçam ou construam um leque de sociabilidades com algum grau de durabilidade.”

As redes virtuais “estão alterando o nosso ecossistema cognitivo e social o que faz com que o sujeito tenha de proceder a um processo de adaptação e reestruturação da sua teia relacional e cognitiva. Este processo tem consequências no modo como concebemos a realidade e nos concebemos a nós próprios porque as tecnologias prologam e modelam as capacidades cognitivas e sociais.”¹⁰⁵

¹⁰⁵ Silva, L. J. O. (1999). *Globalização das redes de comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais*. (pág. 10). Url: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-lidia-oliveira-globalizacao-Internet.pdf>

5.5. Comunidade

Segundo Tönies, o conceito de comunidade está relacionado com o facto de o Homem estabelecer laços de pertença a uma região. Já na sociedade, as relações que se estabelecem são de ordem dinâmica, mais mecanicista e funcional. Durkheim e Weber permeavam a relação social que se estabelecia a nível simbólico. A Sociologia Clássica propõe pessoas na mesma área geográfica ou grupos de pessoas com interesses ou funções comuns.

Muitos teóricos referem que o conceito de comunidade tem vindo a perder sentido no mundo actual. Outros referem que tem resistido à sociedade capitalista e, outros, ainda, que simplesmente dizem que apenas mudou o seu sentido.

Para Bauman, a noção de comunidade é “tecida de compromissos de longo prazo, de direitos inalienáveis e obrigações inabaláveis (...) e os compromissos que tornariam ética a comunidade seriam do tipo do compartilhamento fraterno, reafirmando o direito de todos a um seguro comunitário contra os erros e desventuras que são os riscos inseparáveis da vida individual.”¹⁰⁶

Barry Wellman e Stephen Barkowitz referem que nos encontramos associados em redes através de comunidade pessoais, pois cada indivíduo tem a sua perspectiva sobre a comunidade a que pertence, sem ser capaz de perceber qual ou quais as redes a que os outros pertencem. Para estes autores o conceito de comunidade vai desaparecer, devido à revolução industrial e às mudanças sociais a ela associadas que conduziram às novas formas de exploração, à ausência de laços sociais, à emergência de novas formas de patologias social e à perda da identidade pessoal.

¹⁰⁶ Baumann, Z. (2003) *Comunidade: a busca por segurança no mundo actual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (pág. 57) In Rogério Costa (2005). *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência colectiva*. Comunidades. (pág. 237). URL: <http://www.scribd.com/doc/1022698/Por-um-novo-conceito-de-comunidade-redes-sociais-comunidades-pessoais-inteligencia-coletiva>

Encontramo-nos perante uma transmutação do conceito de comunidade em rede social, onde solidariedade, vizinhança e parentesco são uns dos aspectos que pertencem aos padrões possíveis das redes sociais.

“Há uma necessidade de uma *mudança* no modo como se compreende o conceito de comunidade: novas formas de comunidade surgiram, o que tornou mais complexa nossa relação com as antigas formas”¹⁰⁷.

5.5.1. Comunidade Tradicional

Segundo Weber, “chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da acção social, na média ou no tipo ideal - baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes.”¹⁰⁸

Beamish¹⁰⁹ refere que o conceito de comunidade tradicional apresenta um espaço físico, geográfico, como a vizinhança, o bairro, a cidade, onde as pessoas

¹⁰⁷ Costa, R. (2005). *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência colectiva*, Comunidades. (pág. 239). URL: <http://www.scribd.com/doc/1022698/Por-um-novo-conceito-de-comunidade-redes-sociais-comunidades-pessoais-inteligencia-coletiva>

¹⁰⁸ Weber, M. (1987). *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Ed. Moraes. (pág. 77) In Cláudia S. da Cunha Ribas. e Paula Ziviani. (2008). *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1 Janeiro – Abril. (pág. 6). URL: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>

¹⁰⁹ Beamish, A. (1995). *Comnties on-line: a study of community – based computer networks*. Dissertação de mestrado em Planeamento de Cidades. Massachusetts: Instituto de Tecnologia de Massachusetts In Cláudia S. da Cunha Ribas. e Paula Ziviani. (2008). *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1 Janeiro – Abril. (pág. 6). URL: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>

estabelecem relações entre si, pela proximidade em que se encontram. E pertencem a um determinado grupo social, que divide os interesses comuns.

Assim, podemos verificar que a comunidade tradicional tem, como elemento essencial da sua existência, o território.

Segundo Rheingold, o processo de formação de laços de afinidade social, nas comunidades tradicionais, é feito através de uma procura em “seleccionar as pessoas entre os nossos vizinhos, colegas de trabalho, conhecidos, etc., e, só depois, trocamos informações e procuramos descobrir se os seus interesses são idênticos aos nossos”¹¹⁰.

Embora, no final do século XX a sociedade já não se organizasse dentro dos parâmetros tradicionais, a revolução nos meios de comunicação foi determinante para a mudança nas formas de interação entre os indivíduos. A partir deste processo surgiram as comunidades virtuais que, como refere Lévy, são uma “nova forma de fazer sociedade”¹¹¹, que se caracteriza por ser rizomática, desprendida de tempo e espaço e se baseia na cooperação e trocas objectivas.

Cada indivíduo constrói a sua própria rede de relações, sem que haja necessidade de considerá-la uma comunidade.

¹¹⁰ Rheingold, H. (1996). *La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras*. Barcelona: Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciência. In Ana Sofia Bentes Marcelo, *Novos media: inauguração de novas formas de sociabilidade*. (pág. 5). URL: <http://bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-andre-bentes-novos-media-inauguracao-novas-formas-solidariedade.pdf>

¹¹¹ Lévy, P. (2002). *Cyberdemocratie*. Paris: Jacob In Rogério Costa. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência colectiva*, Conclusão. (pág. 246). URL: <http://www.scribd.com/doc/1022698/Por-um-novo-conceito-de-comunidade-redes-sociais-comunidades-pessoais-inteligencia-coletiva>

5.5.2. Comunidades Virtuais

As comunidades virtuais são “um elemento do ciberespaço, mas que existe apenas enquanto as pessoas realizam trocas, estabelecem laços sociais e, antes de tudo, apresentam sentimento de pertença, isto é, a sensação de ter algo em comum. Através de seu estudo, compreendem-se os impactos das novas tecnologias de comunicação no processo de sociabilização das pessoas. As comunidades virtuais ultrapassam os limites tradicionais dos grupos ou equipes de trabalho e as fronteiras de uma organização. Seus membros podem fazer parte de um mesmo departamento, pertencer a diferentes áreas de uma companhia ou a diferentes instituições. A participação baseia-se em relações de confiança e na contribuição que cada um traz para a rede.”¹¹²

Rheingold foi dos primeiros autores que utilizou o termo, comunidade virtual, ao referir-se aos indivíduos que estabeleciam relações sociais no ciberespaço. Segundo este teórico, “as comunidades são agregados sociais que surgem da Rede (Internet), quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético (ciberespaço)”¹¹³.

Segundo Barbosa¹¹⁴ as comunidades virtuais “são redes electrónicas de comunicação interactiva autodefinida, organizadas em torno de um interesse ou

¹¹² Ribas, C. S. C. e Ziviani, P (2008). *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1 Janeiro – Abril. (pág. 6). URL: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>

¹¹³ Rheingold, H. (1996). *La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras*. Barcelona: Gedisa Editorial. Colección Límites de La Ciencia. (pág. 20) In Cláudis S. da Cunha Ribas. e Paula Ziviani. (2008). *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1 Janeiro – Abril. (pág. 7). URL: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>

¹¹⁴ Barbosa, R. M. (2005). *Ambientes virtuais de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed (pág. 31) In Cláudis S. da Cunha Ribas. e Paula Ziviani. (2008). *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de

finalidade compartilhados. Esse novo sistema de comunicação pode abarcar e interagir diferentes formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações”.

Para Ramos, as comunidades do ciberespaço, são “descentralizadoras, informais, ecléticas e com uma «forte componente auto-governável, sem a necessidade de regulações exteriores.»”¹¹⁵

As comunidades virtuais pressupõem relações entre os seus membros de interactividade. Esta interacção é transferida de um espaço físico, real, para espaço das novas tecnologias, sem qualquer referência de estabilidade e que induz a criação de uma cultura.

Cardoso¹¹⁶ define as comunidades virtuais como “um grupo social não sujeito a padrões de dimensão específicos, em cuja base de formação se encontra a partilha de interesses comuns, de tipo social, profissional, ocupacional ou religioso no qual não se procura apenas informação, mas também pertença, apoio e afirmação”.

Nas comunidades virtuais as pessoas organizam-se consoante os seus interesses, não havendo, obrigatoriamente partilha do mesmo espaço geográfico, ultrapassam os constrangimentos de tempo e espaço.

Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1 Janeiro – Abril. (pág. 7). URL: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>

¹¹⁵ Ramos, P. (1998). *Do espaço público de Habermas ao novo espaço público na era da revolução informática*. Dissertação apresentada para obter o Grau de Mestre em Ciências da Comunicação. Covilhã (pág. 149) In Ana Sofia Bentes Marcelo, *Novos media: inauguração de novas formas de sociabilidade*. pág. 2. Url: <http://bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-andre-bentes-novos-media-inauguracao-novas-formas-solidariedade.pdf>

¹¹⁶ Cardoso, G. (1998). Para uma Sociologia do Ciberespaço: Comunidades Virtuais em Português. Oeiras: Celta Editora (pág. 115) In Ana Sofia Bentes Marcelo, *Novos media: inauguração de novas formas de sociabilidade*. (pág. 3). URL: <http://bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-andre-bentes-novos-media-inauguracao-novas-formas-solidariedade.pdf>

Capítulo VI – Metodologia Aplicada

Toda a investigação implica o levantamento de dados de diversas fontes, independentemente dos métodos e técnicas aplicadas. Essa informação será imprescindível para alargar o nosso campo de interesse e para evitar possíveis erros de repetição. É útil também para nos orientar na recolha de dados, sugerindo problemas e hipóteses. Esta fase de pesquisa tem o objectivo de recolher informação prévia sobre aquilo que pretendemos analisar, ou seja, o nosso objecto de estudo.

Foi utilizada uma metodologia que combina as abordagens quantitativas e qualitativas, para termos um amplo alcance das interacções e relações que ocorrem na realidade, tanto social como virtual, bem como da utilização dos dispositivos informáticos.

Pesquisa Quantitativa

Para uma recolha de dados mais abrangente, procedeu-se à aplicação de questionários. Optou-se pelo questionário directo que se caracteriza pela presença do investigador ou por um conjunto de inquiridores.

O questionário é composto por 25 questões, divididas em quatro partes:

- **Parte I** – Identificação, onde se questiona a idade, o sexo, o estado civil, o local onde nasceu, a profissão, as habilitações literárias e a ocupação dos tempos – livres;
- **Parte II** – Internet, aqui se questiona sobre a utilização da internet, se o inquirido tem acesso à internet, qual o local onde acede, a periodicidade, o tempo Online diário, qual a finalidade no uso da internet, se possui um blogue e qual o motivo, se encontra desvantagens na utilização da internet e quais as desvantagens;

- **Parte III** – Internet como Ferramenta de Comunicação. Nesta parte interrogamos sobre as potencialidades dos serviços disponíveis a partir da internet, se o inquirido utiliza a internet como ferramenta de comunicação à distância, como é que este encara este fenómeno e quais os motivos e vantagens com essa utilização;
- **Parte IV** – Influência da Internet no Quotidiano. Refere-se ao contributo da internet no desempenho das actividades diárias, ao facto da internet influenciar a vida das pessoas, em que medida a internet influenciou a vida do inquirido e quais as limitações da internet por ele evidenciadas.

Os questionários contêm principalmente questões fechadas, para uma análise quantitativa e algumas questões abertas, que foram analisadas, de forma diferente, através de categorização de respostas.

Para este questionário foi aplicado um pré-teste com o objectivo de testar a clareza e eficiência do mesmo.

O pré-teste foi aplicado a um número reduzido de inquiridos com perfil semelhante ao daquelas que vão ser os inquiridos definitivos, após a análise do pré-teste.

Pela análise das respostas, detectamos que as questões de resposta aberta surgiam constantemente sem resposta. Para esta situação, as questões deste tipo foram reformuladas para perguntas de tipo fechado. Todas as respostas obtidas na aplicação do pré-teste foram sujeitas a uma análise de conteúdo e representam, cada uma, uma categoria.

Realizado o pré-teste, analisadas as respostas obtidas, corrigidos os defeitos detectados e redigidos de forma definitiva, encontramos as condições necessárias para passar à aplicação do questionário.

Os procedimentos estatísticos que foram utilizados para a elaboração da base de dados e para a análise dos resultados, foram facilitados pela aplicação do programa SPSS.

De acordo com o tema da pesquisa, procurou-se uma amostra onde se pudessem evidenciar as características que correspondem ao objecto de estudo. Portanto, utilizamos uma amostra por conveniência, para, mais facilmente, se destacar os factos pretendidos.

Ao nível da pesquisa quantitativa, foram aplicados 300 questionário, todos eles considerados válidos.

Para a caracterização dos inquiridos, iniciamos o tratamento dos dados pela primeira parte do questionário e teve-se em conta as seguintes variáveis:

- Idade (va1);
- Sexo (va2);
- Estado Civil (va3);
- Distrito (va4);
- Profissão (va5);
- Habilitações Literária (va6);
- Acesso à Internet (va29);
- Periodicidade de acesso à Internet (va35);

Relativamente à base de dados para a realização deste trabalho foi sendo construída, à medida que os questionários eram aplicados, em SPSS.

Para o tratamento estatístico quantitativo dos dados, foram utilizados os programas SPSS 15.0 para Windows. O tratamento foi efectuado através da análise univariada, bivariada dos dados.

O procedimento inicial pretendeu explorar os dados através da análise de cada variável de forma isolada. O objectivo desta análise foi caracterizar a amostra em termos de perfil. Esta análise foi feita, sobretudo, através da moda, frequência e percentagens das ocorrências.

A análise bivariada constitui uma etapa fundamental na análise dos dados, pois é muito importante conhecer a relação entre duas variáveis, sendo muito importante a identificação das diferenças e associações entre a variável dependente e as variáveis independentes relacionadas com o indivíduo, como por exemplo o sexo, as habilitações

literárias, etc. Assim, em consonância com os objectivos desta investigação o propósito desta análise em particular foi em considerar somente os indivíduos que têm acesso à internet: 277 inquiridos, que corresponde ao somatório dos indivíduos que têm acesso à internet (214) e aqueles que têm internet de Banda Larga (63).

As tabelas de contingência são uma das formas mais comuns de demonstrar a existência ou não de associação entre as variáveis. Assim, neste trabalho foram usadas tabelas de contingência que efectuam cruzamentos das variáveis independentes com a variável dependente para se verificarem relações de dependência que podem ou não ser relações de causalidade.

Foram também efectuados testes estatísticos que nos permitem confirmar se a diferença entre os valores é, ou não significativamente diferente, ou seja, possibilita a análise da relação de independência entre variáveis qualitativas. Com o teste de Qui-Quadrado, baseado na tabela de contingência, verificamos “Se as diferenças entre os valores observados e esperados não se consideram significativamente diferentes, as variáveis são independentes (...)”¹¹⁷

Pesquisa Qualitativa

Ao nível da pesquisa qualitativa a técnica de recolha de informação utilizada foi a entrevista semi-dirigida, muitas vezes designada por clínica ou estruturada. Na entrevista semi-dirigida o “entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reacções por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá introduzir são deixadas ao seu critério, sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista”¹¹⁸. Nesta fase seguiram-se determinados procedimentos. O primeiro foi o contacto inicial, explicando a finalidade da pesquisa, o seu objectivo e a relevância do mesmo, ressaltando a necessidade de colaboração da pessoa. Seguiu-se a formulação

¹¹⁷ Pestana, M. H. e Gageiro, J. N. (1998). *Análise de Dados para Ciências Sociais – A Complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo. (pág. 128).

¹¹⁸ Ghiglione, R. e Matalon, B. (1992). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora. (pág. 63 – 104) (pág. 64).

das perguntas, que obedeceram a um guião pré-estabelecido, procedendo-se ao registo das respostas, fazendo uso de um gravador. Posteriormente, terminámos com cordialidade, condição para o êxito da entrevista

Foram aplicadas 18 entrevistas.

As entrevistas realizadas foram dirigidas aos indivíduos que se encontram “ligados” aos novos dispositivos e redes sociais, com o objectivo de compreender que novas formas de sociabilidade emergem com esta experiência, quais os modelos de difusão destas novas experiências e como elas afectam o real quotidiano.

No decorrer das entrevistas foi estabelecido um ambiente propício a este fim, e seleccionados sempre locais calmos, que estimulassem a atenção do entrevistado.

Após a realização das entrevistas procedeu-se ao tratamento da informação obtida. Este processo é feito através da análise qualitativa do conteúdo, realizada através da codificação dos dados com base em categorias geradas, numa transformação e agregação das unidades que descreveram, de forma precisa e relevante, as características do conteúdo.

A entrevista aplicada foi constituída por vinte e oito perguntas, distribuído por quatro categorias: Perfil dos utilizadores, Utilização da internet, Internet como instrumento de comunicação à distância e Influências da Internet na vida das pessoas.

Perfil dos utilizadores – Esta categoria é apresentada na entrevista por seis questões, onde se pretende identificar o perfil do entrevistado. Questiona-se a idade, o estado civil, a profissão, as habilitações literárias e a ocupação dos tempos – livres.

Utilização da Internet – Esta categoria é constituída por dez perguntas, (da 7 à 14), onde se avalia o acesso à internet, a sua periodicidade, o tempo que se passa online, e se encontram alguma desvantagem na utilização da internet e a descrição dessas desvantagens.

Internet como Instrumento de Comunicação à Distância – Esta categoria avalia, em seis perguntas (15 à 20), as impressões dos inquiridos em relação à utilização da internet para comunicação à distância, e quais as transformações, ao nível das relações que se estabelecem na internet e fora dela.

Influências da Internet na vida das pessoas – É uma categoria que inclui cinco questões (21 à 25), que tentam dar a conhecer as influências que a internet tem na vida das pessoas e quais as limitações da internet.

Primeiramente determinaram-se as categorias de classificação e, posteriormente, os aspectos importantes da informação a ser classificada.

Capítulo VII – Resultados

Pesquisa Quantitativa

Análise Univariada - Perfil dos Inquiridos

Quanto à idade foi estipulado 5 escalões etários. O escalão que se repete mais vezes é, como se verifica, das idades entre os 19 e os 26 anos, com uma percentagem de 51,3. Segue-se o escalão com idades entre os 11 e os 18 anos com 20,7, e com idades entre os 27 e os 34 anos com percentagem de 12,7. Com menos percentagem encontra-se o escalão etário com idades entre os 35 e os 42 anos (7% - 21 inquiridos).

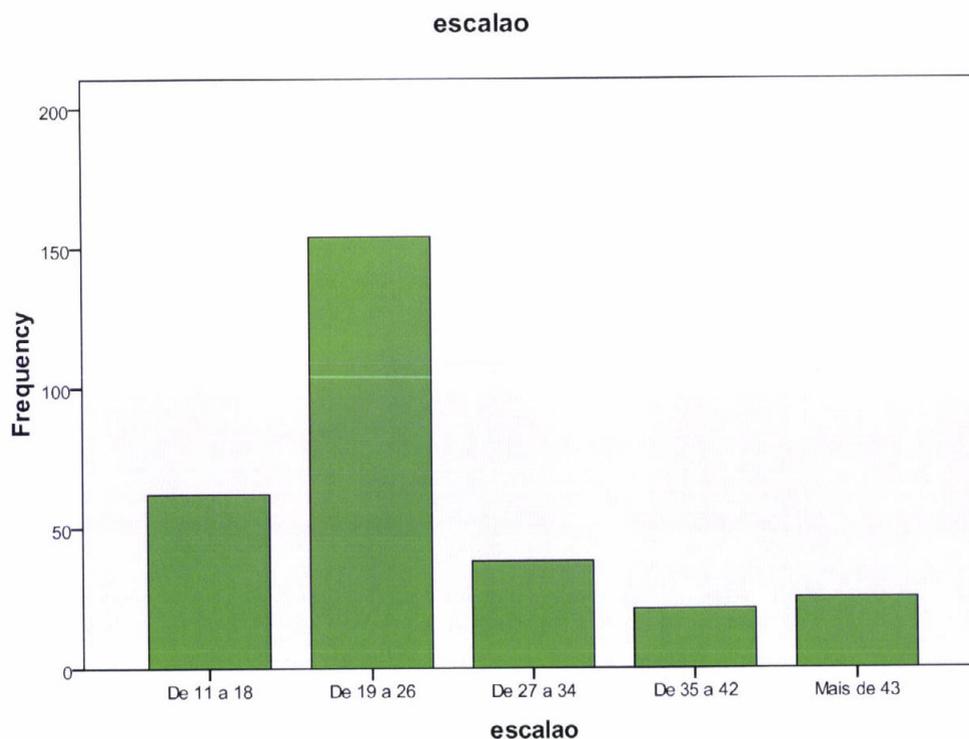


Gráfico n.º 1 – Distribuição da Idade

Relativamente ao sexo dos inquiridos que responderam ao questionário, constatou-se que a variável apresenta uma distribuição de 51,7 % para o sexo feminino (155 inquiridos) e de 48,3 % para o sexo masculino (145 inquiridos).

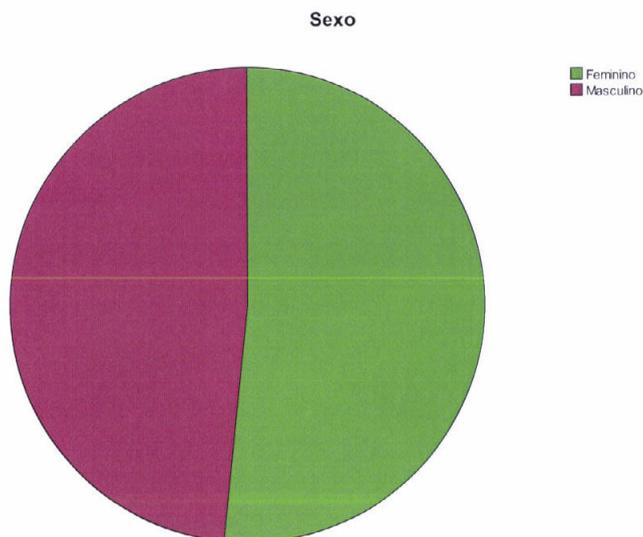


Gráfico n.º 2 – Distribuição do Sexo

Para a variável estado civil, verificou-se que existe uma maioria de trabalhadores solteiros, com uma percentagem de 78,3. Seguida das distribuições para casado / vive maritalmente, com 20,7 %. Verificaram-se 3 não respostas nesta questão (1 %).

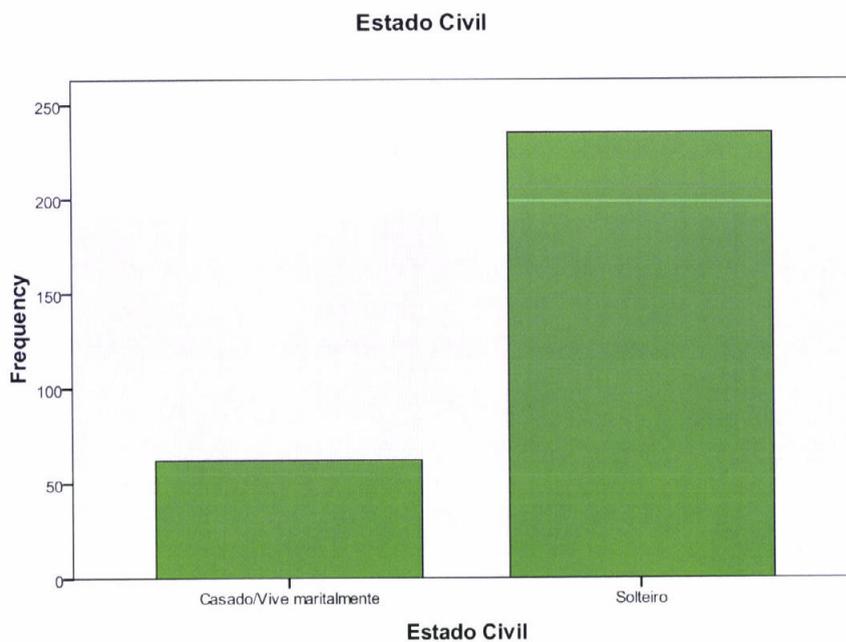


Gráfico n.º 3 – Distribuição do Estado Civil

Em relação à variável 4, que diz respeito ao local onde nasceu tem a dizer-se que 41,7 % dos inquiridos nasceu em Portalegre, ou seja, 125 dos inquiridos, seguido dos que nasceram em Évora, com uma percentagem de 15 (45 inquiridos), posteriormente, estão os que nasceram em Lisboa com 10% (30 inquiridos) e em Braga com 6 % (18 inquiridos). Com valores percentuais mais baixos encontram-se os indivíduos que nasceram em Bragança, Viseu, Viana do Castelo e Moçambique, com 0,3%. A classe modal são os inquiridos que nasceram em Portalegre. Houve 0,7 % de não respostas, o que equivale a 2 não respostas.

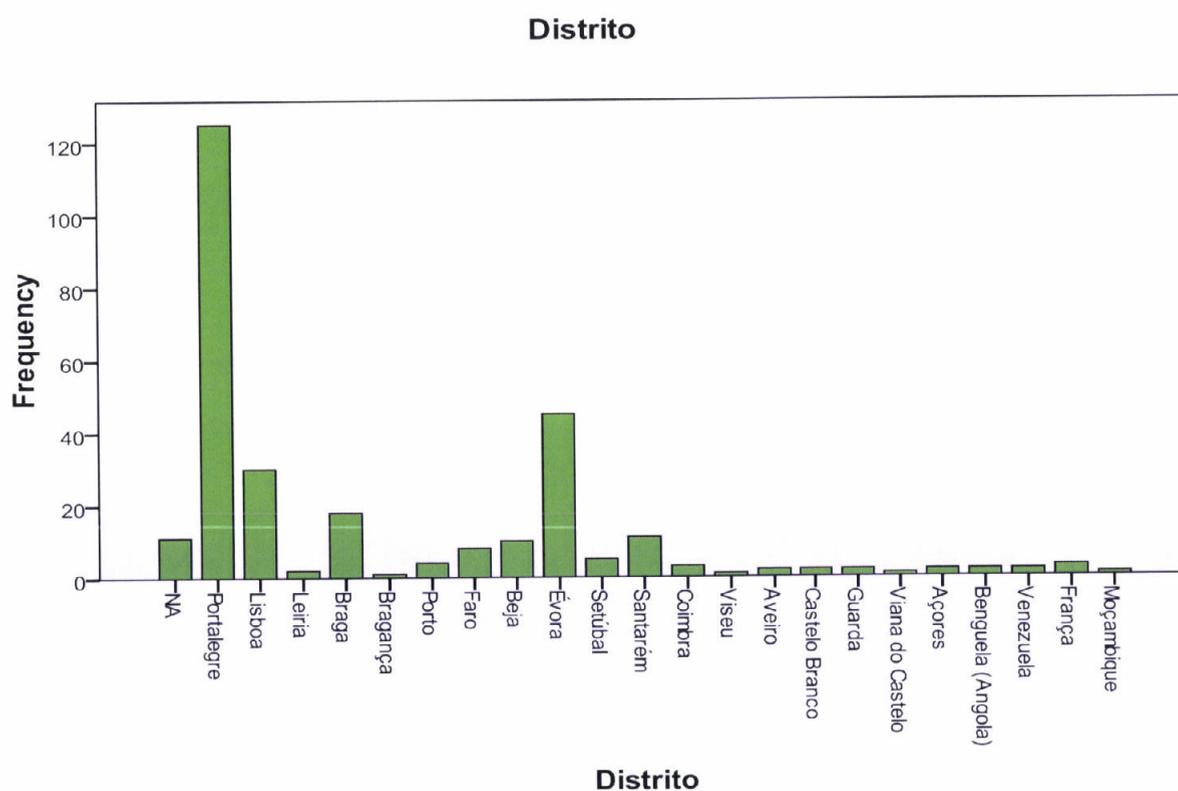


Gráfico n.º 4 – Distribuição dos Distritos

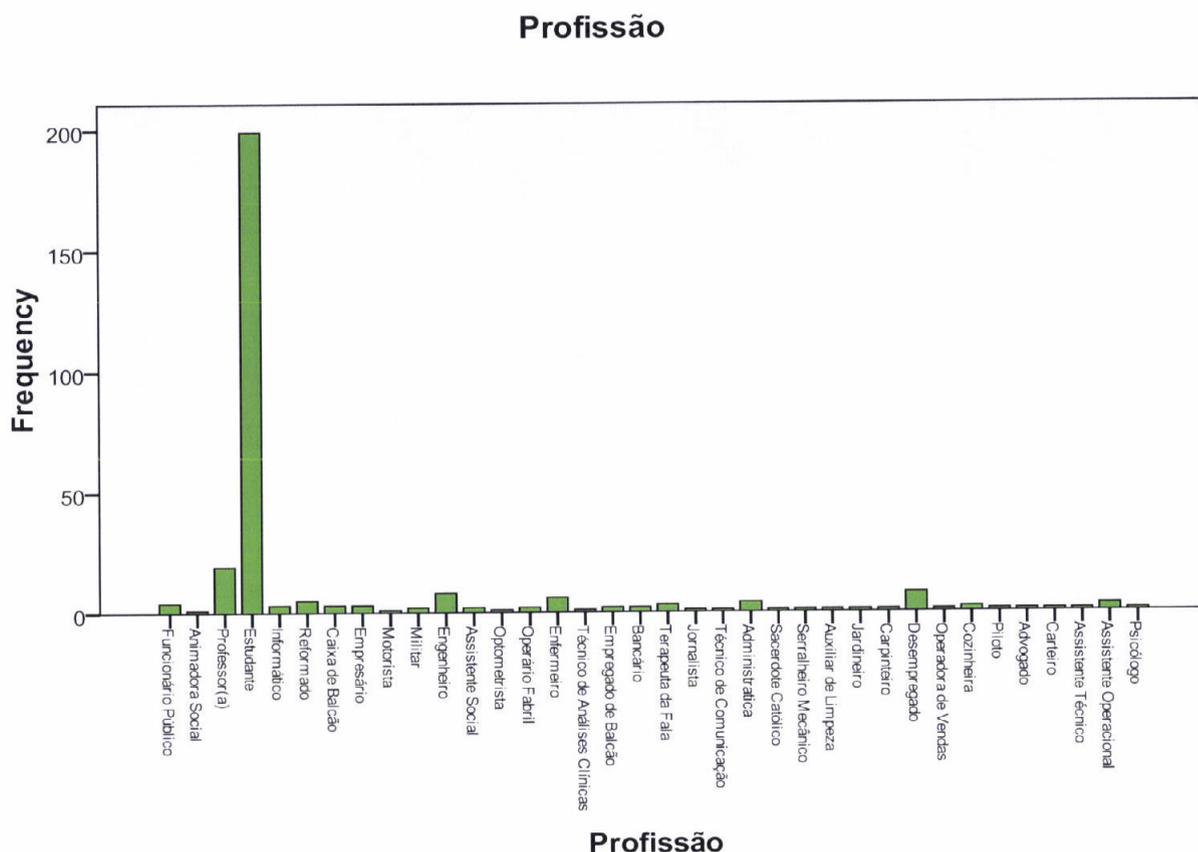


Gráfico n.º 5 – Distribuição da Profissão

Em relação à profissão dos inquiridos verifica-se que a profissão que se repete com maior frequência é a de “estudante”, com valores percentuais de 66,3 % (199 inquiridos), seguida da profissão de professor, com 6,3% (19 respostas), de “desempregado” e “engenheiro” com 2,7 % (8 inquiridos) cada uma, e de “enfermeiro” com 2% (6 inquiridos).

Houve 1% de não respostas, o que equivale a 3 não respostas.

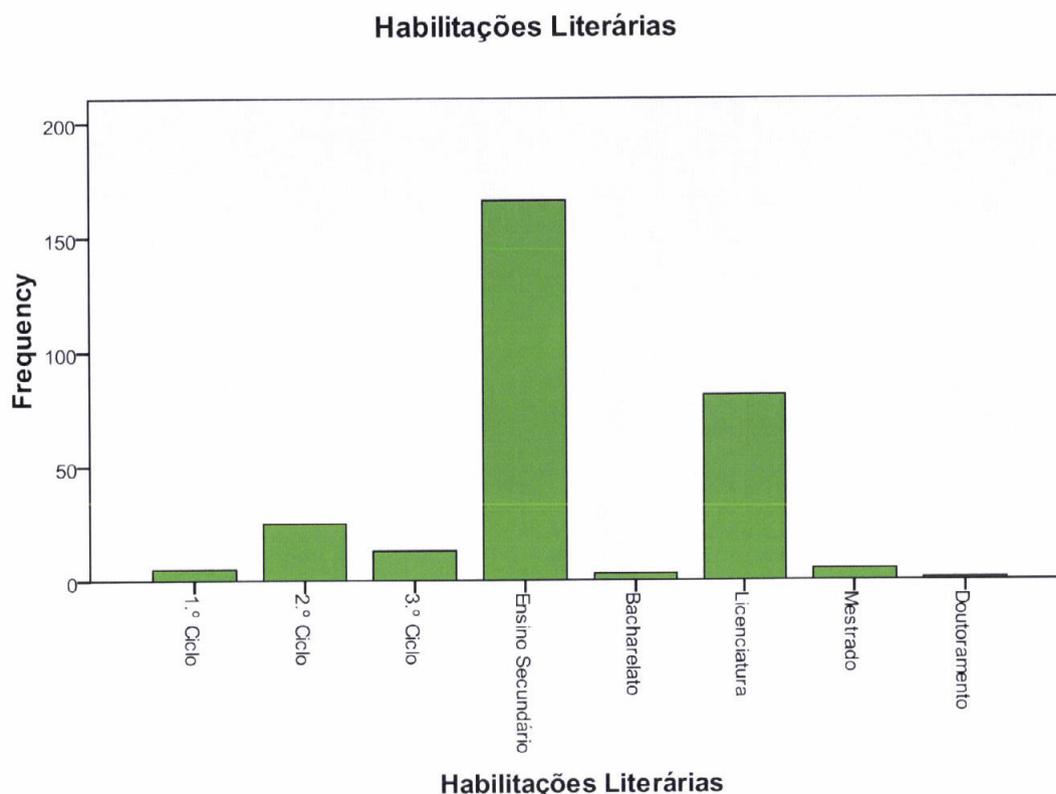


Gráfico n.º 6 – Distribuição das Habilitações Literárias

Sobre as habilitações literárias dos inquiridos que participaram neste estudo apresentam como máxima escolaridade o Doutoramento, com 0,3% e como mínima o 1.º Ciclo do Ensino Básico, com 1,7%. Com 55,3 % apresentam-se os inquiridos que têm o Ensino Secundário e com 27% os que possuem Licenciatura.

Verificou-se que a moda se encontra no grupo de inquiridos que possuem o Ensino Secundário. Ocorreu uma não resposta nesta questão.

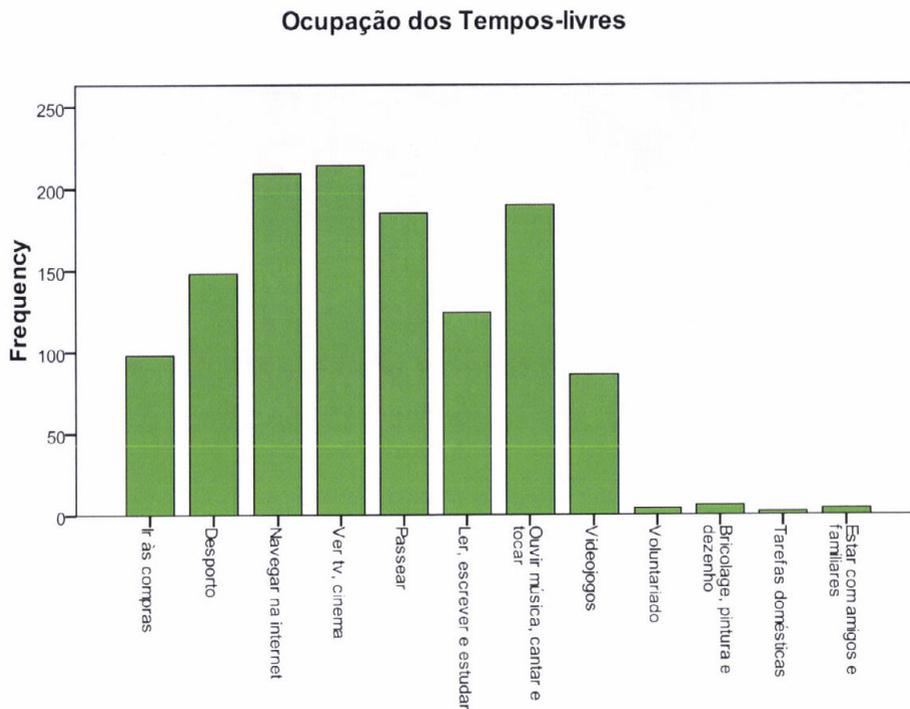


Gráfico n.º 7 – Distribuição da Ocupação dos Tempos - Livres

A questão da ocupação dos tempos – livres apresentava-se no questionário como uma pergunta de resposta múltipla. Verifica-se que a maioria dos inquiridos ocupa os seus tempos – livres a ver televisão ou cinema, com uma percentagem de 16,9%, seguida da navegação na internet, com 16,5% e ouvir música, cantar e tocar um instrumento com 15%. Com valores mais baixos surgem as tarefas domésticas (0,2%), o voluntariado e estar com amigos e familiares (0,3%). Nesta questão, não se verificaram não respostas.

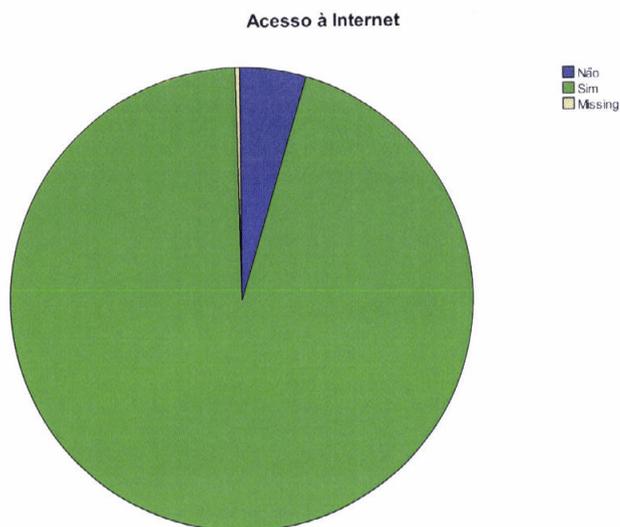


Gráfico n.º 8 – Distribuição do Acesso à Internet

Na questão onde se pretendia saber se os inquiridos tinham acesso à internet, verificou-se que 95% dos inquiridos tem internet (285 respostas) e 4,7% não tem acesso à internet (14 respostas). Verificou-se uma não resposta, que equivale a 0,3 % dos inquiridos.

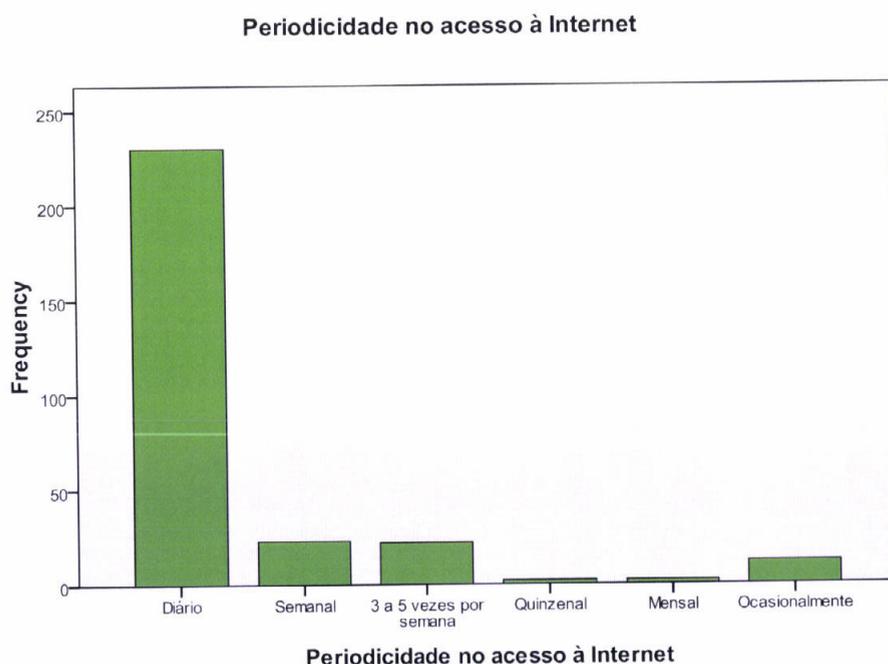


Gráfico n.º 9 – Distribuição da Periodicidade de Acesso à Internet

Relativamente à periodicidade no acesso à internet, verificou-se a categoria “diário” se repete com mais frequência, com valores percentuais de 76,7, seguido do “semanal” com 7,7 % e “3 a 5 vezes por semana com 7,3%. Com valores mais baixos estão as categorias “quinzenal” e “mensal”, com 0,7% dos inquiridos, cada uma.

Verificaram-se 2 não respostas e 7 respostas que não se aplicaram, que equivale a 0,7 % e 2,3 % dos inquiridos, respectivamente.

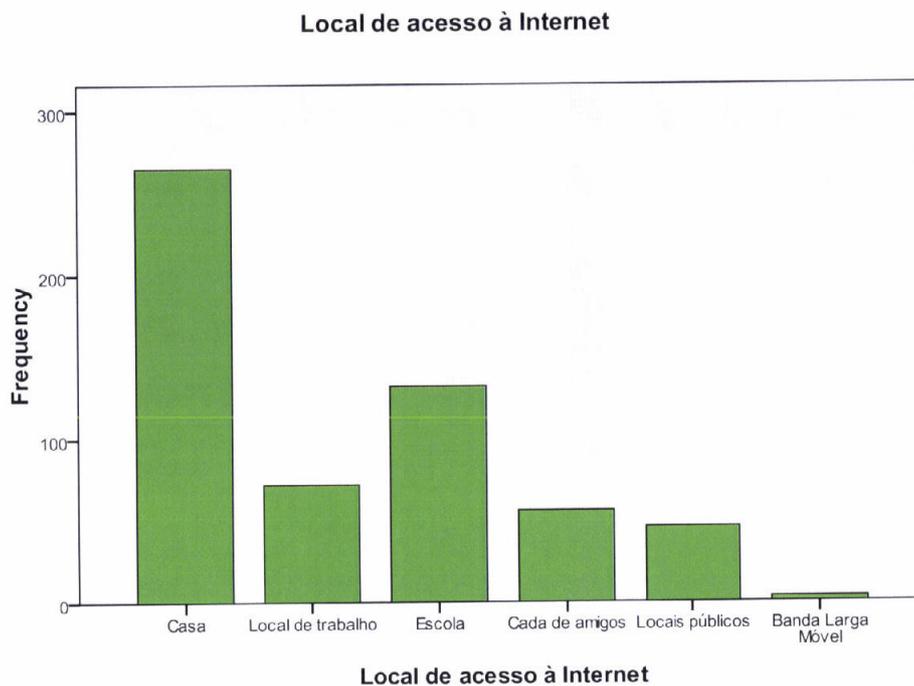


Gráfico n.º 10 – Distribuição do Local de Acesso à Internet

Quanto ao local de acesso à internet, podemos verificar que a categoria “casa” apresenta maior frequência, com uma percentagem de 46,2, seguida da categoria “escola” com 23 % e o “local de trabalho” com 12,5%. Com valores percentuais mais baixos, surge a categoria “banda larga móvel” com 0,5 % das respostas.

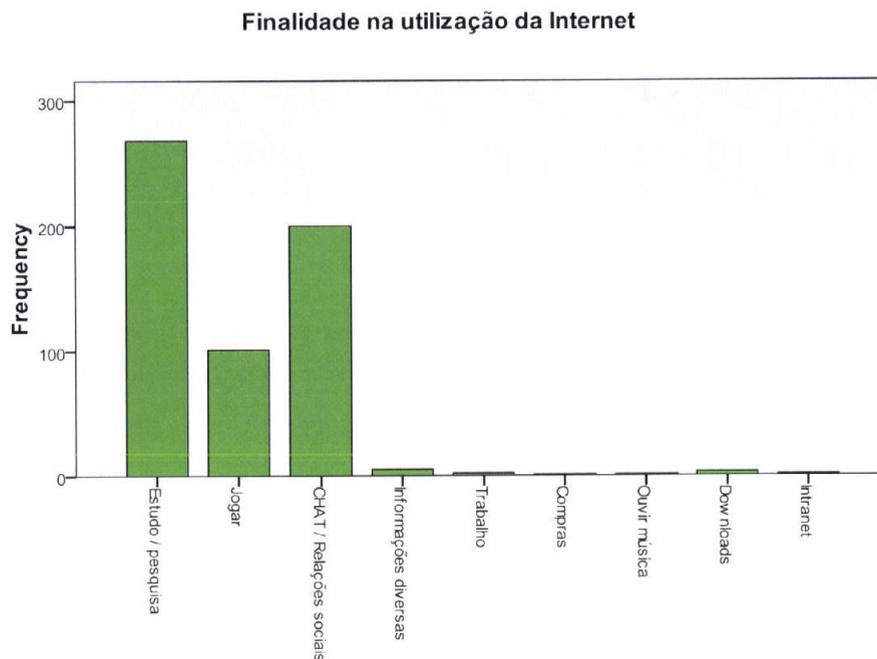


Gráfico n.º 11 – Distribuição da Finalidade na Utilização da Internet

Sobre a finalidade na utilização da internet, tem a dizer-se que a categoria “estudo / pesquisa” apresenta maior percentagem, com 46 %, seguida pela categoria “CHAT / Relações sociais” com 34,4 % e “jogar” com 17,4 %. Com a mesma percentagem, bem como os valores mais baixos, surgem as categorias “compras”, “ouvir música” e “intranet”, com 0,2 % (apenas uma resposta).

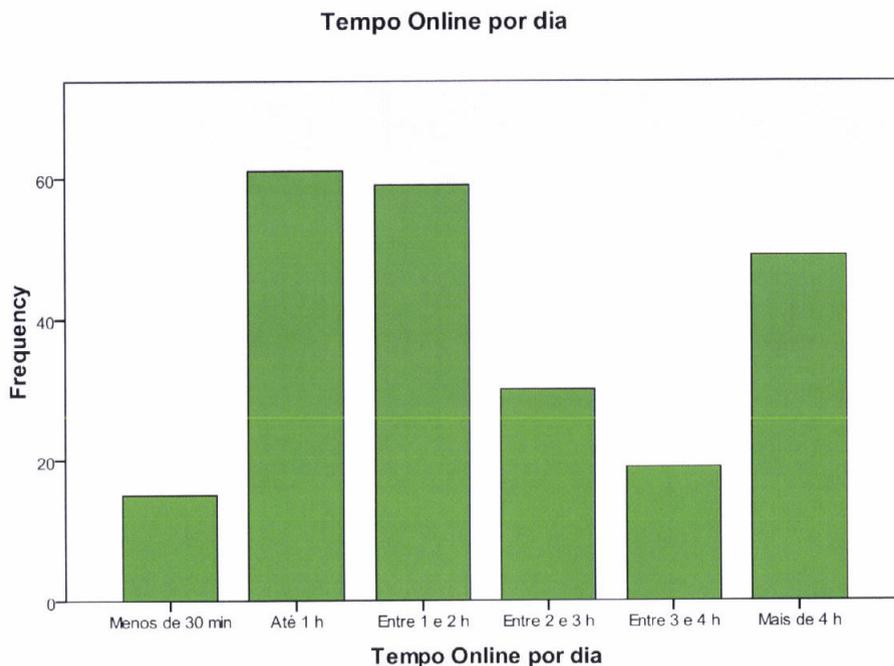


Gráfico n.º 12 – Distribuição do tempo online por dia

Com a observação do gráfico verifica-se que a categoria “até 1 hora” surge com maior frequência, com 20,3 % (61 inquiridos), seguida da categoria “entre 1 e 2 horas” com percentagem de 19,7 (59 inquiridos). Em terceiro nos valores percentuais encontra-se a categoria “mais de 4 horas”, com 16,3% (49 respostas). Com valores mais baixo estão a categoria “menos de 30 minutos” com 5% das respostas (15 inquiridos).

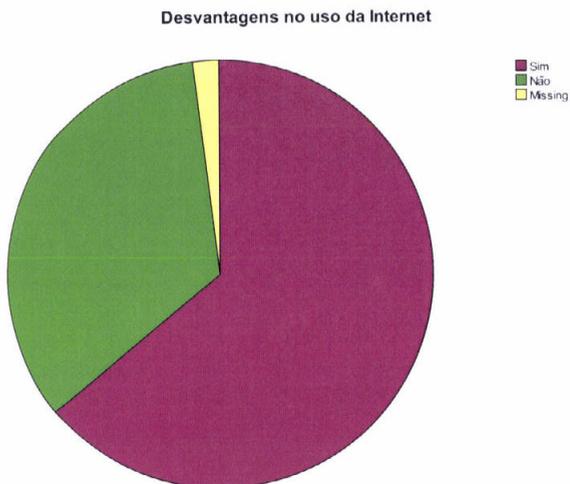


Gráfico n.º 13 – Distribuição das desvantagens da internet

Descrição das desvantagens no uso da Internet

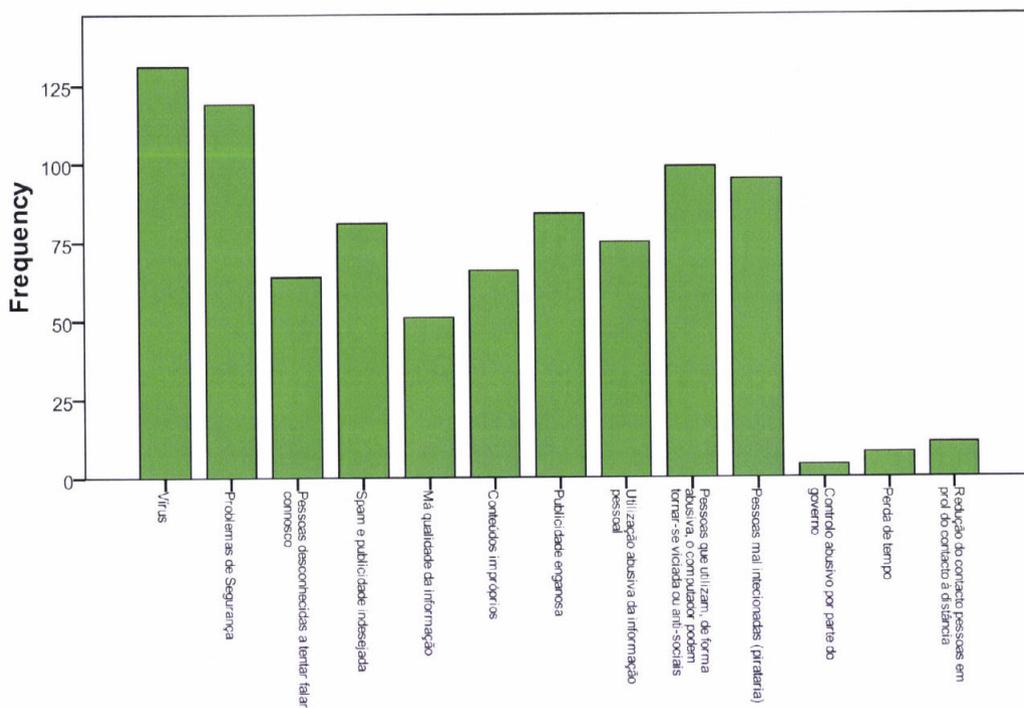


Gráfico n.º 14 – Distribuição da descrição das desvantagens da internet

Pela análise do gráfico número 13 verificamos que a maioria dos inquiridos respondeu

“Sim” (65%) no que respeita às desvantagens da utilização da internet. Das desvantagens apontadas constatamos que 14,8% dos inquiridos respondeu que a maior desvantagem da internet são os “vírus”. Segue os “problemas de segurança com 13,4%, as “pessoas que utilizam, de forma abusiva, o computador podem tornar-se viciada ou anti-sociais” com 11,1% e as “pessoas mal intencionadas (pirataria)” com 10,7%. Com valores percentuais mais baixo surgem as categorias “controlo abusivo por parte do governo”, “perda de tempo” e “redução do contacto pessoal em prol do contacto à distância” com 0,5%, 0,9% e 1,2%, respectivamente.

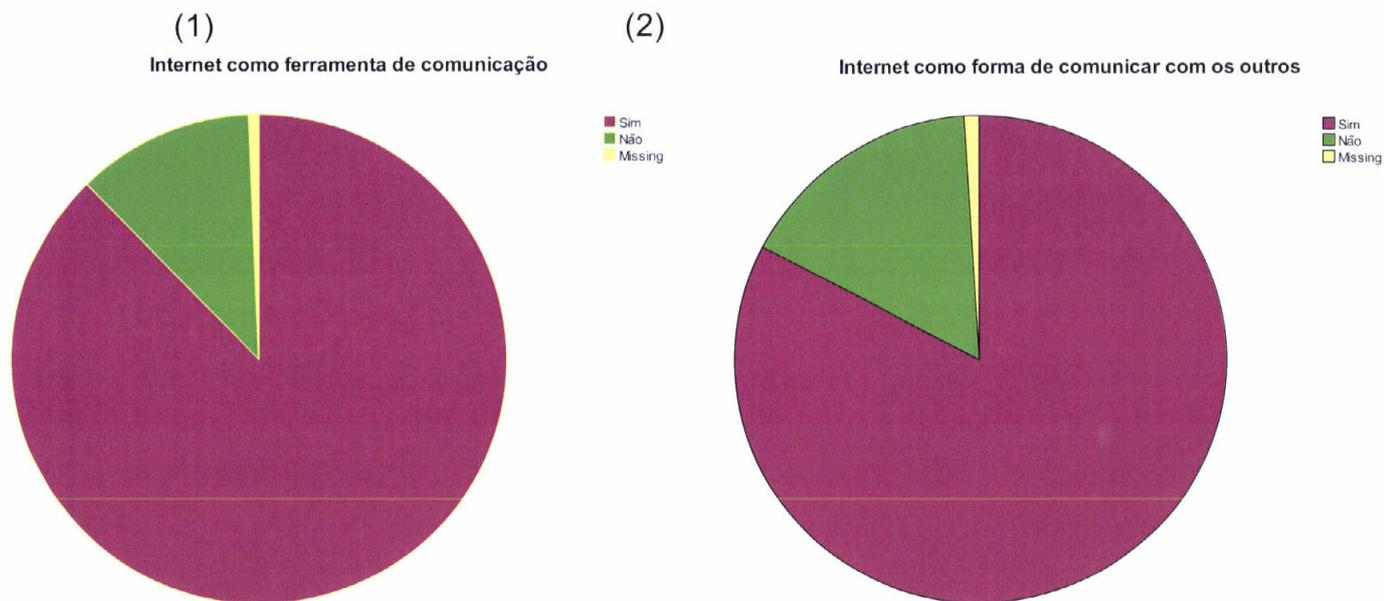


Gráfico n.º 15 e 16 – Distribuição da questão sobre a internet como ferramenta de comunicação (1) e como forma de comunicar com os outros (2)

Pela análise do gráfico 1 verifica-se que a maioria dos inquiridos utiliza a internet como ferramenta de comunicação. Os mesmos inquiridos utilizam a internet forma de comunicar com os outros, obtendo-se uma percentagem de 82,7 (248 inquiridos). Aqueles que não utilizam esta potencialidade da internet apresentam uma percentagem de 16,3. Nestas questões houve um total de 2 repostas que não se aplicavam e 1 não resposta.

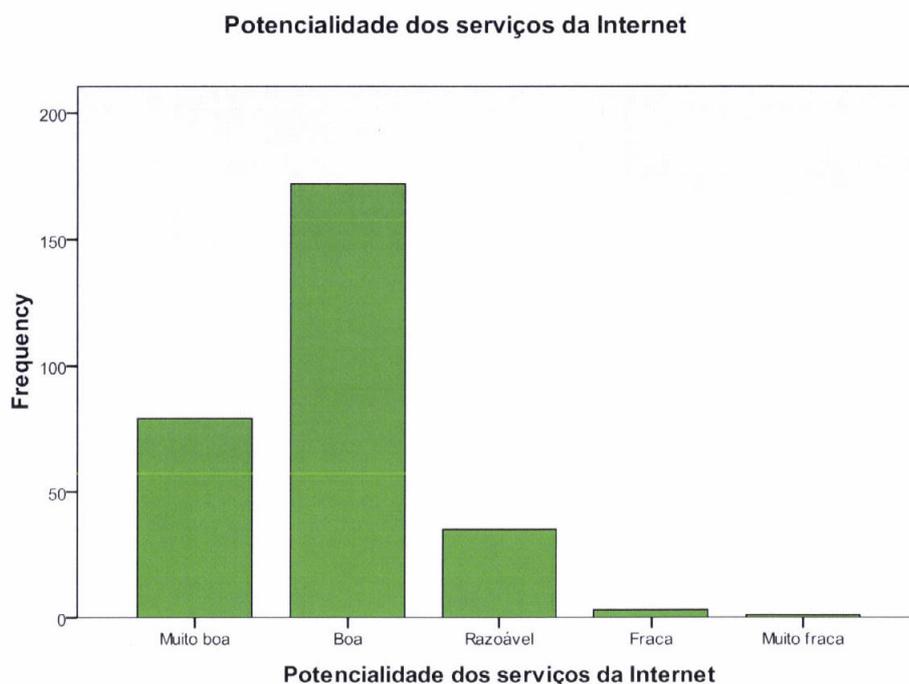


Gráfico n.º 17 – Distribuição da classificação das Potencialidades dos Serviços da Internet

Relativamente à questão sobre as classificação que os inquiridos têm sobre as potencialidades dos serviços da internet, estabeleceu-se uma escala desde o muito boa até ao muito fraca. Verificou-se que a classificação “Boa” se repetia com maior frequência (172 inquiridos), com 57,3%. Segue-se a classificação “Muito boa” com 79 respostas, “Razoável” com 11,7%. O valor que se repete com menor frequência é o da classificação “Muito fraca” com uma percentagem de 0,3.

Encarar o fenómeno

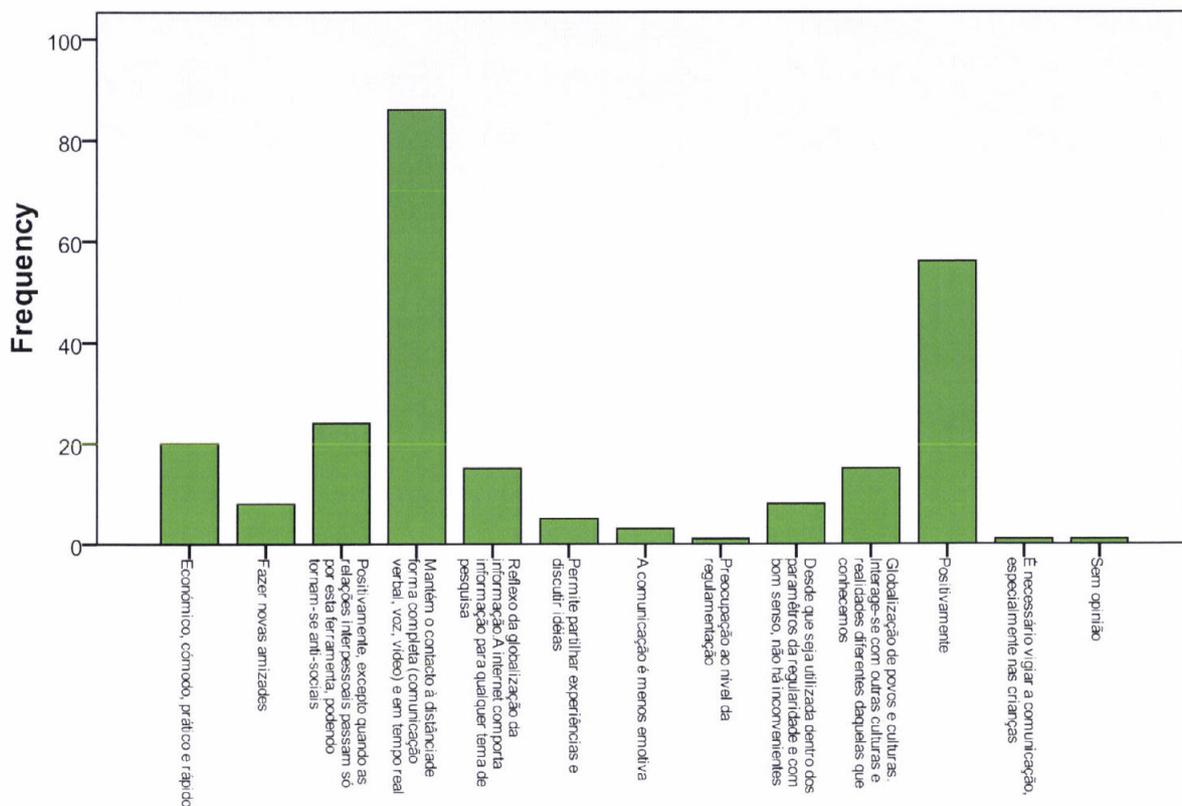


Gráfico n.º 18 – Distribuição da forma como o fenómeno da internet como ferramenta de comunicação (à distância) é encarado

A partir do gráfico podemos observar que os inquiridos responderam, com mais frequência, à categoria “mantém o contacto à distância de forma completa (comunicação verbal, voz, vídeo) e em tempo real”, tendo uma percentagem de 38,7. Seguido daqueles que encaram o fenómeno da comunicação à distância com o auxílio da internet de forma positiva, este indivíduos são representados por uma percentagem de 18,7. Este fenómeno da internet como ferramenta de comunicação à distância, é também encarado como um método “económico, cómodo, prático e rápido”, com 6,7%. 5 % considera que é uma consequência da “globalização de povos e culturas, interage-se com outras culturas e realidades diferentes daquelas que conhecemos”. Destaca-se, na análise do referido gráfico, a percentagem de inquiridos que encaram este fenómeno de forma positiva, excepto quando as relações interpessoais passam só por esta ferramenta, podendo tornar-se anti-sociais de 8% (24 respostas).

Motivo e Vantagens da Internet como forma de comunicar com os outros

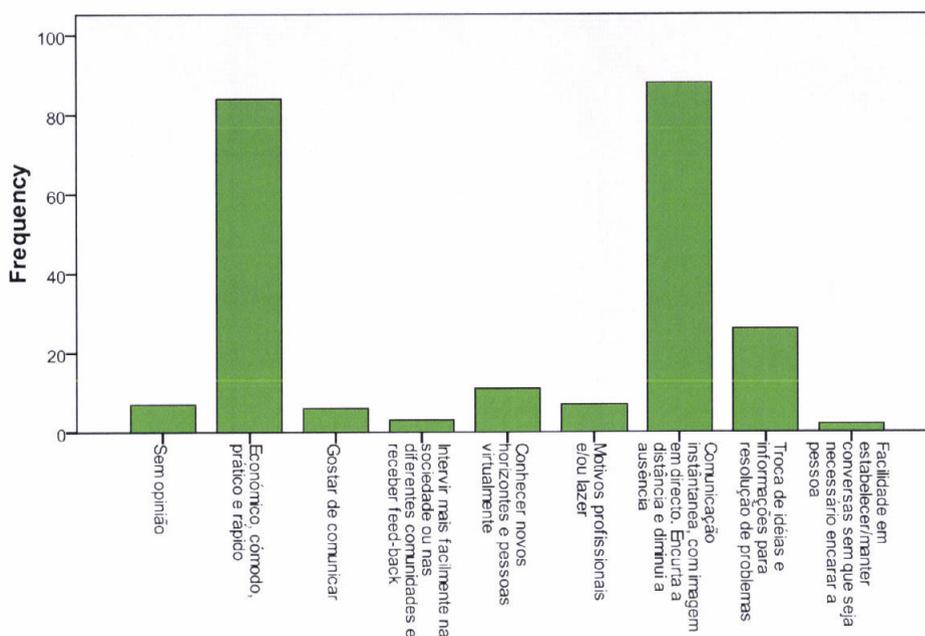


Gráfico n.º 19 – Distribuição dos motivos e vantagens para a utilização da internet como ferramenta de comunicação (à distância)

Depreende-se pela análise do gráfico que a categoria “comunicação instantânea, com imagem em directo; encurta a distância e diminui a ausência” com 29,3% das respostas dos inquiridos. Segue-se a categoria “económico, cómodos, práctico e rápido” com 28 % (84 respostas). Com 8,7% (26 inquiridos) encontra-se a categoria “troca de ideias e informações para resolução de problemas”. Tal como na questão anterior, verifica-se uma elevada percentagem de 6% para as não respostas e 16% para as respostas que não se aplicavam.

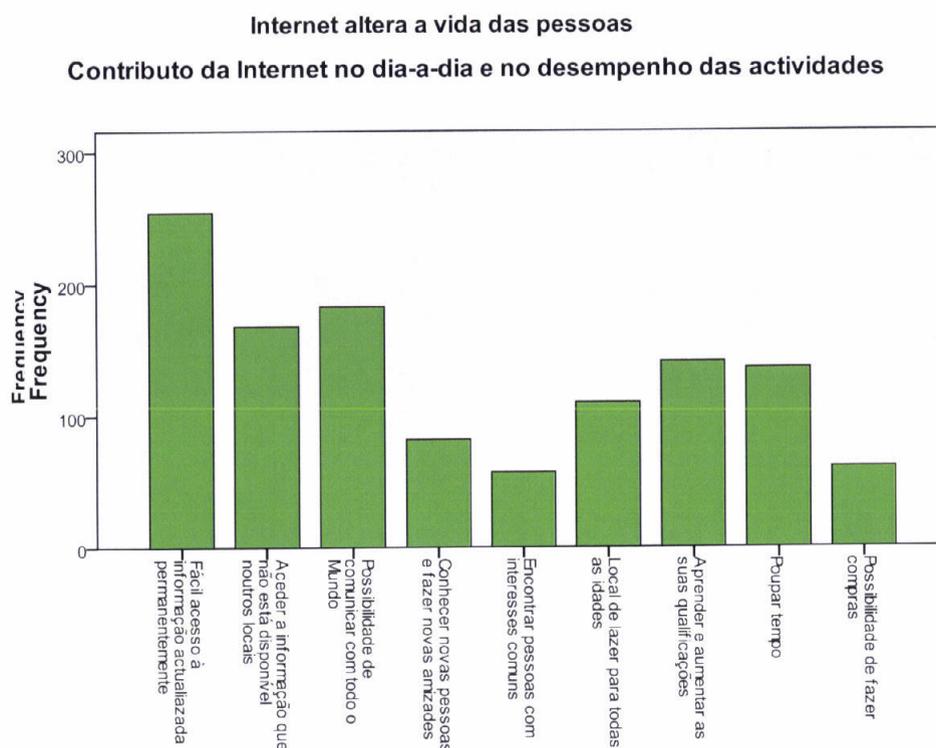


Gráfico n.º 20 – Distribuição dos contributos da internet no dia-a-dia e no desempenho das actividades dos inquiridos

A partir da observação do gráfico verificamos que o contributo maior no quotidiano dos inquiridos corresponde à categoria “fácil acesso à informação actualizada permanentemente” com 21,3%, seguida da categoria “possibilidade de comunicar com todo o Mundo” com 15,4% e a categoria “aceder a informação que não está disponível noutros locais” com 14,1%. Com valores percentuais semelhantes estão as categorias “aprender e aumentar as suas classificações” e “poupar tempo”, com 11,8% e 11,4%, respectivamente. Com valores mais baixos apresenta-se a categoria “encontrar pessoas com interesses em comum” com 4,8%.

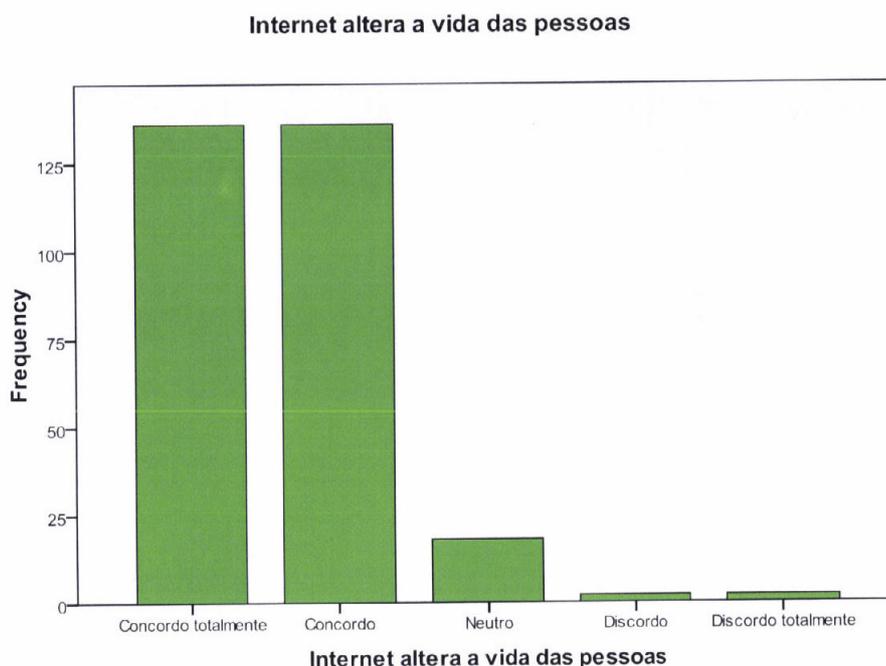


Gráfico n.º 21 – Distribuição da opinião dos inquiridos relativamente à afirmação de que a internet alterou a vida das pessoas.

Quanto às respostas sobre a afirmação a internet alterou a vida das pessoas tem a dizer-se que 45,3% dos inquiridos concorda com a afirmação, com a mesma percentagem encontramos os indivíduos que concordam totalmente. 6,1% dos inquiridos mantém-se neutro relativamente à afirmação. As categorias “discordo” e “discordo totalmente” apresentam os mesmos valores, 0,7%. Verificaram-se duas respostas que não se aplicavam e quatro não respostas.

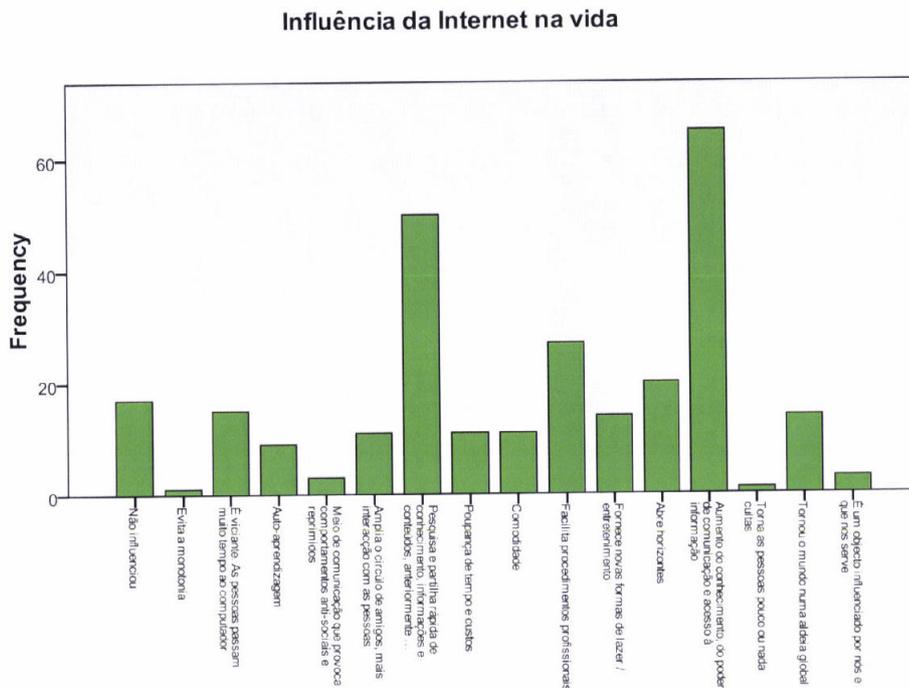


Gráfico n.º 22 – Distribuição da influência que a internet tem na vida das pessoas

Com valores mais altos, apresenta a categoria “aumento do conhecimento, do poder de comunicação e acesso à informação”, com uma percentagem de 21,7%. A categoria “pesquisa e partilha rápida de conhecimentos, informações e conteúdos, anteriormente indisponíveis”, surge com 16,7% das respostas. Seguida da categoria “facilita os procedimentos profissionais”, com uma percentagem de 9 (27 respostas).

5,7% das respostas indicam que a internet em nada influenciou a vida das pessoas.

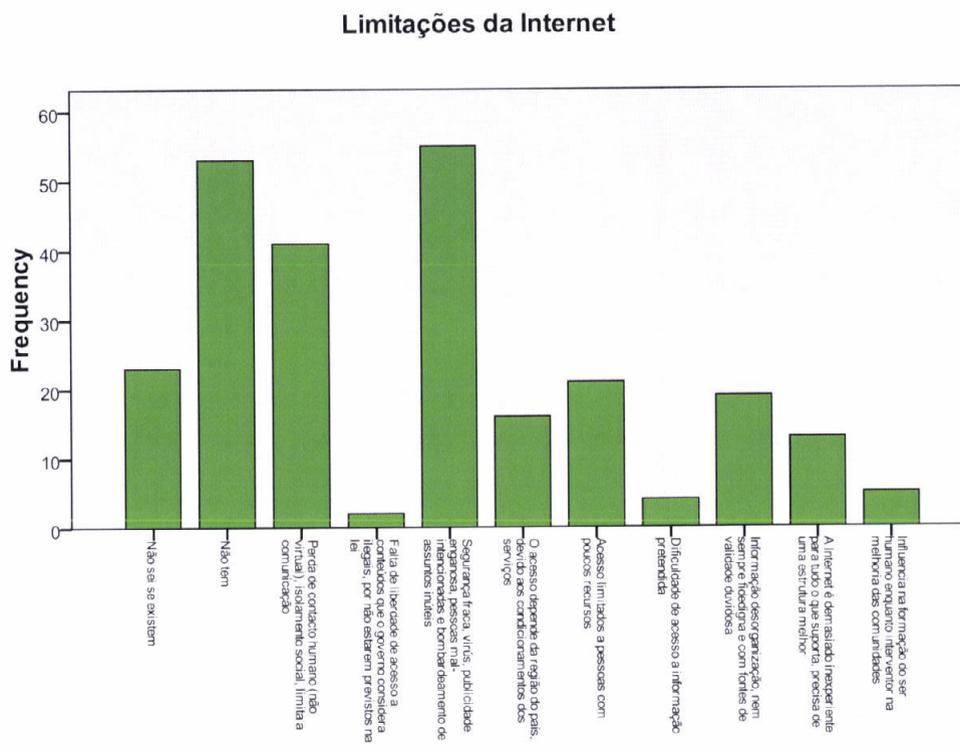


Gráfico n.º 23 – Distribuição das limitações da internet

Como podemos verificar com este gráfico, a limitação mais evidenciada pelos inquiridos foi a “segurança fraca, vírus, publicidade enganosa, pessoas mal intencionadas e bombardeamento de assuntos inúteis”, com 18,3% das respostas. Com frequência próxima, surgem aqueles que consideram que a internet não apresenta qualquer limitação (17,7% - 53 inquiridos). Segue-se “a perda de contacto humano (não virtual), isolamento social, limita a comunicação” com 13,7% das respostas (41 inquiridos). Com valores mais baixos encontra-se a categoria “falta de liberdade de acesso a conteúdos que o governo considera ilegais, por não estarem previstos na lei” com 0,7% (2 respostas).

Em relação ao perfil dos indivíduos, que participaram nos questionário temos a dizer que são maioritariamente do sexo feminino, com escalões etários que vão desde os 11 até a maiores de 43 anos de idade, que nasceram em Portalegre, na sua grande maioria, com o Ensino Secundário. São solteiros.

Grande parte dos inquiridos tem acesso à internet. A sua periodicidade de acesso é, geralmente, de utilização diária, passando até uma hora, entre uma e duas horas e até mais de quatro horas online na internet.

A maioria dos inquiridos acede à internet na própria casa e, como se trata de uma amostra maioritariamente estudante, também na escola.

A utilização da internet é tem como objectivo realizar pesquisas / estudos e para se ligar a Chats ou para estabelecer relações sociais.

Parte III do questionário remete para a internet como ferramenta de comunicação. Relativamente à questão sobre se os inquiridos utilizavam a internet para comunicar com os outros verificou-se que grande parte destes a utiliza para esse fim. E encaram este fenómeno como a possibilidade de manter contacto à distância de forma completa e em tempo real, uma vez que se torna mais económico, cómodo, prático e rápido, onde se pode interagir com outras culturas e realidades diferentes das que conhecemos. O que leva a nossa amostra a utilizar a internet como ferramenta de comunicação à distância é o facto de ser económica, cómoda, prática e rápida, permitindo a comunicação instantânea, diminuir as distância e as ausências, e a troca de ideias e informações para resolver situações problemáticas.

Relativamente à última parte do questionário, que se refere à influência da internet no quotidiano, verificou-se que os inquiridos concordam que internet veio alterar a vida dos seus utilizadores. A internet proporcionou o aumento do conhecimento, do acesso à informação e do poder de comunicação, as pesquisas e transferências de informações e conteúdos de forma rápida. A partir desta questão verifica-se que a internet embora seja utilizada como uma ferramenta socializados, também é utilizada, como essencial, na aquisição de conhecimento.

Quanto às limitações referidas pelos inquiridos face à internet, pode dizer-se que as questões relacionadas com a falta de segurança foram significativas. Foi

também referido como uma limitação que a internet provoca a perda do contacto humano (não virtual) e o isolamento social. Muitos dos inquiridos refere que a internet não apresenta qualquer limitação.

Sobre os contributos da internet no quotidiano dos inquiridos pode-se dizer que a utilizam fundamentalmente para aceder a informação actualizada e de forma rápida, bem como para conhecer pessoas novas e fazer amizades.

A questão das desvantagens, mostrou que os problemas de segurança, os vírus, e o facto de se utilizar abusivamente o computador pode tornar os indivíduos viciados ou anti-sociais, são aquelas que se destacaram perante as restantes categorias.

Como se pode depreender desta análise, a internet é, ainda, uma ferramenta inexperiente, necessitando de uma regulamentação abrangente, para que as limitações sejam ultrapassadas.

Análise Bivariada**Comparação das variáveis, Acesso à Internet e Navegar na Internet nos tempos - livres****Acesso à Internet * Navegar na Internet nos tempos-livres Crosstabulation**

			Navegar na Internet nos tempos-livres		Total
			Sim	Não	
Acesso à Internet	Não	Count	4	11	15
		Expected Count	10,4	4,6	15,0
		% within Acesso à Internet	26,7%	73,3%	100,0%
		Adjusted Residual	-3,7	3,7	
	Sim	Count	143	71	214
		Expected Count	148,2	65,8	214,0
		% within Acesso à Internet	66,8%	33,2%	100,0%
		Adjusted Residual	-1,4	1,4	
	Banda Larga	Count	60	10	70
		Expected Count	48,5	21,5	70,0
		% within Acesso à Internet	85,7%	14,3%	100,0%
		Adjusted Residual	3,4	-3,4	
Total	Count	207	92	299	
	Expected Count	207,0	92,0	299,0	
	% within Acesso à Internet	69,2%	30,8%	100,0%	

Tabela n.º 1 – Resultados obtidos pela Comparação das variáveis, Acesso à Internet e Navegar na Internet nos tempos - livres

Para uma melhor compreensão deste cruzamento de variáveis transformou-se a variável “acesso à internet” em duas categorias, a categoria 1 corresponde àqueles que não têm acesso à internet, e a categoria 2 corresponde àqueles que têm acesso à internet, onde se agrupou, os que têm acesso e os que dispõem de internet Banda Larga.

Pode-se ver que 299 pessoas responderam às duas questões sob o acesso e a ocupação dos tempos - livres em relação à internet.

A totalidade dos 203 inquiridos que têm acesso à internet, ocupam os seus tempos – livres a navegar na internet.

No entanto, 73,3% não tem acesso à internet nem ocupa os seus tempos – livres a navegar na internet, enquanto que os restantes 26,7% que não têm acesso à internet, mas que a utilizam para ocupar os seus tempos – livres.

Assim, o acesso à internet é considerado como importante, pois, mesmo aqueles que não têm acesso a ela, a utilizam como forma de ocupar os tempos – livres.

Utilizou-se o teste do Qui-Quadrado ou de Pearson para confirmar se a diferença entre os valores observados e os esperados é considerada significativamente diferente no universo, ou se pelo contrário, não é significativa resultando apenas os erros amostrais. As hipóteses deste teste são:

H_0 = As variáveis Acesso à Internet e Navegar na Internet nos Tempos – Livres são independentes;

H_1 = Existe relação entre as variáveis Acesso à Internet e Navegar na Internet nos Tempos – Livres.

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	22,269 ^a	2	,000
Likelihood Ratio	22,333	2	,000
Linear-by-Linear Association	20,071	1	,000
N of Valid Cases	299		

a. 1 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,62.

Tabela n.º 2 – Resultados do Teste do Qui-Quadrado

Consultando a tabela do Qui-Quadrado com um grau de liberdade 1 e $\alpha=0,05$, obtém-se a região de rejeição da hipótese nula $[3,84; +\infty[$. Esta região contém o valor

do teste 22,269. Deste modo, rejeita-se a hipótese de não existir relação entre as duas variáveis.

Assim, a relação observada na amostra entre acesso à Internet e navegar na internet nos tempos – livres é estatisticamente significativa no universo em análise. Ou seja, a internet é considerada, mesmo por aqueles que não têm acesso a ela, como uma forma de entretenimento, de pesquisa, de comunicação, etc.

Comparação das variáveis, Estado civil e Internet como ferramenta de comunicação à distância

Internet como ferramenta de comunicação * Estado Civil Crosstabulation

		Estado Civil		Total	
		Casado/Vive maritalmente	Solteiro		
Internet como ferramenta de comunicação	Sim	Count	49	212	261
		Expected Count	54,0	207,0	261,0
		% within Internet como ferramenta de comunicação	18,8%	81,2%	100,0%
		Adjusted Residual	-2,2	2,2	
	Não	Count	12	22	34
		Expected Count	7,0	27,0	34,0
		% within Internet como ferramenta de comunicação	35,3%	64,7%	100,0%
		Adjusted Residual	2,2	-2,2	
Total	Count	61	234	295	
	Expected Count	61,0	234,0	295,0	
	% within Internet como ferramenta de comunicação	20,7%	79,3%	100,0%	
	Adjusted Residual				

Tabela n.º 3 – Resultados obtidos pela Comparação das variáveis, Estado civil e Internet como ferramenta de comunicação à distância

Verifica-se que 295 pessoas responderam às duas questões.

O total dos 49 indivíduos que são casados ou vivem maritalmente utilizam a internet como ferramenta de comunicação. Da população casada ou a viver maritalmente, apenas 12 não utilizam a internet para este fim.

A totalidade de indivíduos solteiros e que utilizam a internet como ferramenta de comunicação à distância corresponde a 212. Os solteiros e os que não utilizam a internet para comunicar são apenas 22 indivíduos.

Assim sendo, podemos afirmar que no universo em análise, são os solteiros que utilizam mais a internet como ferramenta de comunicação à distância face aos casados ou que vivem maritalmente.

O teste do Qui-Quadrado ou de Pearson foi utilizado para confirmar se a diferença entre os valores observados e os esperados é considerada significativamente diferente no universo, ou se pelo contrário, não é significativa resultando apenas os erros amostrais. As hipóteses deste teste são:

H_0 = As variáveis Estado civil e Internet como ferramenta de comunicação à distância são independentes;

H_1 = Existe relação entre as variáveis Estado civil e Internet como ferramenta de comunicação à distância.

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	5,005 ^a	1	,025		
Continuity Correction ^b	4,049	1	,044		
Likelihood Ratio	4,461	1	,035		
Fisher's Exact Test				,040	,026
Linear-by-Linear Association	4,988	1	,026		
N of Valid Cases	295				

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 7,03.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela n.º 4 – Resultados do Teste do Qui-Quadrado

Após consultar a tabela do Qui-Quadrado com um grau de liberdade 1 e $\alpha=0,05$, obtém-se a região de rejeição da hipótese nula $[3,84; +\infty[$. Esta região contém o valor do teste 5,005. Deste modo, rejeita-se a hipótese de não existir relação entre as duas variáveis.

Assim, a relação observada na amostra entre estado civil e internet como ferramenta de comunicação à distância é estatisticamente significativa no universo em análise. Ou seja, a internet é utilizada como ferramenta de comunicação em diferentes percentagens consoante o estado civil dos inquiridos.

Comparação das variáveis, Escalão etário e Navegar na Internet nos tempos-livres

Escalão * Navegar na Internet nos tempos-livres Crosstabulation

			Navegar na Internet nos tempos-livres		Total
			Sim	Não	
Escalão Etário	De 11 a 18	Count	48	14	62
		Expected Count	43,0	19,0	62,0
		% within escalao	77,4%	22,6%	100,0%
		Adjusted Residual	1,6	-1,6	
	De 19 a 26	Count	117	37	154
		Expected Count	106,8	47,2	154,0
		% within escalao	76,0%	24,0%	100,0%
		Adjusted Residual	2,6	-2,6	
	De 27 a 34	Count	25	13	38
		Expected Count	26,3	11,7	38,0
		% within escalao	65,8%	34,2%	100,0%
		Adjusted Residual	-,5	,5	
	De 35 a 42	Count	12	9	21
		Expected Count	14,6	6,4	21,0
		% within escalao	57,1%	42,9%	100,0%
		Adjusted Residual	-1,3	1,3	
	Mais de 43	Count	6	19	25
		Expected Count	17,3	7,7	25,0
		% within escalao	24,0%	76,0%	100,0%
		Adjusted Residual	-5,1	5,1	
Total		Count	208	92	300
		Expected Count	208,0	92,0	300,0
		% within escalão	69,3%	30,7%	100,0%

Tabela n.º 5 – Resultados obtidos pela Comparação das variáveis, Escalão etário e Navegar na Internet nos tempos-livres

Verifica-se que a totalidade da amostra respondeu às duas questões.

Pela comparação destas duas variáveis observa-se que os dois escalões etários mais jovens, (dos 11 aos 18 e dos 19 aos 26 anos) ocupam os seus tempos-livres a navegar na internet, com uma frequência de 48 e 117, respectivamente.

O escalão etário com idades superiores a 43 anos é aquele em que apenas 6 indivíduos utilizam a internet para ocupar os tempos-livres.

Assim sendo, podemos afirmar que no universo em análise, são os indivíduos mais novos que utilizam internet para ocupar os tempos-livres.

O teste do Qui-Quadrado ou de Pearson foi utilizado para confirmar se a diferença entre os valores observados e os esperados é considerada significativamente diferente no universo, ou se pelo contrário, não é significativa resultando apenas os erros amostrais. As hipóteses deste teste são:

H_0 = As variáveis Escalão etário e Navegar na Internet nos tempos-livres são independentes;

H_1 = Existe relação entre as variáveis Escalão etário e Navegar na Internet nos tempos-livres.

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	30,957^a	4	,000
Likelihood Ratio	28,724	4	,000
Linear-by-Linear Association	25,504	1	,000
N of Valid Cases	300		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 6,44.

Tabela n.º 6 – Resultados do Teste do Qui-Quadrado

Após consultar a tabela do Qui-Quadrado com um grau de liberdade 1 e $\alpha=0,05$, obtém-se a região de rejeição da hipótese nula $[3,84; +\infty[$. Esta região contém o valor do teste 30,957. Deste modo, rejeita-se a hipótese de não existir relação entre as duas variáveis.

Assim, a relação observada na amostra entre escalão etário e navegar na Internet nos tempos-livres é estatisticamente significativa no universo em análise. Ou seja, a internet é utilizada como forma de ocupação dos tempos-livres em diferentes percentagens consoante o escalão etário dos inquiridos.

Comparação das variáveis, Escalão etário e Internet como forma de comunicar com os outros

Escalão * Internet como forma de comunicar com os outros Crosstabulation

			Internet como forma de comunicar com os outros		Total
			Sim	Não	
escalao	De 11 a 18	Count	47	15	62
		Expected Count	51,8	10,2	62,0
		% within escalao	75,8%	24,2%	100,0%
		Adjusted Residual	-1,8	1,8	
	De 19 a 26	Count	140	14	154
		Expected Count	128,6	25,4	154,0
		% within escalao	90,9%	9,1%	100,0%
		Adjusted Residual	3,6	-3,6	
	De 27 a 34	Count	33	4	37
		Expected Count	30,9	6,1	37,0
		% within escalao	89,2%	10,8%	100,0%
		Adjusted Residual	1,0	-1,0	
	De 35 a 42	Count	15	6	21
		Expected Count	17,5	3,5	21,0
		% within escalao	71,4%	28,6%	100,0%
		Adjusted Residual	-1,5	1,5	
	Mais de 43	Count	13	10	23
		Expected Count	19,2	3,8	23,0
		% within escalao	56,5%	43,5%	100,0%
		Adjusted Residual	-3,6	3,6	
Total		Count	248	49	297
		Expected Count	248,0	49,0	297,0
		% within escalao	83,5%	16,5%	100,0%

Tabela n.º 7 – Resultados obtidos pela Comparação das variáveis, Escalão etário e Internet como forma de comunicar com os outros

Verifica-se que numa amostra de 300 indivíduos apenas 3 inquiridos não responderam às duas questões.

Pela comparação destas duas variáveis observa-se que os dois escalões etários mais jovens, (dos 11 aos 18 e dos 19 aos 26 anos) utilizam a internet para comunicar com os outros, com uma frequência de 47 e 140, respectivamente. Também no escalão de idade entre os 27 e os 34 anos se verifica uma tendência significativa para comunicar com os outros através da internet, com 33 respostas positivas.

O escalão etário com idades superiores a 43 anos é aquele em que apenas 13 indivíduos utilizam a internet como forma de comunicar com os outros.

Assim sendo, podemos afirmar que no universo em análise, são os indivíduos mais novos que utilizam internet como forma de comunicar com os outros, embora os outros escalões etários apresentem um percentagem acima dos 50% para esta nova forma de comunicar com o outro.

O teste do Qui-Quadrado ou de Pearson foi utilizado para confirmar se a diferença entre os valores observados e os esperados é considerada significativamente diferente no universo, ou se pelo contrário, não é significativa resultando apenas os erros amostrais. As hipóteses deste teste são:

H_0 = As variáveis Escalão etário e Internet como forma de comunicar com os outros são independentes;

H_1 = Existe relação entre as variáveis Escalão etário e Internet como forma de comunicar com os outros.

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	24,042 ^a	4	,000
Likelihood Ratio	21,613	4	,000
Linear-by-Linear Association	5,600	1	,018
N of Valid Cases	297		

a. 2 cells (20,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,46.

Tabela n.º 8 – Resultados do Teste do Qui-Quadrado

Após consultar a tabela do Qui-Quadrado com um grau de liberdade 1 e $\alpha=0,05$, obtém-se a região de rejeição da hipótese nula $[3,84; +\infty[$. Esta região contém o valor do teste 24,042. Deste modo, rejeita-se a hipótese de não existir relação entre as duas variáveis.

Assim, a relação observada na amostra entre escalão etário e utilizar a internet como forma de comunicar com os outros é estatisticamente significativa no universo em análise. Ou seja, a internet é utilizada como forma de comunicar com os outros em diferentes percentagens consoante o escalão etário dos inquiridos

Pesquisa Qualitativa

A partir dos dados recolhidos na pesquisa procurou-se trabalhar os resultados com quatro categorias, apresentando para cada uma delas, a análise do seu conteúdo.

- Perfil dos utilizadores;
 - Utilização da Internet;
 - Internet como instrumento de comunicação à distância;
 - Influências da internet na vida das pessoas;
-
- **Categoria:** Perfil dos Utilizadores (Da questão 1 à 6)

As idades dos entrevistados encontram-se entre os 13 e os 39 anos.

A maioria é estudante universitário, sendo que dois dos inquiridos ainda se encontram a frequentar o ensino secundário. Dois dos entrevistados são administrativos, tendo como escolaridade o 12.º ano. Cinco dos membros da amostra possuem o grau de licenciatura, quatro destes já se encontram empregados na sua área de formação. Os restantes estão desempregados, à procura do primeiro emprego.

Relativamente à ocupação dos tempos-livres, todos têm por hábito navegar na internet, à excepção da classe de administrativos, que costumam sair com amigos, ver televisão e praticar desporto. Sobre este facto pode concluir-se que o grupo de indivíduos mais novos utilizam a internet para ocupar os tempos-livres.

- **Categoria:** Utilização da Internet (Da questão 7 à 14)

Todos os entrevistados têm acesso à internet, tendo acesso a ela, em casa, no local de trabalho ou na escola e/ ou universidade.

A utilização que fazem da internet é sempre diária. Relativamente ao número de horas que se encontram online ronda a uma hora e as doze horas. Ainda relativamente ao tempo que se permanece ligado à internet, apenas o entrevistado mais novo, com treze anos, utiliza a internet semanalmente entre as cinco e as seis horas.

Esta utilização remete-se, na maioria dos casos, para realizar pesquisas, seguido da comunicação, com o uso dos softwares como o MSN e o Hi5. A internet é também utilizada para fins como, a consulta de e-mails, o lazer, os jogos online, o trabalho e os downloads.

Acerca das desvantagens que possam ser encontradas aquando da utilização da internet, verificou-se que apenas um dos entrevistados considera que não existem desvantagens. Das desvantagens afirmadas pela amostra, destacam-se a falta de segurança, como por exemplo, os vírus, os hackers, a publicidade enganosa e o spam; e as questões relacionadas com a interrelação entre os indivíduos, evidenciando a perda de tempo útil para conviver com amigos e praticar desporto, a limitação nas relações pessoais, o facto de ser um instrumento viciante, torna as pessoas a-sociais e a comunicação ser menos emotiva. Com apenas uma resposta verifica-se a diminuição da utilização do livro, a perda da noção do tempo e o facto de ser prejudicial para a saúde. Esta última desvantagem foi mencionada pelo indivíduo que tem formação na área da saúde (optometrista), referindo que “só se pode aceder através do computador e dos telemóveis, onde a radiação é maléfica para a saúde”. Relativamente à desvantagem apresentada sobre a perda da noção do tempo, tem a dizer-se que foi referida pelo indivíduo que apresenta maior número de horas online por dia (doze horas).

Das potencialidades dos serviços que a internet dispõe aos seus utilizadores, as respostas foram muito semelhantes, dentro do que se considera bom e muito bom, havendo apenas duas respostas “razoáveis”.

Como justificativa à classificação dadas das potencialidades dos serviços da internet, os inquiridos referiram que “chegamos rápido e com precisão a tudo o que precisamos”, (entrevista n.º 18) que “está tudo tão perto só com um clique” (entrevista n.º 2), fazendo alusão à comodidade e ao facto de ser simples e prático. A entrevista n.º 10 foca a questão da diminuição das distâncias, da rápida comunicação e do aumento da difusão da informação (“Acho que os serviços são de extrema importância para diminuir a distância, e para uma maior rapidez na comunicação, na resolução de problemas bem como na recepção e difusão de informação, que vem sendo melhorada desde que começou a existir e com o avanço tecnológico tem tendência a melhorar as diferentes hipóteses já dadas e até a criar novos serviços. Penso que se pode sempre melhorar!).

- **Categoria:** Internet como Instrumento de Comunicação à Distância (Da questão 15 à 20)

Relativamente à questão que se colocou aos entrevistados sobre a forma como as pessoas utilizam a internet, constatou-se que as respostas que se enquadram dentro do positivo, dizem respeito à utilização que é feita para pesquisas, lazer, comunicação e trabalho. Aquelas que estão relacionadas com a falta de segurança, causada pelos hackers, a falta de privacidade, o uso excessivo e descontrolado que dificulta as relações interpessoais são os aspectos negativos mencionados pelos inquiridos.

As transformações e mudanças de comportamento e de atitude que a internet e a sua utilização tem causado nos seus utilizadores, e que foram enunciadas pela amostra em estudo, são o facto de, na internet, as pessoas se sentirem mais à vontade para abordar todos os assuntos e conhecer novas pessoas. Foi também enunciado que a internet induz à falta de relações interpessoais e de contacto físico, bem como provoca isolamento social, como é bem visível na resposta a esta questão, por parte do entrevistado n.º 10, “acho que a excessiva utilização cria dependência e relacionamentos dúbios, visto muitas vezes as pessoas não se conhecerem e utilizarem falsidades. Com a dependência cria-se por vezes a falta de contacto directo com as pessoas. Além da perda, por vezes, do saber escrever correctamente, visto escrever resumidamente e rapidamente, com erros para uma comunicação mais rápida. (silêncio) Também penso que pode criar problemas de relacionamento e até um isolamento, pela falta de actividade culturais e de grupo e de relacionamento interpessoal”.

A entrevista n.º 11 apresenta outro aspecto ao nível das transformações que a internet provoca na forma de lazer, uma vez que as pessoas permanecem mais tempo ligados à internet, pelas diversas potencialidades que disponibiliza; e nos hábitos de escrita, já que a comunicação é escrita e é feita através de abreviaturas e siglas, para que seja rápida.

No que concerne às questões da internet ser considerada uma ferramenta de comunicação à distância e se esta é utilizada pela amostra, houve unanimidade entre as respostas, pois todos classificam a internet como tal e a utilizam para esse fim.

Este fenómeno é encarado como sendo uma forma de estar ligado a tudo, uma ferramenta facilitadora da comunicação, que encurta distâncias e propicia mais à vontade aos utilizadores. Por outro lado, tem uma conotação negativa, no sentido em que provoca distanciamento do meio social e quebra das relações face-a-face. Um dos entrevistados refere que “um gesto vale mais que mil palavras” (entrevista n.º 2), isto deve-se à falta de comunicação não verbal, de que a internet ainda não dispõe.

Sobre as vantagens e os motivos que levam os utilizadores da internet a estabelecerem qualquer comunicação e contacto virtual com outros membros da sua rede deve-se à possibilidade de manter contacto com outras pessoas (amigos e familiares), em tempo real, de forma rápida, económica e fácil, privada e confidencial. Muitos dos inquiridos refere que utiliza a internet não só para comunicar com aqueles que lhes estão próximos, mas também com aqueles com que estabelece contacto físico diariamente. Este facto justifica-se pela comodidade que a internet possibilita, referindo, alguns indivíduos da amostra, que a utilizam por comodismo.

- **Categoria:** Influência da Internet na Vida das Pessoas (Da questão 21 à 25)

Os contributos da internet no dia-a-dia e no desempenho das actividades dos inquiridos enunciados foram a facilidade de realizar pesquisas e de acesso a informação actualizada, que propicia a resolução de problemas profissionais e/ ou académicos. A internet potencia a comunicação e a diminuição das distâncias. O espaço da internet é visto como a possibilidade de encontrar pessoas com interesses comuns, um espaço de entretenimento, de auto-aprendizagem e presente em todas as actividades do quotidiano.

Relativamente à questão sobre a influencia da internet na vida das pessoas, constatou-se que todos concordam com essa afirmação, embora alguns tenham referido que a internet não influenciou a sua própria vida.

Das influências referidas pelos entrevistados encontramos a facilidade de comunicação, pesquisa e tarefas laborais, e uma nova forma de encarar a realidade, pois estão em contacto com outras culturas. Como aspectos negativos destaca-se o isolamento social, a diminuição das relações interpessoais, a impessoalidade, a interacção virtual em detrimento da interacção física e as relações de dependência entre as pessoas e a internet.

O entrevistado n.º 17, referiu que a internet “facilitou e aproximou tudo e todos”. E como se enuncia na entrevista n.º 10, “alterou como cada inovação tecnológica (...), alterou os hábitos no trabalho como em casa, nas relações que se estabelecem nos diferentes grupos em que participamos ao longo da vida, levando para a impessoalidade e para a interacção virtual e não física”.

Houve, como já foi referido anteriormente, quem considerasse que a internet não influenciou as suas próprias vidas, justificando que continua a comunicar apenas com os elementos da sua rede, e que, uma vez que sempre foi habituado a ter internet, não sentiu ainda qualquer influência.

Relativamente à forma como a sociedade incorpora as tecnologias na sua prática quotidiana, verificou-se que a maioria dos elementos da amostra considera que

a sociedade está totalmente dependente das tecnologias, pois estas são uma ferramenta presente em todas as dimensões da vida em sociedade, no trabalho, no lazer, na comunicação e nos serviços. As tecnologias, segundo um entrevistado (n.º 8), vieram facilitar os serviços, porque actualmente está tudo informatizado e considera que “o antigo papelinho deixou de ter importância”. Contudo, o mesmo entrevistado, refere que a máquina veio substituir o Homem, causando o aumento do desemprego.

Para aqueles com dificuldade em se deslocarem, as tecnologias e em especial a internet, facilitaram a ida às compras, tendo a possibilidade de fazer tudo online.

Na questão que se pretendia averiguar sobre as medidas e como as novas tecnologias transformaram o que somos e o que podemos ser constatou-se que se considera que as novas tecnologias melhoraram a qualidade de vida, pois proporcionam um fácil acesso a informação actualizada, um aumento do conhecimento, novas formas de entretenimento, avanços na medicina e novas formas de interacção social, interacção que é mediada pelo computador e que possibilita um maior à vontade entre os intervenientes. Por outro lado, também foi considerado que as novas tecnologias invadem a privacidade, que tornam as pessoas egoístas e exigentes o que cria uma competitividades global, bem como potencia o comodismo e a preguiça, pois cada vez mais a máquina substitui ou facilita as tarefas diárias de cada indivíduo.

Como refere o entrevistado n.º 3, o avanço tecnológico “traz vantagens e desvantagens e não sei qual destes aspectos pesa mais” o que é certo é que “transformaram a nossa maneira de viver em sociedade e a nossa personalidade, pois hoje tudo se faz com a tecnologia, estamos aprisionados e controlados por ela”. Ou seja, transformaram-se as maneiras de ser, pensar e de agir.

A última questão exposta a esta amostra diz respeito à limitações enumeradas foram a perda de contacto físico, o isolamento social, a inexistência de interacção social e a comunicação menos emotiva, que está inteiramente ligado com o que foi referido por um entrevistado (n.º 6) e que diz o seguinte: “no espaço social “real” há uma forma de sociabilidade e no espaço virtual há outra. No virtual não precisamos falar com pessoas que conhecemos, por isso não sabemos se são boas ou má. No real topamos-lhe logo a pinta!” Isto remete-nos para o facto de não ser possível, pelo menos por agora, a ter a percepção da honestidade das pessoas no ciberespaço.

Foi também mencionada a falta de segurança do espaço virtual, a informação não fidedigna e o crescente aumento da pirataria. Questões ligadas aos custos e à velocidade também foram destacadas, na realização de downloads e dos tarifários, respectivamente, bem como os limites impostos pelos próprios governos.

Houve também quem considerasse que a internet não tem limitações, foi o caso do entrevistado n.º 9, referindo que o que pode limitar uns não limita outros, e do entrevistado n.º 14, que considera que na internet cabe a cada um saber usá-la com regras e limites.

Foi notório que, e como refere o inquirido n.º 17, “ficou tudo muito virtual”.

Capítulo XIX – Discussão dos Resultados

Esta investigação caracteriza-se pela exploração de um tema que ainda não está totalmente compreendido nem explicado, e cuja complexidade e abrangência exigem uma série de decisões por parte do investigador quanto a cortes no universo de pesquisa e na abordagem teórica utilizada.

Segundo Breton¹¹⁹, a ambiguidade ou a falta de compreensão devem-se ao facto de existirem três formas de discurso, acerca da internet. Os militantes “tudo internet”, que acreditam que as tecnologias criaram o ciberespaço que substitui o mundo real. Fornecem também a possibilidade de construção de uma tecnodemocracia (desenvolvimento de comunidades organizadas em função de interesses e preferências comuns dos indivíduos). A tecnodemocracia ocorre no ciberespaço, que tem a capacidade de realizar a “democracia electrónica”, prevendo-se instantânea, interactiva e directa e estruturada pela circulação de fluxos de informação. Os tecnofóbicos, que criaram uma espécie de resistência passiva sobre a difusão das novas tecnologias. Acreditam que provocam desigualdades e exclusão. E aqueles que pensam que o uso racional das tecnologias da comunicação pode trazer benefícios para a sociedade, o que é de difícil afirmação, visto que toda a opinião se rege a favor ou contra.

Portanto, é necessário um distanciamento das posturas “a favor e contra”, para se reflectir sobre as vantagens e desvantagens, sobre os usos, os processos de apropriação, as redes que se estabelecem e sobre as relações entre tecnologia e cultura.

Steinberg afirma que “na rede de computadores as máquinas não apenas influenciam a formulação dos discursos, mas os próprios discursos só podem ser

¹¹⁹ Breton, P. (2000). *Le culte de l'Internet: une menace pour le lien social?* Paris: Lá Découverte. In Rita de Cássia Souza Leal (2007). *A Relação dos Jovens com a Internet: Algumas Evidências*. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá. (pág. 2). URL: <http://etic2008.files.wordpress.com/2008/11/pucritadecassia.pdf>.

criados em conjunto com as máquinas”¹²⁰, ou seja, remete-nos para a necessidade de compreender a relação que se estabelece entre tecnologias sociais e os materiais que produzem e são produzidos pela rede de computadores.

A internet é utilizada por todos os que voluntariamente aderem e participam, interagindo entre si.

Verificamos, na análise dos resultados, que a maioria dos inquiridos utiliza a internet como forma de comunicação, tanto para manter o contacto com os que se encontram distantes, como para aqueles que convivem diariamente.

Consideram também que a internet é uma fonte privilegiada de informação, de partilha de experiências e de interacção com outras culturas e realidades diferentes.

No entanto, também existem aqueles que consideram a internet como uma ferramenta que propicia o isolamento social, o nomadismo, mesmo com a possibilidade de estabelecer comunicação instantânea com imagem em directo

Daqui se depreende que a internet, a rede das redes, através dos seus mecanismos de interacção social, nomeadamente as comunidades virtuais (Chats, Relações Sociais), propiciam a formação de novas formas de sociabilidade. Uma sociabilidade mediada pelo computador, com linguagem, símbolos, formas e estatutos, próprios, onde a interacção entre os indivíduos é, ela própria, mediada.

Em relação à afirmação de que a internet influenciou a vida do dia-a-dia, verifica-se que a grande maioria dos inquiridos concorda, uma vez que amplia o círculo de amigos e mais interacção entre as pessoas. Modificou as formas de lazer e entretenimento dos indivíduos, proporciona o aumento do conhecimento, do poder de comunicação e acesso à informação.

Com o advento das novas tecnologias, principalmente da internet e das tecnologias da informação e comunicação, o mundo tornou-se numa aldeia global, segundo alguns inquiridos.

¹²⁰ Steinberg, G. S. (2004), *Políticas em pedaços ou políticas em bits*. Brasília: Unb. In Rita de Cássia Souza Leal (2007). *A Relação dos Jovens com a Internet: Algumas Evidências*. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá. (pág. 4). URL: <http://etic2008.files.wordpress.com/2008/11/pucriritadecassia.pdf>.

Ao nível das limitações evidenciadas pelos sujeitos questionados, referem que a segurança fraca, a possibilidade de aquisição de vírus, a publicidade enganosa, as pessoas mal intencionadas e o bombardeamento de assuntos inúteis como as principais limitações. Segue-se a perda de contacto humano (não virtual) e o isolamento social que limitam a comunicação.

Os indivíduos que operam no ciberespaço e nas comunidades virtuais, estão, única e exclusivamente, nesse espaço pelo conjunto de interesses comuns, pelo sentimento de pertença que nutrem em relação a determinados assuntos. Assim sendo, não estão interessados em serem bombardeados com assuntos, para os quais não estão despertos. “Os utilizadores da *Internet* não se limitam apenas a serem processadores solitários de informação, já que utilizam cada vez mais os novos dispositivos comunicacionais com o objectivo de interagirem socialmente com outros indivíduos que com eles partilham esta complexa rede”¹²¹

O facto de referirem que a internet propicia o isolamento social, está, na nossa opinião, inteiramente relacionado com as características, já referidas, do ciberespaço. Neste espaço inauguram-se as comunidades virtuais, potencializadoras de novas formas de sociabilidade, é constituído por um sistema de redes interactivas onde o indivíduo interage, e que se caracteriza como um novo campo de mediação.

O ciberespaço, é considerado como um espaço de fuga, de informação, de construção de identidades, de distância de escrita e de invisibilidade.

¹²¹ Marcelo, A. S. (2001). *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. (pág. 138). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

Capítulo IX – Conclusão

A sociedade na qual as pessoas têm uma atitude individualista, reactiva e passiva não permite a inserção do indivíduo que passa a maior parte do seu tempo ligado aos novos dispositivos e redes sociais. A exclusão é uma forma estratégica de manter as desigualdades sociais.

O conceito de inclusão aponta para a necessidade de aprofundar o debate sobre a diversidade. Isto implica tentar compreender as diferenças individuais e colectivas, as especificidades do ser humano e, sobretudo, as diferentes situações vividas na realidade social e no quotidiano tecnológico. A inclusão está fundada na dimensão humana e sócio-cultural que procura enfatizar formas de interacções positivas, olhar às possibilidades, oferecer apoio às dificuldades e acolher as necessidades dessas pessoas.

É através dos dispositivos tecnológicos que os indivíduos superam essas necessidades, por encontrarem neles um espaço livre, democrático, que não estabelece qualquer hierarquia nem relações de poder e onde só se estabelecem conexões consoante os interesses e necessidades dessas pessoas.

A partir destes aspectos, os utilizadores da Internet, nomeadamente no ciberespaço, criam comunidades que se organizam em torno de interesses ou finalidades comuns. São designadas por comunidades virtuais e correspondem a um elemento do ciberespaço que só existe enquanto as pessoas apresentam sentimento de pertença, realizam trocas e estabelecem laços sociais.

Enquanto mediador das relações os dispositivos de informação e comunicação apresentam dois elementos fundamentais, a interactividade e uso do interface. Esta interacção é transferida de um espaço físico, real, para o espaço das novas tecnologias. Assim, os indivíduos perderem a capacidade de se relacionarem com os outros, por passarem demasiado tempo ao computador, conseguindo, apenas relacionar-se com pessoas que estejam conectados à internet.

Este estudo, a nível metodológico, baseou-se numa pesquisa tanto de natureza qualitativa como quantitativa. Assim, utilizámos diferentes níveis de análise que, do nosso ponto de vista, nos permitiu uma abordagem da problemática sobre diversas especificidades.

Devido à complexidade do tema e às consequências geradas pela utilização das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, na realização deste estudo deparámo-nos com inúmeras dificuldades.

Uma das dificuldades sentidas prende-se com o acesso às fontes bibliográficas, pela falta de documentação em português. Optámos também por aceder a documentos electrónicos, onde nos deparámos com um vasto leque de textos, artigos e estudos em que a validade nos despertou algumas dúvidas, pelo que, devido ao rigor científico que orientou a selecção das nossas fontes, alguns desses documentos não puderam integrar esta investigação.

Há ainda a salientar uma outra dificuldade que se prende com o facto da problemática em análise exigir, na nossa perspectiva, uma abordagem interdisciplinar da Sociologia às Ciências da Comunicação, da Filosofia à Psicologia e à Linguística, e da Antropologia à Informática. Todos estes domínios do conhecimento têm um contributo a dar quando analisamos as implicações sociológicas da ligação aos novos dispositivos e redes sociais. Por este motivos, alguns conceitos deste estudo, como Internet, Sociabilidade, Ciberespaço, Cibercultura, Comunidade, Rede, Era Digital, Interface... poderão não ter sido explicados de uma forma aprofundada pela nossa formação, que não se remete às áreas do conhecimento acima referidas.

Por fim, não podemos deixar de referir a dificuldade sentida ao nível da recolha dos dados, pois foi demonstrado, por parte dos inquiridos, alguma indisponibilidade.

Após o estudo e a reflexão desta temática, com o objectivo de identificar quais as formas de sociabilidade que emergem da ligação aos novos dispositivos e redes sociais, concluímos que, presentemente, já se verifica uma acentuada preferência pela sociabilidade em rede, nas comunidades virtuais, uma vez que há um elevado crescimento da ligação à internet. Pelo que podemos afirmar que o virtual, completa o real.

No âmbito deste estudo, analisando a temática do sujeito em relação à técnica e à sua mediação, concluímos que o indivíduo se reduz à passividade e, por consequência à atrofia das relações que se estabelecem ao longo a vida.

A mediação técnica dos dispositivos digitais vai consolidar um novo contexto cultural, a cibercultura, que modifica a maneira de pensar e utilizar a tecnologia, operando a racionalidade tecnológica e o simbólico e o imaginário.

Quanto às relações sociais que se estabelecem no universo tecnológico configuram-se alterações profundas, pois no ciberespaço ocorrem permanentemente interacções entre indivíduos, culturas, realidades diferentes das que se conhecem.

Segundo Marcelo, “a ligação à *Internet* e a vivência nas comunidades virtuais, no âmbito do ciberespaço, define um novo *design* interactivo onde decorrerá a existência do ser humano, que só se concretiza através da ligação. Independentemente da nossa opinião sobre a influência das novas tecnologias na sociabilidade humana, não podemos ignorar o universo comunicacional e os seus efeitos sobre o Homem que se afiguram irreversíveis”¹²².

Noam Chomsky “(...) diz-se que aumenta a comunicação entre as pessoas. Mas trata-se de uma comunicação muito superficial. O que os jovens têm que aprender é a relacionar-se uns com os outros como seres humanos. Isto implica estar frente a frente. Nós não somos marcianos! (...) os jovens relacionam-se com pessoas imaginárias. E neste sentido a Internet é um perigo porque cria a ilusão de que se está em contacto com os outros quando, na realidade, se está completamente isolado.”¹²³

Pela possibilidade de anonimato que se consegue na internet, adquire-se uma nova liberdade, onde as características físicas não são evidentes e onde é permitido a criação de uma nova identidade ou identidades. Estas identidades são consideradas

¹²² Marcelo, A. S. (2001). *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. (pág. 143). URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

¹²³ Chomsky, N. (1998) In Merconi, D. (s.d.) *Bem-vindo à Era Digital*. URL: <http://www.terra.com.br/istoe/digital/vidadiqital.htm>

paralelas à própria identidade do indivíduo. Por este motivo, “a existência virtual torna-se a existência real, viciante mas compensatória.”¹²⁴

Acerca dos objectivos desta investigação, podemos concluir que foram, na sua maioria, conseguidos de uma forma abrangente. Verificou-se que as comunidades virtuais, as redes sociais e o próprio ciberespaço propiciam novas formas de sociabilidade, que surgem pelo facto da população inquirida optar por estabelecer comunicações mediadas pelo computador.

Ao nível do tipo de relação que se estabelece entre os indivíduos que circulam no ciberespaço verificamos que se caracteriza pela ausência de contacto físico, e que se justifica pela comunidade e pela velocidade no acesso.

Relativamente às repercussões pessoais e sociais, constatou-se que as novas tecnologias da informação e comunicação provocam isolamento social, arrastando, por consequência, problemas interpessoais.

Sobre as representações sociais relativas às novas tecnologias da informação e comunicação questionou-se que influência e que contributo têm no quotidiano dos inquiridos. Concluiu-se que se alteraram as formas de entretenimento, de interacção, de acesso à informação, de aquisição de conhecimento.

Em relação aos modelos de difusão destas novas experiências inferiu-se que a partir destas mais facilmente se tem acesso a informação e se adquire conhecimento, mais facilmente se estabelece comunicação à distância. Todos estes mecanismos ocorrem em redes virtuais que proporcionam a difusão, cada vez maior, das comunidades virtuais e suas sociabilidades.

Ao analisarmos o objecto de estudo constatamos que o uso das novas tecnologias arrastou várias alterações e consequências no real quotidiano, tanto a nível social, cultural, das relações, como a nível económico, laboral e político.

Apesar de ser um estudo abrangente, podemos afirmar que a sociabilidade em rede afecta as representações que os sujeitos constroem da realidade e as estruturas de sociabilidade, gerando novos laços e redesenhando os laços até aqui típicos e tradicionais, conforme se interroga no capítulo do problema e problematização.

¹²⁴ Pais, C. (s.d.). *Internet: O Milagre da Era Digital ou a Ameaça da Bomba Informática?* URL: http://www.ipv.pt/millennium25/25_30.htm

Ao concluir o presente trabalho, a nossa expectativa é de poder contribuir com estas informações, talvez provisórias, para tornar as pessoas mais receptivas, amenizando o uso dos dispositivos tecnológicos de informação e comunicação, de forma a preparar caminhos para uma problematização da revolução tecnológica, das representações sociais, dos vários espaços culturais, da democratização do conhecimento e das relações de poder desta sociedade, para que se possam traçar estratégias que potencializem a construção do saber por meio de negociações e interações.

Não tenho nenhuma dúvida em afirmar que *o homem é ser com outros*, que só em interação desenvolve as suas potencialidades, e que as competências que necessita para encontrar espaço de êxito profissional e humano só poderão ser desenvolvidas em práticas de proximidade.

Bibliografia

- Animat, E. (2002). *Cómo enfrentar los desafíos de la globalización*. Finanzas & Desarrollo.
- Almeida, J. (1990). Portugal Os próximos 20 anos, (vol. VIII) Valores e Representações Sociais. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Bryman, A. e Cramer, D. (1993). *Análise de Dados em Ciências Sociais – Introdução às Técnicas utilizando o SPSS*. Celta Editores. Oeiras.
- Carvalho, H. (2008). *Análise Multivariada de Dados Qualitativos – Utilização da ACM com o SPSS*. Edições Sílabo. Lisboa.
- Chaunu, P. (1973). *Conquista y explotación de los nuevos mundos*. Editorial Labor. Barcelona.
- Chesneaux, J. (1995). *Modernidade - Mundo*. Vozes. Rio de Janeiro.
- Ghiglione, R. e Matalon, B. (1992). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Celta Editora. Oeiras.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia*. 4.ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Kindersley, D. (1998). *101 Sugestões – Explorar os Multimédia*. Livraria Civilização Editora. Itália.
- Marconi, M. A. e Lakatos, E. (1995). *Técnicas de Pesquisa*. 4-ª Edição. Editora Atlas, S.A. São Paulo.

Martin, H.P. e Shumann, H. (1999). *A armadilha de Globalização*. Ed. Globo. São Paulo.

Mckie, R. (1984). *O Mundo da Ciência – Tecnologia*. Editorial Verbo. São Paulo.

McQuail, D. (s.d.). *Teoria da Comunicação de Massas*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Ministério da Educação e Ciência, Secretaria de Estado da Educação. *Sociologia - 10.º Ano de Escolaridade*. Direcção – Geral do Ensino Secundário (pág. 121).

Naisbitt, J. (1994). *Paradoxo Global*. Editora Campus, 2ª edição. São Paulo.

Pereira, A. (1999). *Guia Prático de Utilização do SPSS – Análise de Dados para Ciências Sociais e Psicologia*. Edições Sílabo. Lisboa.

Pestana, M. H. Gageiro, J. N. (1998) *Análise de dados para Ciências Sociais - A complementaridade do SPSS*. Edições Sílabo. Lisboa.

Ramos, F. M. e Silva, C. A. (org.) (2002). *Sociologia em Diálogo*. Departamento de Sociologia da Universidade de Évora. Évora.

Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Record. São Paulo.

Stiglitz, J. E. (2004). *Rumo a um novo paradigma*. Francis. São Paulo.

Stiglitz, J. E. (2002). *A Globalização e seus Malefícios*. Futura Editora. São Paulo.

Vieira, L. (1997). *Cidadania e Globalização*. Ed. Record. Rio de Janeiro.

Artigos:

Amaral Jr., A. *Dossiê Novas tecnologias, sociabilidade e cultura*. Revista Electrónica de Ciências Sociais. Número 7 (pág. 1 – 6) – Setembro de 2004. Acedido em 16/12/2008 em URL: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/apresentacao.pdf>.

Andrade, A. M. V. (s. d.) *Comunidades Distribuídas de Interesse Cognitivo - Criação e Gestão*. 3º Simpósio Internacional de Informática Educativa. Universidade Católica – Centro Regional do Porto. Acedido em 24/09/2009, em URL: <http://www.esev.ipv.pt/3siie/actas/actas/doc41.pdf>.

Bessa, F. (2007/ 2008). *Recensão: A Galáxia Internet – Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*, de Manuel Castells. (2001). 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Acedido em 08/09/2009, em URL: http://www.e-profe.net/tecnologia/galaxia_internet.pdf.

Borges, M. A. G. (2000). *A compreensão da sociedade da informação*. Brasília: Universidade de Brasília. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a03v29n3.pdf>.

Bucholts, M. (1999). *“Why be normal?”: Language and identity practices ins a community of nerds girls*. Cambridge University Press. Acedido em 24/11/2008, em URL: http://www.linguistics.ucsb.edu/faculty/bucholtz/articles/MB_LinS1999.pdf.

Cardoso, G. (1998). *Contributos para uma sociedade do ciberespaço*. Publicado na Revista “Sociologia Problemas e Práticas” n.º 25. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://bocc.ubi.pt/pag/cardoso-gustavo-sociologia-ciberespaco.html>.

Carvalho, I. C. L. e Kaniski, A. L. (2000). *A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem?* Brasília. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a04v29n3.pdf>.

Cheta, R., Cardoso, G., Espanha, R. e Gomes, M. C. (2008). *Web 1.5: As redes de sociabilidade entre o e-mail e a Web 2.0*. OberCom. Acedido em 08/09/2009, em URL: http://www.obercom.pt/client/?newsId=373&fileName=fr6_2.pdf.

Costa, R. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência colectiva*. Interface - Comunic., Saúde, Educ., Vol. 9, n.º 17, (pág. 235-48). Março - Agosto 2005. Acedido em 08/09/2009, em URL: <http://www.scribd.com/doc/1022698/Por-um-novo-conceito-de-comunidade-redes-sociais-comunidades-pessoais-inteligencia-coletiva>.

Duarte, A. B. S. (2005). *Informação, comunicação e sociabilidade via Internet: Um estudo das interações no ciberespaço entre membros do Movimento Escoteiro*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Acedido em 03/06/2009, em URL: <http://www.eci.ufmg.br/bogliolo/downloads/ABSD%20Tese.pdf>.

Figueira, E., Baltazar, M. S. e Serrano, M. M. (coord.) (2006). *Questões Sociais Contemporâneas – Actas das VII Jornadas do Departamento de Sociologia*. Évora: Departamento de Sociologia da Universidade de Évora e Centro de Investigação em Sociologia e Antropologia “Augusto da Silva”. (pág. 370 – 380).

Fontes, B. A. S. M. e Stelzig, S. (s.d.). *Sobre Trajectórias de Sociabilidade: A Ideia de Relé Social enquanto Mecanismo Criador de Novas Redes Sociais*. Acedido em 16/12/2009, em URL: http://revista-redes.rediris.es/webredes/novedades/breno_sabina.pdf.

Garcia, L. S., Costa, A. C. R. e Franco, S. R. (2004). *Comunidades Virtuais de Aprendizagem baseadas na Teoria de Interação Social de Piaget e suportadas por*

redes peer-to-peer. Acedido em 18/09/2009, em URL: http://www.cinted.ufrgs.br/renote/mar2004/artigos/11-comunidades_virtuais.pdf.

Guimarães, M. J. L. (1997). *A Cibercultura e o Surgimento da Novas Formas de Sociabilidade*. Trabalho apresentado no GT "Nuevos mapas culturales: Cyber espacio y tecnologia de la virtualidad", na II Reunión de Antropologia del Mercosur, Piriápolis, Uruguai, de 11 a 14 de Novembro de 1997. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>.

Innarelli, H. C. e Oliveira, V. F. F. *Tecnologias da Informação e Comunicação: Interesses e Expectativas de Estudantes*. Educação Temática Digital, Campinas, Vol. 5, n.º1. (p.49-63). Dezembro 2003. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://www.fae.unicamp.br/etd/viewarticle.php?id=282&layout=abstract>.

Leal, R. C. S. *A Relação dos Jovens com a Internet: algumas evidências*. 5.º Encontro de Educação e Tecnologia de Informação e Comunicação, 12 e 13 de Novembro de 2007. Universidade Estácio de Sá. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://etic2008.files.wordpress.com/2008/11/pucjrjitadecassia.pdf>.

Lyon, D. (s. d.). *Ciberespaço: Além da Sociedade da Informação?* Acedido em 24/09/2009, em URL: http://members.fortunecity.com/cibercultura/vol11/vol11_davidlyon.htm.

Marcelo, A. S. (2001). *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 16/12/2008, em URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>.

Marcelo, A. S. A. B. (s.d.). *Novos media: inauguração de novas formas de sociabilidade*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 16/12/2008, em URL: <http://bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-andre-bentes-novos-media-inauguracao-novas-formas-solidariedade.pdf>.

Marteleteo, R. M. (2001). *Análise de redes sociais – Aplicação nos estudos de transferência da informação*. Brasília. Acedido em 08/09/2009, em URL: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>.

Moran, J. M. *Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo*. Publicado na revista "Tecnologia Educacional". Rio de Janeiro, Vol. 23, n.º 126, Setembro - Outubro 1995, p. 24-26. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-edu-com-tec/artigos/novas%20tecnologias%20e%20o%20re-encantamento%20do%20mundo.pdf>.

Oliveira, G. P. *Fluência Tecnológica, Comportamento e Complexidades: um Laboratório de Informática, o Tempo, as Pessoas e Outras Coisas*. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, Vol.13, n.º 48, p. 307-332, Julho - Setembro 2005. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v13n48/27552.pdf>.

Oliveira, G. P. (s.d.). *Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação e a Construção do Conhecimento em Cursos Universitários: Reflexões sobre o Acesso, Conexões e Virtualidade*. Revista Iberoamericana de Educación. Acedido em 16/12/2008, em URL: <http://www.rieoei.org/deloslectores/344Pastre.pdf>.

Palhares, M. M., Silva, R. I. e Rosa, R. (s.d.) *As Novas Tecnologias da Informação numa Sociedade em Transição*. Acedido em 02/06/2009, em URL: http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/MarciaPalhares.pdf.

Pereira, S. (s.d.). *Sociologia da Comunicação: As bases de um estudo no contexto das organizações*. Escola Superior de Comunicação Social. Acedido em 18/09/2009, em URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-sandra-sociologia-comunicacao-bases-estudo.pdf>.

- Primo, A. *Interacção mútua e reactiva: uma proposta de estudo*. Revista da Famecos, n.º 12, (p. 81-92). Junho, 2000. Acedido em 24/09/2009, em URL: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf.
- Primo, A. *Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador*. 404NotFound, n.º 45, 2005. Acedido em 24/09/2009, em URL: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf.
- Porto, L. M. (2008). *O Uso da Intranet como Meio de Comunicação Interna: Das Origens às Implicações na Cultura das Organizações*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitectura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob a orientação da Professora Doutora Regina Célia Baptista Belluzzo. Bauru. Acedido em 03/06/2009, em URL: http://www.faac.unesp.br/posgraduacao/Pos_Comunicacao/pdfs/luisa_porto.pdf.
- Quaresma, S. J. *Durkheim e Weber: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo*. Revista Electrónica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, n.º 1 (3), Janeiro - Julho/2005 (p. 81-89). Acedido em 16/12/2008, em URL: http://www.emtese.ufsc.br/3_art6.pdf.
- Ramos, F. M. e Marujo, M. N. (coord.) (2006). *Actas das Jornadas do Departamento de Sociologia*. Évora: Departamento de Sociologia da Universidade de Évora e Centro de Investigação em Sociologia e Antropologia “Augusto da Silva”. (pág. 131 – 151).
- Ribas, C. S. C. e Ziviani, P. *Redes de informação: novas relações sociais*. Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. X, n.º 1, Janeiro - Abril 2008. Acedido em 03/06/2009, em URL:

<http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20X,n.%201,2008/ACludiaRibas-PaulaZiviani.pdf>.

Rizzini, I. et al. *Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias*. Revista ALCEU, Vol.6, n.º 11 (pág.41 – 63), Julho - Dezembro 2005. Acedido em 02/06/2009, em URL: http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/Alceu_n11_Rizzini.pdf.

Salgado, L. M. A. (2002). *A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro da Escola do Futuro da Universidade de São Paulo: Um estudo da sua estrutura e de seus usuários*. Dissertação apresentada na Pós – Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para a obtenção do grau de Mestre. São Paulo: Universidade de São Paulo. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27149/tde-02042004-111121/>.

Serra, J. P. (s.d.). *Comunicação e Humanidade: para uma leitura kierkegaardiana da teoria dos sistemas*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/507/serra-paulo-comunicacao-humanidade.pdf>.

Serra, P. (s.d.). *Comunicação e transparência – a comunicação indirecta*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-comunicacao-transparencia-comunicacao-indirecta.pdf>.

Serra, J. P. (s.d.). *Contributos para uma teoria neo-darwiniana da comunicação*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/505/serra-paulo-teoria-neo-darwiniana.pdf>.

Serra, J. P. (s.d.). *Ética e Informação: alguns paradoxos éticos da “Sociedade da Informação”*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/503/serra-paulo-etica-informacao.pdf>.

Serra, J. P. (s.d.). *Iluminismo e Comunicação – de Locke a Kant*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/522/serra-paulo-iluminismo-comunicacao-locke-kant.pdf>.

Serra, J. P. (2003). *Informação e Sentido – O estatuto epistemológico da informação*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: http://thesis.ubi.pt/upload/95/478/serra_paulo_informacao_sentido.pdf.

Serra, J. P. (s. d.). *Internet e o mito da visibilidade universal*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-internet-mito-visibilidade-universal.pdf>.

Serra, J. P. (s.d.). *Internet e Interactividade*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/490/serra-paulo-internet-interactividade.pdf>.

Serra, J. P. (1995/ 96). *O problema da técnica e o ciberespaço*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: http://thesis.ubi.pt/upload/95/513/jpserra_problema.pdf.

Serra, J. P. (s.d.). *Proximidade e Comunicação*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/495/serra-paulo-proximidade-comunicacao.pdf>.

Serra, J. P. (s.d.). *Uma leitura da “Sociedade da Comunicação” a partir de Teillard de Chardin*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/523/serra-paulo-teillard-chardin.pdf>.

Serra, J. P. (s.d.). *Web e Credibilidade – O caso dos blogs*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acedido em 02/06/2009, em URL: <http://thesis.ubi.pt/upload/95/516/serra-paulo-web-credibilidade-blogues.pdf>.

Silberman, S. (2001). *The Geek Syndrome*. Acedido em 24/11/2008, em URL: http://www.wired.com/wired/archive/9.12/aspergers_pr.html.

Silva, A. (2008). *Economia e Sociologia*. N.º 86. Évora: Gabinete de Investigação e Acção Social do Instituto Superior Económico e Social de Évora. (pág. 23 – 33).

Silva, A. M. A. C. (2000). *Reconectando a sociabilidade on-line e off-line: trajetórias, poder e formação de grupos em canais geográficos no Internet Relay Chat*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Thomas Patrick Dwyer. Campinas. Acedido em 03/06/2009, em URL: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000214682>.

Silva, C., Marujo, N. e Saragoça, J. (). *Turismo e Tecnologias de Informação e Comunicação – Sessão 6: Ciberespaço e Virtualização*. Acedido em 16/12/2008, em URL: www.ensino.uevora.pt/tmp/cursos/PPT/TIC/sessao5.../aula.doc.

Silva, L. J. O. L. *Globalização das redes de comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais*. Universidade de Aveiro. Publicado em: Alves, J. A., Campos, P. Brito, P. Q. (1999), *O Futuro da Internet – Estado da Arte e Tendências de Evolução*, 53-63, Lisboa: Centro Atlântico. Acedido em 08/09/2009, em URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-lidia-oliveira-globalizacao-Internet.pdf>.

Souza, S. (s.d.). *Sociabilidade e Rede*. Acedido em 16/12/2009, em URL: <http://souzaesilva.com/Website/portfolio/webdesign/siteciberidea/fpizzi/textos/sociab.pdf>.

Outras Fontes:

A Sociedade da Informação em Portugal. Acedido a 15/10/2009, em URL:
http://www.unic.pt/images/stories/osic/SIP_2008_apresentacao_sintese.pdf.

Portugal na Sociedade da Informação. Acedido em 15/09/2009, em URL:
http://www.epractice.eu/files/media/media_629.pdf.

Referência extraídas da Internet

http://www.esas.pt/dfa/sociologia/formas_sociabilidade.pdf, acedido em 02/09/2009.

http://www.esas.pt/dfa/sociologia/processos_interacao_social.htm#relacoes, acedido a 02/09/2009.

<https://www.blogueger.com/comment.g?blogueID=5255558233449680513&postID=4143480909899035483&isPopup=true>, acedido a 02/09/2009.

http://cadernosociologia.bloguespot.com/2009/02/interacao-social-e-expectativas_03.html, acedido a 02/09/2009.

<http://www.gobiernoelectronico.org/node/6469>, acedido a 04/08/2009.

http://www.slideshare.net/moreno/emergncia-e-dinmica-informacional-na-bloqueosfera-1257336?src=related_normal&rel=1306347, acedido a 18/09/2009.

<http://www.slideshare.net/ciberesfera/sociedade-20-a-emergncia-de-uma-nova-sociabilidade>, acedido a 18/09/2009.

<http://www6.ufrgs.br/limc/pesquisa.html>, acedido a 24/09/2009.

<http://www.mundoeducacao.com.br/sociologia/sociabilidade-socializacao.htm>, acessido a 26/10/2009.

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/rosana6.htm>, acessido a 26/10/2009.

http://www.bocc.ubi.pt/listas/titulos_letra.php?letra=C, acessido a 15/10/2009.

http://www.computerworld.com.pt/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=5788,
accedido a 15/10/2009.

<http://cibertransistor.com/2009/06/26/o-inicio-da-era-digital/>, acessido a 15/10/2009.

http://www2.ufp.pt/~lmbg/livro_si04.htm, acessido a 15/10/2009.

<http://www.terra.com.br/istoe/digital/vidadigital.htm>, acessido a 25/09/2009.

Anexos n.º 1

Guião de Entrevista

1. Idade?
2. Cidade?
3. Profissão?
4. Habilitações Literárias?
5. Como ocupa os seus tempos – livres?
6. Tem acesso à Internet?
7. Onde acede à Internet?
8. Qual a Periodicidade no acesso à Internet?
9. Quanto tempo costuma ficar Online por dia?
10. Qual a finalidade, quando utiliza a Internet?
11. Encontra alguma desvantagem na utilização da Internet?
12. Que desvantagens?
13. Como avalia a potencialidade dos serviços que lhe chegam através da Internet?
14. De que forma as pessoas utilizam a Internet?
15. Como é que essa utilização traz transformações e mudanças de comportamento e atitude?
16. Considera a Internet como uma ferramenta de comunicação (à distância)?
17. Como encara este fenómeno?
18. Utiliza a Internet como forma de comunicar com os outros?
19. Qual o motivo e as vantagens?
20. Qual o contributo da Internet no seu dia-a-dia e no desempenho das suas actividades?
21. Considera que Internet alterou a vida das pessoas?
22. Como é que a sociedade incorpora as tecnologias na sua prática quotidiana?
23. Como é que acha que a Internet influenciou a sua vida?
24. Em que medida e como é que as novas tecnologias transformaram o que somos e o que podemos ser?

25. Quais acha que são as limitações da Internet?

Obrigado pela sua colaboração.

Ana Luísa Alegria

Anexos n.º 2**Universidade de Évora
Mestrado em Sociologia****Questionário**

Este questionário é confidencial e para efeitos de estudo do fenómeno “Internet e a sua influência nas relações sociais”. Pedimos-lhe que responda com sinceridade às questões que se seguem e agradecemos antecipadamente a sua atenção a este questionário.

(Ana Luísa dos Santos Atanásio Bagina Alegria)

Parte I – Identificação

1. Idade: _____ anos
2. Sexo: Feminino Masculino
3. Estado Civil: Casado(a) / Vive maritalmente Solteiro(a)
4. Nasceu em: _____
5. Profissão: _____
6. Habilitações Literárias:

1.º Ciclo	<input type="checkbox"/>	Bacharelato	<input type="checkbox"/>
2.º Ciclo	<input type="checkbox"/>	Licenciatura	<input type="checkbox"/>
3.º Ciclo	<input type="checkbox"/>	Mestrado	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário	<input type="checkbox"/>	Doutoramento	<input type="checkbox"/>
7. Como ocupa os seus tempos – livres:

Ir às compras	<input type="checkbox"/>	Passear	<input type="checkbox"/>
Desporto	<input type="checkbox"/>	Navegar na Internet	<input type="checkbox"/>
Ver TV	<input type="checkbox"/>	Ler	<input type="checkbox"/>
Ouvir música	<input type="checkbox"/>	Videojogos	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>		
Quais?	_____		

Parte II – Internet

1. Tem **acesso à Internet?** Não Sim Banda Larga

2. **Onde** acede à Internet?

Casa

Local de Trabalho

Escola

Casa de Amigos

Locais públicos (disponibilizados pelo Município)

Outros

Quais? _____

3. Qual a **Periodicidade** no acesso à Internet?

Diário

Semanal

3 a 5 vezes por semana

Quinzenal

Mensal

Ocasionalmente

Outros

Quais? _____

3.1. Caso a resposta anterior seja Diário, **quanto tempo** costuma ficar Online por dia:

Menos de 30 minutos

Até 1 hora

Entre 1 e 2 horas

Entre 2 e 3 horas

Entre 3 e 4 horas

Mais de 4 horas

4. Qual a **finalidade**, quando utiliza a Internet?

Estudo / Pesquisa

Jogar

CHAT / Relações sociais (Ex: HI5, Facebook, MSN, etc)

Outros

Quais? _____

5. Encontra alguma **desvantagem** na utilização da Internet?

Sim Não

6.1. Caso tenha respondido **afirmativamente**, quais as **desvantagens**?

- | | |
|---|--------------------------|
| Vírus | <input type="checkbox"/> |
| Problemas de segurança | <input type="checkbox"/> |
| Pessoas desconhecidas e tentar falar connosco | <input type="checkbox"/> |
| Spam e publicidade indesejada | <input type="checkbox"/> |
| Má qualidade da informação | <input type="checkbox"/> |
| Conteúdos impróprios | <input type="checkbox"/> |
| Publicidade enganosa | <input type="checkbox"/> |
| Utilização abusiva da informação pessoal | <input type="checkbox"/> |
| Pessoas que utilizam, de forma abusiva, o computador podem tornar-se viciadas ou anti-sociais | <input type="checkbox"/> |
| Pessoas mal intencionadas (pirataria) | <input type="checkbox"/> |
| Outros | <input type="checkbox"/> |
| Quais? _____ | |

Parte III – Internet como Ferramenta de Comunicação

1. Como avalia a **potencialidade dos serviços** que lhe chegam através da Internet?

- | | |
|-------------|--------------------------|
| Muito Boa | <input type="checkbox"/> |
| Boa | <input type="checkbox"/> |
| Razoável | <input type="checkbox"/> |
| Fraca | <input type="checkbox"/> |
| Muito Fraca | <input type="checkbox"/> |

2. Considera a **Internet como uma ferramenta de comunicação** (à distância)?

Sim Não

2.1. Caso tenha respondido afirmativamente, **como encara este fenómeno?**

- Económico, cómodo, prático e rápido
- Fazer novas amizades
- Positivamente, excepto quando as relações interpessoais passam apenas por esta ferramenta
- Mantém o contacto à distância de forma completa e em tempo real
- Reflexo da globalização da informação. A internet comporta informação para qualquer tema de pesquisa
- Permite partilhar experiência e discutir ideias
- Comunicação menos emotiva
- Preocupação ao nível da regulamentação
- Globalização de povos e culturas. Interage-se com outras culturas e realidades diferentes daquelas que conhecemos
- Positivamente
- É necessário vigiar a comunicação, especialmente com as crianças
- Sem opinião
- Outros
- Quais? _____

3. Utiliza a **Internet como forma de comunicar** com os outros?

Sim

Não

3.1. Caso tenha respondido afirmativamente, qual o **motivo** e as **vantagens**?

Económico, cómodo, prático e rápido

Gostar de comunicar

Intervir mais facilmente na sociedade ou nas diferentes comunidades e receber feedback

Conhecer novos horizontes e pessoal virtualmente

Motivos profissionais e/ ou lazer

Comunicação instantânea com imagem em directo. Encurta a distância e diminui a ausência

Troca de ideia e informações para resolução de problemas

Facilidade em estabelecer / manter contacto (conversas) sem que seja necessário encarar a pessoa

Sem opinião

Outros

Quais? _____

Parte IV – Influência da Internet no Quotidiano1. Qual o **contributo** da Internet no seu dia-a-dia e no desempenho das suas actividades?

Fácil acesso à informação actualizada permanentemente

Aceder a informação que não está disponível noutros locais

Possibilidade de comunicar com todo o Mundo

Conhecer novas pessoas e fazer novas amizades

Encontrar pessoas com interesses em comum

Local de lazer para todas as idades

Aprender e aumentar as suas qualificações

Poupar tempo

Possibilidade de fazer compras

Outros

Quais? _____

2. Concorda com a afirmação de que a Internet alterou a vida das pessoas?

- Concordo Totalmente
- Concordo
- Neutro
- Discordo
- Discordo Totalmente

2.1. Como é que acha que a Internet influenciou a sua vida?

- Não influenciou
- Evita a monotonia
- Auto-aprendizagem
- Meio de comunicação que provoca comportamentos anti-sociais e reprimidos
- Amplia o círculo de amigos, mais interacção com as pessoas
- Pesquisa e partilha rápida de conhecimento, informação e conteúdos anteriormente indisponíveis
- Redução no tempo e nos custos
- Comodidade
- Facilita procedimentos profissionais
- Fornece novas formas de lazer / entretenimento
- Abre horizontes
- Aumento do conhecimento, do poder de comunicação e acesso a informação
- Torna as pessoas pouco ou nada cultas
- Tornou o mundo numa aldeia global
- É um objecto influenciado por nós e que nos serve
- Outros
- Quais? _____

2.2. Quais acha que são as limitações da Internet?

- Não tem
- Não sabe
- Perda de contacto humano (não virtual), isolamento social, limita a comunicação
- Falta de liberdade de acesso a conteúdos que o governo considera ilegais, por não estarem previstos por lei
- Segurança fraca, vírus, publicidade enganosa, pessoas mal-intencionadas e bombardeamento de informações inúteis
- O acesso depende da região do país, devido aos condicionamentos do serviço
- Acesso limitado a pessoas com poucos recursos
- Dificuldade de acesso da informação pretendida
- Informação desorganizada, nem sempre fidedigna e com fontes de validade duvidosas
- A internet é demasiado inexperiente para tudo o que suportar, precisa de uma estrutura melhor
- Influencia na formação do Homem enquanto interventor na melhoria das comunidades
- Outros
- Quais? _____

Obrigado pela sua colaboração.

Ana Luísa Alegria

Anexos n.º 3

Quadro Síntese da Análise de Conteúdo

Pesquisa Qualitativa

Dimensão do Estudo	Sentidos da Categoria	Divisão Categorical	Categoria
Perfil dos Utilizadores	Idade	13 – 39 anos	
	Profissão	10 – Estudantes 2 – Administrativos 2 Desempregado 4 - Licenciados	
	Habilitações	5 – Licenciados 1 – Ensino Básico 1 – Ensino Secundário 9 – Ensino Secundário Completo	
	Tempos – Livres	16 - Navegar na internet 2 – Sair com amigos, ver televisão, praticar desporto (administrativos)	
Utilização da Internet	Acesso	Todos	
	Local	Casa, escola e trabalho	
	Periodicidade	Diária	
	Tempo Online	Entre a 1h e as 12h diárias. Os entrevistados mais novos utilizam mais horas	
	Desvantagens	Apenas um dos inquiridos consideram que não	Insegurança A-sociabilidade

		existem desvantagens na internet. Os restantes mencionam a falta de segurança, a interrelações virtuais tornam as pessoas a-socias.	
	Potencialidades	Foram consideradas muito boas, boas e razoáveis. Referiu-se a “rapidez e precisão”, “simples, cómodos e prático”, “diminui a distância” e “aumento da difusão da informação”.	Comodidade Difusão Velocidade
Internet como Instrumento de Comunicação à Distância	Comunicação	Maior facilidade na abordagem de qualquer assunto; “manter contacto de forma rápida, económica e fácil, privada e confidencial”, “comodidade”, “facilidade de comunicação à distância”	Contacto Confidencialidade Comunicação à distância
	Transformações na Relações	Distanciamento do meio social; Quebra das relações face-a-face; Falta de contacto directo; Falta de privacidade. “Cria relações de dependência” Modificam-se os hábitos de escrita.	Dependência Distanciamento
	Utilização	Pesquisa, entretenimento, comunicação, lazer.	Pesquisa Entretenimento
Influência da Internet na Vida das Pessoas	Influências	Aumento do conhecimento; melhoria da qualidade de vida; facilidade dos serviços; facilidade em realizar pesquisas e ter acesso à informação; potência a comunicação; diminui distâncias; amplia o círculo de amigos; forma de entretenimento, auto-aprendizagem. “Aproxima tudo e todos”. “Novas	Acessibilidade Entretenimento Conhecimento

		formas de encarar a realidade". "Alteração dos hábitos de trabalho".	
	Limitações	Isolamento social; diminuição das relações interpessoais; impessoalidade; interacção virtual; relação de dependência; Falta de Segurança; Falta de contacto físico.	Impessoalidade Insegurança Fracó contacto físico

Anexos n.º 4

Apresentação dos Resultados

Idade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid De 11 a 18	62	20,7	20,7	20,7
De 19 a 26	154	51,3	51,3	72,0
De 27 a 34	38	12,7	12,7	84,7
De 35 a 42	21	7,0	7,0	91,7
Mais de 43	25	8,3	8,3	100,0
Total	300	100,0	100,0	

Tabela n.º9 - Distribuição da Idade

Sexo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Feminino	155	51,7	51,7	51,7
Masculino	145	48,3	48,3	100,0
Total	300	100,0	100,0	

Tabela n.º10 - Distribuição da Sexo

Estado Civil

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Casado/Vive maritalmente	62	20,7	20,9	20,9
Solteiro	235	78,3	79,1	100,0
Total	297	99,0	100,0	
Missing NR	3	1,0		
Total	300	100,0		

Tabela n.º11 - Distribuição do Estado Civil

		Habilitações Literárias			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1.º Ciclo	5	1,7	1,7	1,7
	2.º Ciclo	25	8,3	8,4	10,0
	3.º Ciclo	13	4,3	4,3	14,4
	Ensino Secundário	166	55,3	55,5	69,9
	Bacharelato	3	1,0	1,0	70,9
	Licenciatura	81	27,0	27,1	98,0
	Mestrado	5	1,7	1,7	99,7
	Doutoramento	1	,3	,3	100,0
	Total	299	99,7	100,0	
Missing	NR	1	,3		
Total		300	100,0		

Tabela n.º12 - Distribuição das Habilitações Literárias

		Distrito			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	NA	11	3,7	3,8	3,8
	Portalegre	125	41,7	43,0	46,7
	Lisboa	30	10,0	10,3	57,0
	Leiria	2	,7	,7	57,7
	Braga	18	6,0	6,2	63,9
	Bragança	1	,3	,3	64,3
	Porto	4	1,3	1,4	65,6
	Faro	8	2,7	2,7	68,4
	Beja	10	3,3	3,4	71,8
	Évora	45	15,0	15,5	87,3
	Setúbal	5	1,7	1,7	89,0
	Santarém	11	3,7	3,8	92,8
	Coimbra	3	1,0	1,0	93,8
	Viseu	1	,3	,3	94,2
	Aveiro	2	,7	,7	94,8
	Castelo Branco	2	,7	,7	95,5
	Guarda	2	,7	,7	96,2
	Viana do Castelo	1	,3	,3	96,6
	Açores	2	,7	,7	97,3
	Benguela (Angola)	2	,7	,7	97,9
	Venezuela	2	,7	,7	98,6
	França	3	1,0	1,0	99,7
	Moçambique	1	,3	,3	100,0
	Total	291	97,0	100,0	
Missing	NR	2	,7		
	System	7	2,3		
	Total	9	3,0		
Total		300	100,0		

Tabela n.º13 - Distribuição do Distrito

		Profissão			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Funcionário Público	4	1,3	1,3	1,3
	Animadora Social	1	,3	,3	1,7
	Professor(a)	19	6,3	6,4	8,1
	Estudante	199	66,3	67,0	75,1
	Informático	3	1,0	1,0	76,1
	Reformado	5	1,7	1,7	77,8
	Caixa de Balcão	3	1,0	1,0	78,8
	Empresário	3	1,0	1,0	79,8
	Motorista	1	,3	,3	80,1
	Militar	2	,7	,7	80,8
	Engenheiro	8	2,7	2,7	83,5
	Assistente Social	2	,7	,7	84,2
	Optometrista	1	,3	,3	84,5
	Operário Fabril	2	,7	,7	85,2
	Enfermeiro	6	2,0	2,0	87,2
	Técnico de Análises Clínicas	1	,3	,3	87,5
	Empregado de Balcão	2	,7	,7	88,2
	Bancário	2	,7	,7	88,9
	Terapeuta da Fala	3	1,0	1,0	89,9
	Jornalista	1	,3	,3	90,2
	Técnico de Comunicação	1	,3	,3	90,6
	Administrativa	4	1,3	1,3	91,9
	Sacerdote Católico	1	,3	,3	92,3
	Serralheiro Mecânico	1	,3	,3	92,6
	Auxiliar de Limpeza	1	,3	,3	92,9
	Jardineiro	1	,3	,3	93,3
	Carpinteiro	1	,3	,3	93,6
	Desempregado	8	2,7	2,7	96,3
	Operadora de Vendas	1	,3	,3	96,6
	Cozinheira	2	,7	,7	97,3
	Piloto	1	,3	,3	97,6
	Advogado	1	,3	,3	98,0
	Carteiro	1	,3	,3	98,3
	Assistente Técnico	1	,3	,3	98,7
	Assistente Operacional	3	1,0	1,0	99,7
	Psicólogo	1	,3	,3	100,0
	Total	297	99,0	100,0	
Missing	NR	3	1,0		
Total		300	100,0		

Tabela n.º14 - Distribuição da Profissão

Ocupação dos Tempos-livres

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Ir às compras	98	7,7	7,7	7,7
Desporto	148	11,7	11,7	19,4
Navegar na internet	209	16,5	16,5	35,8
Ver tv, cinema	214	16,9	16,9	52,7
Passear	185	14,6	14,6	67,2
Ler, escrever e estudar	124	9,8	9,8	77,0
Ouvir música, cantar e tocar	190	15,0	15,0	92,0
Videojogos	86	6,8	6,8	98,7
Voluntariado	4	,3	,3	99,1
Bricolage, pintura e desenho	6	,5	,5	99,5
Tarefas domésticas	2	,2	,2	99,7
Estar com amigos e familiares	4	,3	,3	100,0
Total	1270	100,0	100,0	

Tabela n.º15 - Distribuição da Ocupação dos Tempos-livres

Acesso à Internet

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	14	4,7	4,7	4,7
Sim	285	95,0	95,3	100,0
Total	299	99,7	100,0	
Missing NR	1	,3		
Total	300	100,0		

Tabela n.º16 - Distribuição dos Acesso à Internet

Periodicidade no acesso à Internet

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Diário	230	76,7	79,0	79,0
	Semanal	23	7,7	7,9	86,9
	3 a 5 vezes por semana	22	7,3	7,6	94,5
	Quinzenal	2	,7	,7	95,2
	Mensal	2	,7	,7	95,9
	Ocasionalmente	12	4,0	4,1	100,0
	Total	291	97,0	100,0	
Missing	NA	7	2,3		
	NR	2	,7		
	Total	9	3,0		
Total		300	100,0		

Tabela n.º17 - Distribuição da Periodicidade de Acesso à Internet

Tempo Online por dia

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Menos de 30 min	15	5,0	6,4	6,4
	Até 1 h	61	20,3	26,2	32,6
	Entre 1 e 2 h	59	19,7	25,3	57,9
	Entre 2 e 3 h	30	10,0	12,9	70,8
	Entre 3 e 4 h	19	6,3	8,2	79,0
	Mais de 4 h	49	16,3	21,0	100,0
	Total	233	77,7	100,0	
Missing	NA	65	21,7		
	NR	2	,7		
	Total	67	22,3		
Total		300	100,0		

Tabela n.º18 - Distribuição do Tempo que fica Online por dia na Internet

Local de acesso à Internet

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Casa	265	46,2	46,2	46,2
Local de trabalho	72	12,5	12,5	58,7
Escola	132	23,0	23,0	81,7
Cada de amigos	56	9,8	9,8	91,5
Locais públicos	46	8,0	8,0	99,5
Banda Larga Móvel	3	,5	,5	100,0
Total	574	100,0	100,0	

Tabela n.º19 - Distribuição do local onde acede à Internet

Finalidade na utilização da Internet

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Estudo / pesquisa	268	46,0	46,0	46,0
Jogar	101	17,4	17,4	63,4
CHAT / Relações sociais	200	34,4	34,4	97,8
Informações diversas	5	,9	,9	98,6
Trabalho	2	,3	,3	99,0
Compras	1	,2	,2	99,1
Ouvir música	1	,2	,2	99,3
Downloads	3	,5	,5	99,8
Intranet	1	,2	,2	100,0
Total	582	100,0	100,0	

Tabela n.º20 - Distribuição da Finalidade de utilização da Internet

Descrição das desvantagens no uso da Internet

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Vírus	131	14,8	14,8	14,8
	Problemas de Segurança	119	13,4	13,4	28,2
	Pessoas desconhecidas a tentar falar connosco	64	7,2	7,2	35,4
	Spam e publicidade indesejada	81	9,1	9,1	44,5
	Má qualidade da informação	51	5,7	5,7	50,2
	Conteúdos impróprios	66	7,4	7,4	57,7
	Publicidade enganosa	84	9,5	9,5	67,1
	Utilização abusiva da informação pessoal	75	8,4	8,4	75,6
	Pessoas que utilizam, de forma abusiva, o computador podem tornar-se viciada ou anti-sociais	99	11,1	11,1	86,7
	Pessoas mal intencionadas (pirataria)	95	10,7	10,7	97,4
	Controlo abusivo por parte do governo	4	,5	,5	97,9
	Perda de tempo	8	,9	,9	98,8
	Redução do contacto pessoas em prol do contacto à distância	11	1,2	1,2	100,0
	Total	888	100,0	100,0	

Tabela n.º21 - Distribuição das desvantagens da internet

Internet como forma de comunicar com os outros

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	248	82,7	83,5	83,5
	Não	49	16,3	16,5	100,0
	Total	297	99,0	100,0	
Missing	NA	2	,7		
	NR	1	,3		
	Total	3	1,0		
Total		300	100,0		

Tabela n.º22 - Distribuição da utilização da Internet como forma de comunicar com os outros

Potencialidade dos serviços da Internet

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito boa	79	26,3	27,2	27,2
	Boa	172	57,3	59,3	86,6
	Razoável	35	11,7	12,1	98,6
	Fraca	3	1,0	1,0	99,7
	Muito fraca	1	,3	,3	100,0
	Total		290	96,7	100,0
Missing	NA	6	2,0		
	NR	4	1,3		
	Total	10	3,3		
Total		300	100,0		

Tabela n.º23 - Distribuição das Potencialidades da Internet

		Encarar o fenómeno			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Económico, cómodo, prático e rápido	20	6,7	8,2	8,2
	Fazer novas amizades	8	2,7	3,3	11,5
	Positivamente, excepto quando as relações interpessoais passam só por esta ferramenta, podendo tornam-se anti-sociais	24	8,0	9,9	21,4
	Mantém o contacto à distância de forma completa (comunicação verbal, voz, vídeo) e em tempo real	86	28,7	35,4	56,8
	Reflexo da globalização da informação. A internet comporta informação para qualquer tema de pesquisa	15	5,0	6,2	63,0
	Permite partilhar experiências e discutir ideias	5	1,7	2,1	65,0
	A comunicação é menos emotiva	3	1,0	1,2	66,3
	Preocupação ao nível da regulamentação	1	,3	,4	66,7
	Desde que seja utilizada dentro dos parâmetros da regularidade e com bom senso, não há inconvenientes	8	2,7	3,3	70,0
	Globalização de povos e culturas. Interage-se com outras culturas e realidades diferentes daquelas que conhecemos	15	5,0	6,2	76,1
	Positivamente	56	18,7	23,0	99,2
	É necessário vigiar a comunicação, especialmente nas crianças	1	,3	,4	99,6
	Sem opinião	1	,3	,4	100,0
	Total	243	81,0	100,0	
	Missing	NA	35	11,7	
NR		21	7,0		
System		1	,3		
Total		57	19,0		
Total	300	100,0			

Tabela n.º24 - Distribuição da forma como é encarado o fenómeno da Internet como ferramenta de comunicação à distância

Motivo e Vantagens da Internet como forma de comunicar com os outros

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sem opinião	7	2,3	3,0	3,0
	Económico, cómodo, prático e rápido	84	28,0	35,9	38,9
	Gostar de comunicar	6	2,0	2,6	41,5
	Intervir mais facilmente na sociedade ou nas diferentes comunidades e receber feedback	3	1,0	1,3	42,7
	Conhecer novos horizontes e pessoas virtualmente	11	3,7	4,7	47,4
	Motivos profissionais e/ou lazer	7	2,3	3,0	50,4
	Comunicação instantânea, com imagem em directo. Encurta a distância e diminui a ausência	88	29,3	37,6	88,0
	Troca de ideias e informações para resolução de problemas	26	8,7	11,1	99,1
	Facilidade em estabelecer/manter conversas sem que seja necessário encarar a pessoa	2	,7	,9	100,0
	Total	234	78,0	100,0	
Missing	NA	48	16,0		
	NR	18	6,0		
	Total	66	22,0		
Total	300	100,0			

Tabela n.º25 - Distribuição dos motivos e vantagens da utilização da internet como forma de comunicar com os outros

Contributo da Internet no dia-a-dia e no desempenho das actividades

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Fácil acesso à informação actualizada permanentemente	254	21,3	21,3	21,3
	Aceder a informação que não está disponível noutros locais	168	14,1	14,1	35,4
	Possibilidade de comunicar com todo o Mundo	183	15,4	15,4	50,8
	Conhecer novas pessoas e fazer novas amizades	82	6,9	6,9	57,6
	Encontrar pessoas com interesses comuns	57	4,8	4,8	62,4
	Local de lazer para todas as idades	110	9,2	9,2	71,6
	Aprender e aumentar as suas qualificações	141	11,8	11,8	83,5
	Poupar tempo	136	11,4	11,4	94,9
	Possibilidade de fazer compras	61	5,1	5,1	100,0
	Total	1192	100,0	100,0	

Tabela n.º26 - Distribuição dos contributos da internet no dia-a-dia e no desempenhos das actividades dos inquiridos

Internet altera a vida das pessoas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo totalmente	136	45,3	46,3	46,3
	Concordo	136	45,3	46,3	92,5
	Neutro	18	6,0	6,1	98,6
	Discordo	2	,7	,7	99,3
	Discordo totalmente	2	,7	,7	100,0
	Total	294	98,0	100,0	
Missing	NA	2	,7		
	NR	4	1,3		
	Total	6	2,0		
Total		300	100,0		

Tabela n.º27 - Distribuição das respostas à afirmação a internet alterou a vida das pessoas

Influência da Internet na vida

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não influenciou	17	5,7	6,3	6,3
	Evita a monotonia	1	,3	,4	6,6
	É viciante. As pessoas passam muito tempo ao computador	15	5,0	5,5	12,1
	Auto-aprendizagem	9	3,0	3,3	15,4
	Meio de comunicação que provoca comportamentos anti-sociais e reprimidos	3	1,0	1,1	16,5
	Amplia o círculo de amigos, mais interacção com as pessoas	11	3,7	4,0	20,6
	Pesquisa e partilha rápida de conhecimento, informações e conteúdos, anteriormente indisponíveis	50	16,7	18,4	39,0
	Poupança de tempo e custos	11	3,7	4,0	43,0
	Comodidade	11	3,7	4,0	47,1
	Facilita procedimentos profissionais	27	9,0	9,9	57,0
	Fornece novas formas de lazer / entretenimento	14	4,7	5,1	62,1
	Abre horizontes	20	6,7	7,4	69,5
	Aumento do conhecimento, do poder de comunicação e acesso à informação	65	21,7	23,9	93,4
	Torna as pessoas pouco ou nada cultas	1	,3	,4	93,8
	Tornou o mundo numa aldeia global	14	4,7	5,1	98,9
É um objecto influenciado por nós e que nos serve	3	1,0	1,1	100,0	
Total	272	90,7	100,0		
Missing	Na	3	1,0		
	NR	25	8,3		
	Total	28	9,3		
Total	300	100,0			

Tabela n.º28 - Distribuição da influência da Internet na vida das pessoas

Limitações da Internet

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não sei se existem	23	7,7	9,1	9,1
	Não tem	53	17,7	21,0	30,2
	Perda de contacto humano (não virtual), isolamento social, limita a comunicação	41	13,7	16,3	46,4
	Falta de liberdade de acesso a conteúdos que o governo considera ilegais, por não estarem previstos na lei	2	,7	,8	47,2
	Segurança fraca, vírus, publicidade enganosa, pessoas mal-intencionadas e bombardeamento de assuntos inúteis	55	18,3	21,8	69,0
	O acesso depende da região do país, devido aos condicionamentos dos serviços	16	5,3	6,3	75,4
	Acesso limitados a pessoas com poucos recursos	21	7,0	8,3	83,7
	Dificuldade de acesso a informação pretendida	4	1,3	1,6	85,3
	Informação desorganização, nem sempre fidedigna e com fontes de validade duvidosa	19	6,3	7,5	92,9
	A Internet é demasiado inexperiente para tudo o que suporta, precisa de uma estrutura melhor	13	4,3	5,2	98,0
	Influencia na formação do ser humano enquanto interventor na melhoria das comunidades	5	1,7	2,0	100,0
	Total	252	84,0	100,0	
Missing	NA	2	,7		
	NR	46	15,3		
	Total	48	16,0		
Total		300	100,0		

Tabela n.º29 - Distribuição das limitações da Internet



